



RADIOGRAFIA DE INVESTIMENTOS

TCE quer saber como recursos são aplicados pelas prefeituras

Gestores têm até a próxima terça-feira para responder questionário e enviar informações. **Página 13**

Foto: Pixabay



Lixo eletrônico precisa ter descarte adequado

João Pessoa agora tem espaço para receber esse tipo de produto, que possui componentes nocivos ao meio ambiente. **Página 20**



Foto: Evandro Pereira

“Muitas doenças são geradas por carência afetiva”, afirma pediatra

O médico Claudio Orestes Britto Filho ressalta que é preciso refletir sobre a realidade em que as crianças estão inseridas.

Páginas 3 e 4

Cooperativas de crédito atraem cada vez mais paraibanos

Setor já reúne cerca de 63 mil associados no Estado, atraídos, especialmente, pela participação nos lucros e nas decisões.

Página 17

Plataforma avalia desempenho de municípios com relação aos ODS

Criado pelo Governo do Estado, em parceria com a UFPB, portal avalia avanços ambientais obtidos pelos municípios.

Página 19

Botafogo joga, hoje, com o objetivo de se manter no G4

Belo encara o Volta Redonda em Nova Iguaçu (RJ), com disposição para chegar à liderança da série C do Brasileiro.

Página 24

■ “O filósofo holandês Baruch Espinosa (1632-1677) afirma que o conhecimento é o mais vigoroso dos afetos”.

Klebber Maux Dias

Página 10

■ “Nem sempre estou lendo os meus livros. Importa-me, sobretudo, que eles me façam companhia”.

Hildeberto Barbosa Filho

Página 11



Foto: Evandro Pereira

Vidas interrompidas pela violência do trânsito

Familiares e amigos enfrentam a dor da perda, com a certeza de que todo o sofrimento poderia ter sido evitado.

Página 5

Correio das Artes

‘Era Nova’, revista que fez história na Paraíba nos anos 1920, é o tema da matéria de capa da edição de maio.



Foto: Bel Gandolfo/Divulgação

Glue Trip: de malas prontas para a Europa

Banda paraibana de rock se prepara para turnê em setembro, já com 25 shows agendados em vários países. Enquanto isso, tem lançado músicas que antecipam a proposta sonora do terceiro álbum, “Nada Tropical”.

Página 9

Editorial

Sabores e saberes

Incentivar a agricultura familiar por meio de políticas exclusivas para o setor é uma das decisões mais acertadas dos gestores públicos em qualquer uma das esferas administrativas. A ação de plantar, colher e vender, protagonizada por grupos de famílias, garante renda e subsistência alimentar, fatores essenciais para a manutenção das comunidades rurais, colaborando também para a despressurização demográfica das cidades.

Outra importante decisão, no plano da gestão pública, é realizar campanhas educativas que promovam a associação entre a agricultura familiar e a agricultura orgânica, garantindo, por esse viés, que alimentos saudáveis, porquanto livres de agrotóxicos e com tempo de estocagem menor, sejam majoritários na mesa dos brasileiros. A saúde agradece esta interatividade conceitual no espaço da agricultura nacional.

Vale ressaltar, que apesar do destaque dado à imponente estrutura do agronegócio e suas sofisticadas técnicas de produção agropecuária, pesquisas indicam que aproximadamente 70% dos alimentos consumidos no Brasil ainda são provenientes da agricultura familiar. Significa dizer que aos produtos dessa natureza estão agregados valores relacionados às práticas e saberes tradicionais; ao conhecimento popular, melhor dizendo.

A mecanização da agricultura favorece o desemprego e impulsiona o êxodo rural. Daí a importância da agricultura familiar para a geração de emprego e renda no campo, tendo em conta que, ao manter as pessoas nas regiões de origem, ajuda a equilibrar a expansão demográfica. Lembrando que o crescimento desordenado das populações urbanas é responsável pela marginalização de um grande número de pessoas.

A agricultura familiar, por fim, estabiliza a “desertificação” de pessoas e florestas promovida pela monocultura, colaborando para a sustentabilidade ambiental, social e econômica. À vista disso, valorizar este modo de produção, por meio de políticas públicas - como sublinhado acima -, é participar ativamente da construção de um tempo de mais igualdade social e menos desequilíbrio no ecossistema global.

Artigo

Sitônio Pinto
sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

A taba, o quilombo

Há inconformados com a destinação de espaços do território brasileiro para servir de reservas aos indígenas ou quilombolas. Em parte, esses inconformados estão certos. Os índios e os negros não deviam estar dentro de reservas, mas do lado de fora. Quem devia estar confinado em reservas é o elemento branco, pois ele é quem é o invasor, escravizador e exterminador. Este é quem deveria estar confinado numa reserva para euro-descendentes. A concessão de reservas para o elemento branco já seria um gesto de extrema generosidade do estado brasileiro. Quem não gostasse que pegasse o navio de volta para Portugal e adjacências.

Antes da invasão europeia, o Brasil tinha mil povos indígenas, legítimos senhores dessas terras que não tomaram de ninguém. Hoje, essas nações estão reduzidas a 182 povos, cada qual em risco de extinção. O mesmo se dá com os quilombolas. A população negra traficada da África para o Brasil ultrapassou uma dezena de milhões de indivíduos, sem contar os trinta por cento que morriam na travessia oceânica da costa oeste africana (Angola, Guiné, Príncipe, Cabo Verde) para cá, ou os quarenta por cento que pereciam no trajeto maior da costa leste (Moçambique) para o calvário de Santa Cruz.

Os mesmos inconformados com a destinação de reservas para índios e quilombolas, reclamam também das cotas nas universidades garantidas para essas etnias. Por muito tempo, esses povos sofreram privação absoluta de escolas. Uns poucos que lograram estudar e mesmo se formar, tiveram negado o acesso a postos de trabalho, como foi o caso do poeta Cruz e Sousa. Criado sob a proteção de sua madrinha, esposa de um general, Cruz e Sousa formou-se em Direito, mas, aprovado em concurso público para o cargo de promotor, foi impedido de tomar posse, pois era negro.

Cadê as cotas dos concursos para preenchimento de cargos públicos, destinadas aos descendentes de africanos e pré-colombianos? Cadê as cotas parlamentares reservadas, também, a esses brasileiros que têm maior dificuldade a se eleger, por excesso de cor e falta de dinheiro?

O remanescente das etnias vítimas do genocídio da invasão e da escravidão ainda têm muito a pleitear. Todo o espaço brasileiro deveria pagar foro ao elemento índio,

pois este é quem é o dono do Brasil. Não há um só palmo de terra brasileira que não tenha sido tomado ao índio. A fazenda, a casa, o apartamento de qualquer brasileiro é resultado da expropriação e da grilagem do território indígena. Não há uma só escritura legítima no território nacional. O terreno particular ou do poder público foi tomado à força, é resultado do assassinato e do latrocínio. A área onde está edificada a igreja, o quartel, o palácio da Justiça ou do Governo, foram, um dia, o espaço de uma tribo soberana, abatida e escravizada pelo invasor cristão e batizador.

O braço escravo, seja índio ou africano, jamais recebeu pagamento pelo seu trabalho. Algum advogado trabalhista já fez o cálculo da indenização devida a esses operários? Quanto se deve de salários não pagos, décimo-terceiro, férias, licenças de gestante e para tratamento de saúde? Ainda não se discutiu o recolhimento diferenciado das alíquotas da previdência, e redução do imposto de renda, para as etnias exterminadas e escravizadas, nem a exigência de menos tempo para aposentadoria de índios e negros.

Eu não estou advogando em causa própria, pois já me aposentei, tenho diploma, anel e dedo, isenção do imposto de renda (meu coração tem quatro molas de aço), e gozo, ainda, de benefícios fiscais para a aquisição de automóvel especial, pois minhas juntas estão entevadas, desgastadas, trincadas, fraturadas e não consolidadas. Nem parecem juntas de índio e negro, mas são.

“

Quem devia estar confinado em reservas é o elemento branco, pois ele é quem é o invasor, escravizador e exterminador

Sitônio Pinto

Foto Legenda

Ortilo Antônio



Moldura da natureza

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com | Colaborador

“Cordão”

A produção musical de Chico Buarque, na década de setenta, assume um forte conteúdo contestador, com mensagens, muitas vezes subliminares, de resistência ao regime ditatorial que o Brasil vivia na época. É o caso de “Cordão”, onde o compositor prega a união de todos, no sentido de enfrentamento da situação, na esperança da transformação daquela realidade, acreditando que dias melhores viriam, mas era preciso reagir de forma coletiva.

“Ninguém/Ninguém vai me segurar/Ninguém há de me fechar/As portas do coração/Ninguém/Ninguém vai me sujeitar/A trancar no peito a minha paixão”.

O grito de rebeldia ecoando no peito de quem se dispunha a enfrentar a violenta repressão instalada no país a partir de 1964. Chico dá voz à coragem, ao destemor, à intrepidez, que deveria tomar conta da consciência coletiva do povo brasileiro. O amor cívico e a paixão pela causa energizavam os corações daqueles que se determinavam a combater o bom combate. Não haveria força de proibição que inibisse essa voluntária disposição de ir à luta.

Declara que sua ousadia não o levaria à desesperança em nenhum instante. Descarta qualquer possibilidade de se deixar dominar pelo medo e abster-se dessa vontade de brigar pelo que acreditava poder contribuir com a construção de uma nova história política no Brasil, num resgate pleno dos princípios democráticos. Fugir seria uma atitude dos covardes e o momento era dos destemidos. Ninguém haveria de tolher sua caminhada. Enquanto houvesse capacidade de clamor e de fé em dias melhores, seu canto seria ouvido e o seu sorriso de esperança entusiasmaria seus compatriotas.

Demonstrar sofrimento seria, na visão dele, sinalizar resignação, aceitação passiva das condições a que estavam sendo impostos. O ideal era revelar que nada os aba-

“

Chico dá voz à coragem, ao destemor, à intrepidez, que deveria tomar conta da consciência coletiva do povo brasileiro

Rui Leitão

tia, nenhum constrangimento ou opressão serviria como componente de surpresa para fazê-los recuar. As tenebrosas noites do período vivenciado não teriam efeito de pavor, pânico, susto, na intenção então definida. Quem se dispusesse a se submeter aos riscos da empreitada, que o acompanhasse formando um imenso cordão.

Não tinha dúvidas de que estaria próximo o dia da celebração da vitória. Depois da tempestade, com certeza viria o tempo da festa, o Carnaval, na comemoração nacional de reconquista da liberdade. E o povo, então, poderia sair às ruas num congregarmento de alegria e contentamento para aplaudir a chegada de um novo tempo de paz e de respeito aos direitos próprios da cidadania.

As mensagens contidas nas canções de Chico Buarque durante o período da ditadura militar, encontram harmonia com o pensamento popular sempre que nos percebemos sob a ameaça do autoritarismo. São hinos revolucionários. Injeções de ânimo para a luta em defesa do Estado Democrático de Direito.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042

Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

Claudio Orestes Britto Filho, Pediatra

“Amor e carinho podem vencer muitas dificuldades”



Segundo o médico, pelo menos 60% das doenças são psicossomáticas, ou seja, geradas por carência afetiva

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Na sociedade atual, famílias estão cada vez mais equipadas tecnologicamente, assoberbadas com as obrigações profissionais, numa correria incessante para cumprir os inúmeros afazeres do dia. A disponibilidade de tempo virou artigo de luxo. E nesse contexto, crianças vão sendo geradas, tendo que se adaptar à falta de oportunidade para brincar ao ar livre e às interações interfaces. Os aparelhos eletroeletrônicos e a internet surgem como vedetes na rotina dos meninos e meninas. O pediatra paraibano Claudio Orestes Britto Filho, que dos seus 60 anos de vida dedica mais de 30 à Medicina, alerta que é preciso refletir sobre a realidade em que as crianças estão inseridas. Um dos mais recentes membros da Academia Paraibana de Medicina, o médico trabalha no Hospital Universitário Ana Bezerra, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), na Segurança e Saúde Médica do Trabalho dos Correios e Telégrafos e como professor na Faculdade Nova Esperança (Famene). Em entrevista ao Jornal A União, o especialista abordou temas polêmicos como o negacionismo da pandemia, a importância da vacinação, e também a relevância da prática do amor e atenção na saúde das crianças. Confira a entrevista do médico pediatra que, entre as inúmeras representatividades, é coordenador da Diretoria da Defesa Profissional da Pediatria da Sociedade Paraibana de Pediatria; integra o Conselho Regional de Medicina da Paraíba (CRM-PB), e é membro do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda).

A entrevista

■ Por que o senhor optou por Pediatria?

Fiz Medicina na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) durante o dia, e na mesma época fiz também Administração de Empresas, à noite, no Unipê. Terminei os dois cursos ao mesmo tempo. Queria fazer Administração Hospitalar, mas não existia o curso, então fiz Administração para depois fazer especialização. Na realidade, fiz três pós-graduações na área de administração: um MBA em Administração de Serviço em Saúde, outro em Planejamento Estratégico e outro em Gestão de Cooperativas. Na verdade, eu não optei por Pediatria, foi a Pediatria que optou por mim. Eu queria fazer Clínica Médica, mas, uma colega insistiu para que fizesse Pediatria porque a residência começava contíguo ao período em que eu tinha terminado o curso. E Clínica Médica eu tinha de esperar seis meses. Então, ela sugeriu que eu fizesse Pediatria, depois fazia Clínica Médica. E na Pediatria eu me apaixonei, me encontrei, e gosto até hoje. Depois que terminei a residência médica, fiz especialização em Infectologia para adulto e criança. Trabalhei e ainda trabalho nessa área. Tenho 60 anos de idade e 34 anos foram dedicados à Medicina na Paraíba e no Rio Grande do Norte.

■ Como o senhor avalia as polêmicas em torno da Covid-19 em nosso país, questões como o negacionismo, por exemplo?

Na verdade, se a gente for se deter em qualquer coisa, não chega a lugar nenhum. Você tem de ter foco e objetividade. O foco no quadro de uma doença grave como essa era encontrar, de certa maneira, algo que modificasse o

curso da doença. E nesse ponto, não tenho dúvida nenhuma, de que a vacina modificou o curso da doença de forma essencial e importante. Então, os questionamentos sobre a vacina, se teve efetividade, isso aí não temos como discutir. Porque tínhamos um quadro de mortes prementes na doença que o início da vacinação modificou esse curso de forma considerável. Então, até que me provem o contrário, o risco/benefício que a vacina trouxe, é incalculável o benefício. Não vou falar de casos esporádicos, porque não vou adiante. Temos de falar do conjunto como um todo, porque a vacina foi modificadora tanto em adulto quanto em criança. Com um detalhe. As pessoas dizem que, proporcionalmente, em criança a vacina foi menos importante porque o número de óbitos neste público foi menor. Quem estava morrendo mais era adultos e idosos. Mas, qual a expectativa de vida de uma pessoa idosa? De 10 a 20 anos. E qual a expectativa de vida de uma criança que vai a óbito por Covid? Cerca de 60 a 70 anos de vida. Então, não dá para comparar a perda de uma criança eventualmente com a de um adulto. A dor é a mesma, porém a vida anda para frente, e a gente depende muito das crianças que são o futuro do país.

■ Qual a avaliação do senhor sobre o papel do Conselho Federal de Medicina (CFM) - durante a pandemia? O Conselho foi omissivo em relação aos médicos que receitaram o Kit Covid?

Na minha opinião, o papel do Conselho foi tentar priorizar, e talvez não tenha sido bem compreendido num momento de incerteza que a gente vivia, a autonomia do médico. O papel dele foi preservar essa autonomia

Prevenção

De acordo com o pediatra, as pessoas se preocupam muito com doença, mas não em se prevenir adequadamente

do médico na opção daquilo que ele tinha conhecimento e expertise, sem deixar de evidenciar as consequências do uso indevido de determinadas situações que extrapola o bom senso e o conhecimento. Nesse ponto, acredito que ele tenha tido uma ação de resguardar a possibilidade de utilizar as terapêuticas disponíveis naquele momento. Entretanto, talvez ele tivesse tido uma ação mais efetiva ao estabelecer condutas com base no aspecto dos achados que, na medida que fossem avançando, fossem sendo evidenciados ou excluídos.

■ Falando sobre a Covid ainda, o senhor poderia imaginar que a vacinação infantil poderia ser questionada e até negligenciada?

A princípio não. Porém, quando foram surgindo os questionamentos em relação às ditas vacinas por um processo de fabricação diferente do que chamamos de tradicional, suscitaram muitas dúvidas. Contudo, volto a falar que as vacinas, mesmo essas, provocaram uma alteração no fluxo da pandemia. E isso, de todo jeito, é benéfico.

■ Durante a pandemia, as outras vacinas, de uma forma geral, foram esquecidas. Qual a importância das vacinas para a sociedade?

Há dois séculos a expectativa de vida do ser humano chegava a 40, 50 anos. O fator modificador da expectativa de vida sem dúvida foram as vacinas e o avanço delas numa sociedade. Eu fiz Infectologia e lembro que tivemos duas enfermarias lotadas com sarampo, uma lotada com difteria, casos e casos de meningite. Eu comparo uma meningite a uma batida de um carro, a criança morre com dois, três dias. Às vezes não dá tempo de você se preparar para uma situação grave. É perder e você ficar sem prumo. Então a vacina, de uma forma geral, foi o fator modificador da expectativa de vida mais importante que a gente teve, juntamente com o tratamento da água. Mas, em termos práticos, com a Covid a gente teve um retrocesso na vacinação, porque as crianças estavam presas, sem postos de saúde que pudessem dar conti-

nuidade às vacinas. Tanto é que hoje a gente tem ameaça de casos de sarampo, quando a gente achava que estava praticamente tratado. Outras doenças podem surgir com a falta da continuidade da vacinação. É como se a gente tivesse parado no tempo.

■ Quais os riscos que a população corre se não houver a retomada da vacinação?

Seria, além do lapso da vacina, dos cuidados essenciais com prevenção. A gente se preocupa muito com doença, mas não com prevenção. Na pediatria temos a puericultura, que é basicamente a prevenção da saúde na criança e, ao longo prazo, no adulto também. Com essa falta de assistência contínua a gente teve um atraso significativo nos cuidados que são importantes para a prevenção e também até para o diagnóstico precoce de algumas doenças como o câncer. Exames como a mamografia, importante para a mulher, deixaram de ser feitos e isso tem impacto significativo.

■ Essa reação da sociedade em um estado pandêmico, de focar na crise imediata e esquecer outros cuidados essenciais, é normal?

Na pandemia, houve concomitantemente uma síndrome do pânico generalizada. E o medo paralisa as pessoas, congela as pessoas. Aí elas deixam de fazer o que habitualmente faziam e passam a focar, em tese, em uma ameaça imediata, que é o caso da pandemia.

■ A pandemia trouxe ansiedade para pessoas de todas as idades. O senhor tem percebido, nos últimos tempos, que as crianças têm ficado mais ansiosas? O motivo seria apenas a pandemia?

“

O ideal seria a escola em tempo integral. Acho que isso é uma boa solução, porque há a socialização entre as crianças, atividades lúdicas, mas também questões educativas

Claudio Orestes

Eu escrevi um artigo chamado ‘Violência e obesidade’. Aí você me pergunta o que a violência tem a ver com a obesidade? Tem muito. Embora João Pessoa tenha espaços públicos, como praças, elas não são utilizadas de forma adequada. Antigamente, quando eu era criança, brincava na rua e às vezes chegava só na hora de tomar banho e dormir. Hoje, qual o pai que tem coragem de deixar seu filho solto numa praça? Então, a maioria das pessoas está vivendo confinada. Em um zoológico, você vê um animal andando de um lado para o outro para abater a ansiedade. Os condomínios, a não ser aqueles de classe média ou média alta, não oferecem espaços suficientes para a população e muita gente mora em ‘apertamento’. Se você for observar, a criança aplaca a ansiedade comendo, porque aumenta o nível de endorfina. Então, ela passa o dia comendo, assistindo televisão, no vídeo game, e na internet. São coisas que ela não só não gasta energia como também acumula ganho de peso. Se você for observar, 60% das crianças são obesas. Aí você começa a imaginar também a violência da sociedade, a falta de uma ação efetiva contra a violência de uma maneira geral, a exposição às drogas, a questão de sequestros e outras coisas que acabam acarretando com que a criança fique mais obesas e ansiosa.

■ E qual seria a solução para esse problema? Os pais geralmente trabalham o dia inteiro, moram em ambientes com pouco espaço e a criança não tem acesso à rua, e à praça como antigamente. Como resolver isso?

O ideal seria a escola em tempo integral. Acho que isso é uma boa solução porque há a socialização entre as crianças, atividades lúdicas, mas também questões educativas. A educação é a resposta para muitas perguntas, inclusive a educação em saúde, porque a criança assimila muito mais rápido do que um adulto os cuidados com higiene e com o seu próprio corpo.

■ Quando o senhor fala em escola em tempo integral são poucas ainda as que existem em nosso Estado. Esbarramos então em outro desafio, seria preciso uma iniciativa sobretudo do poder público?

Sim, são pouquíssimas escolas em tempo integral. Partiria não apenas do poder público, mas da cobrança da sociedade, principalmente. Vejo aí uma sociedade apática em cobrar o que ela paga durante cinco meses do seu salário e não tem retorno.

■ Vamos falar sobre a relação pais e filhos. Como pediatra, como o senhor tem visto essa questão, a relação mudou nos últimos tempos?

Continua na página 4

Continuação

De uma maneira geral mudou. Vivemos numa sociedade em que o trabalho é prioritário e a família não conta com a estrutura que antigamente existia. Há algum tempo, as pessoas casavam com a família; vinham os tios, tias, avós e ajudavam a cuidar, transmitindo também conhecimento às crianças. Hoje em dia, com a independência e a conquista da mulher no mercado de trabalho, a família perdeu um membro importante. Atualmente a mãe, e avó trabalha, todo mundo trabalha. E a priorização da carreira é primordial até para a subsistência da mulher. Outra coisa é que se tem filhos cada vez mais tarde e isso passa de duas formas na criação das crianças. A gente observa que com essa diferença de idade ocorre a permissividade ou o maior rigor por parte do adulto. Isso é ruim para a criança. Outro aspecto é o número de filhos cada vez menor, a maioria tem apenas um filho. Quando isso ocorre, a permissividade passa a ser voltada para a questão egocêntrica da criança: ‘meu filho é meu rei, meu príncipe, meu herdeiro’. Aí, você acaba dando a criança uma visão muito egocêntrica em relação ao mundo. Por isso, acho que a questão da escola em tempo integral tem a possibilidade, principalmente de quem tem um filho, de ela conviver com outras crianças.

■ *O senhor falou da conquista da mulher ao mercado de trabalho e nesse processo os filhos ficam com cuidadores e babás. Qual a sua opinião sobre essa realidade?*

O mundo anda para frente e a gente tem de se adaptar. Existem alternativas para essa situação. Os secretários e babás são pessoas que não têm a formação que muitos pais têm, então a gente começa a questionar até que ponto é vantajoso deixar meus filhos sob a autoridade de quem não tem o grau de estudo que eu tenho e às vezes com valores diferentes. Quando não, os pais terceirizam os filhos para a tecnologia. Isso é um entrave grande. A solução é, nenhum dinheiro, nenhum brinquedo vai proporcionar à criança o tempo integral que você dedica exclusivamente a ela. Tempo, hoje, é o bem mais precioso do que qualquer outro.

■ *E a tecnologia, como tem interferido na saúde da criança, especialmente, a saúde mental? Qual o impacto dos computadores, celulares, jogos e da internet no dia a dia dos pequenos?*

Durante muito tempo, a gente imaginou que as tecnologias pudessem substituir o contato humano. Einstein já falou sobre isso. Tem uma reportagem que mostra que pela primeira vez o QI (Quociente de Inteligência) das crianças caiu em relação à geração anterior. A tecnologia é bem-vinda, muitas vezes é muito bem empregada, mas quando não se tem o entendimento de quem deve servir a quem, acaba a pessoa servindo a ela, e não o contrário. As crianças não têm essa percepção e os pais, por outro lado, favorecem essa situação, achando que ela

“

A tecnologia é bem-vinda, muitas vezes é muito bem empregada, mas quando não se tem o entendimento de quem deve servir a quem, acaba a pessoa servindo a ela, e não o contrário

Claudio Orestes

vai trazer algum benefício à criança, quando não traz. A tecnologia, principalmente o celular, cria atalhos mentais. O cérebro não gosta de gastar energia e tem uma coisa chamada piloto automático. Você às vezes vai de um lugar a outro e não se dá conta do que fez durante o trajeto enquanto dirigia, porque estava no piloto automático. As crianças utilizam essa forma de economizar energia para ter acesso a atalhos que a impeçam de imaginar, criar, pensar, refletir e isso tudo, no processo de evolução do cérebro humano, é fundamental. Einstein disse que a criativa é mais importante do que o conhecimento e a inteligência. Quando é que a gente vai ter uma criança criativa se o celular dá tudo de mão beijada a ela? O acesso ao celular só deveria ocorrer a partir dos dois anos de idade. Mas quantas crianças ainda bebês têm acesso ao aparelho para não chorar? E chorar também é importante. Então, o uso da tecnologia precisa ser refletida. Tem de saber quem manda em quem.

■ *O grande acesso a aparelhos eletroeletrônicos tem repercutido na saúde da criança nos consultórios, como problemas de visão, de audição?*

Infelizmente não, porque são questões de longo prazo. Vou para a questão do sedentarismo que isso provoca, problemas de visão como ressecamento e catarata e os aspectos psicológicos. Vou fazer um comparativo. O vício a alguns alimentos doces e a algumas drogas causa prazer. O acesso à mídia tecnológica causa satisfação para o cérebro. Quando a criança vai para a escola e fica um período do dia sem o celular, quando ela chega em casa vai matar o vício com o celular. É preciso se ter muito cuidado com esse comportamento, porque pode se tornar dependente. A pior coisa do mundo é quando estou em casa e terceirizo meu filho para o celular, porque eu também quero estar no celular. Com isso, estamos formando pessoas individualizadas ao máximo, que são autossuficientes com o celular delas. Então, qual a interação que ele vai ter comigo quando estiver independente? É preciso refletir sobre isso.

■ *Vamos abordar o número de crianças com Transtorno*



de Déficit de Atenção (TDA). Tem crescido o número de casos?

Percebemos claramente um aumento significativo desses casos, embora alguns estudos evidenciem o que existia no passado. Trabalhei muito tempo com crianças portadoras de necessidades especiais. Eu digo, com toda certeza, que a gente não tinha essa quantidade em relação ao que atualmente a gente vê hoje. E, se tinha, passou despercebido, o que é pouco provável. É um número cada vez mais significativo e com diagnóstico complicado. Porém, algumas coisas são importantes observar neste contexto: a questão da alimentação a partir da nutriente; a questão de fatores poluentes, até dentro do útero - tem um livro interessante sobre isso chamado ‘A parteira e o camponês’; e uma outra coisa importante também que é a epigenética, como a gente se integra com o meio ambiente. Tem estudo que evidencia a importância da epigenética nesse contexto. O TDA é uma questão difícil, porque é uma criança que você não tem controle, você não pode evidenciar para que ela tenha uma resposta imediata. Mas, em qualquer circunstância, digo que o amor e o carinho, são fundamentais e podem vencer muitas dificuldades. Na realidade, a maior doença que a gente tem no mundo chama ‘alguém que me dê atenção’. Basta dizer que 60% das doenças são psicossomáticas, geradas por carência.

■ *Ouvimos na imprensa que há carência de médicos novos na Pediatria. Por que isso ocorre?*

Na verdade, houve uma fuga de muitos médicos pediatras para a atenção básica de saúde. Muitos saíram da Pediatria para os PSFs (Postos de Saúde da Família). Outros ainda mudaram de atuação, e durante certo tempo tivemos uma baixa procura nas residências por causa da remuneração, que ficou aquém do esperado. Então, as pessoas preferiram optar por outra área. Porém, o número de profis-

sionais é suficiente para dar resposta à demanda. O que acontece é que encolheu o serviço de atendimento de pediatria. Basta dizer que em João Pessoa tínhamos seis hospitais de pediatria e agora só temos dois; tinham várias clínicas de atendimento de pediatria e hoje não temos nenhuma; existiam muitos consultórios e hoje se conta nos dedos das mãos os que estão em atividade. Então, mudou o perfil de atendimento, se restringindo mais ao atendimento de pronto socorro, que é muito bom para casos de urgência, mas é péssimo para atendimento habitual de puericultura e outro tipo de consulta.

■ *A presença das mães nos consultórios é a maioria? São elas quem ainda levam os filhos para se consultar? E quais as principais dúvidas?*

Na verdade, elas são praticamente a totalidade. São elas que acompanham os filhos, até a adolescência, e a preocupação maior é com a saúde em termos imediatistas, quando a criança adoce. O ideal seria o atendimento preventivo, esse ainda é pouco, mas também porque há pouco consultório. Aí volto à questão do tempo: quando é que uma mãe tem tempo de perder um horário do expediente de trabalho esperando em um consultório? Isso impacta também na procura.

■ *O senhor é ativo nas redes sociais, com mensagens críticas, mas também com bom humor. Como o senhor vê a interação do profissional médico nas plataformas digitais?*

Eu sempre digo que a gente tem de ter muito cuidado e responsabilidade ao divulgar algumas ações, mas, prioritariamente, a mídia da parte médica são para informes e para transmitir a questão da prevenção e os cuidados inerentes a qualquer situação. Isso requer uma responsabilidade grande, porque você divulga informações para um grande número de pessoas que têm acesso e, quer queira, quer não, você passa a ser referência em determinado assunto.

UN Informe
Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

“ESSA PROPOSTA FERE A CONSTITUIÇÃO”, DIZ DEPUTADO SOBRE PEC QUE PREVÊ MENSALIDADE EM UNIVERSIDADE PÚBLICA

“Graças a essa mobilização, a PEC saiu da pauta da CCJ da Câmara. Mas, precisamos ficar atentos. Ela poderá voltar depois da realização de audiência pública ainda sem data para acontecer”. O alerta é do deputado Frei Anastácio (foto, do PT), para quem a pressão feita por políticos e entidades representativas de docentes e estudantes foram fundamentais para barrar, por enquanto, a tramitação da Proposta de Emenda à Constituição que propõe a cobrança de mensalidades em universidades públicas. O parlamentar destacou uma pesquisa realizada pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes) sobre a renda familiar de alunos dessas instituições: mais de 70% são de famílias com renda de apenas um salário mínimo e meio. “Isso derruba a tese dos bolsonaristas de que as universidades estão ocupadas por gente da elite”, argumentou. Para o deputado, “Voltamos a um passado quando só os ricos tinham acesso à educação. Essa proposta fere a Constituição Federal, que diz que todos devem ter acesso à educação, e que esta garantia é dever do Estado”, avaliou.



Foto: Divulgação

“VEM SUCATEANDO O ENSINO”

Para Frei Anastácio, o Governo Federal tem reduzido os recursos para as instituições públicas de ensino superior como uma estratégia para justificar um futuro processo de privatização. “Desde que assumiu, Bolsonaro vem sucateando o ensino superior no país, para usar essa justificativa de cobrar mensalidades. Estamos de olhos abertos e não deixaremos esse absurdo acontecer”, afirmou.

“OU É MÁ-FÉ OU É IGNORÂNCIA”

O governador João Azevêdo (PSB) reagiu à fala de Nilvan Ferreira (PL), pré-candidato ao governo, que tachou de “inauguração de chuveiro” a entrega da adutora do Vale do Piancó. “Tem candidato que pensa que água nasce na torneira. Não sabe que a água vem lá de longe, de uma barragem distante, que tem tratamento. Isso pode ser uma tentativa de ser engraçado, má-fé ou ignorância”.

“AÇÃO VIOLENTA E DESUMANA”

Na quarta-feira, a Comissão de Direitos Humanos (CDH) do Senado fará reunião extraordinária para tratar da morte de Genivaldo de Jesus Santos, que foi asfixiado por gás lacrimogêneo dentro de uma viatura da Polícia Rodoviária Federal, em Sergipe. O colegiado irá indicar um grupo de senadores para acompanhar as investigações. “Ação extremamente violenta e desumana”, classificou o presidente da CDH, Humberto Costa.

PACHECO VEM À PB EM JUNHO

Presidente da Câmara Municipal de João Pessoa, Dinho Dowsley confirma que Rodrigo Pacheco (PSD), presidente do Senado, participará da programação do 2º Encontro do Conselho Nacional do Poder Legislativo Municipal das Capitais e do 1º Encontro Paraibano de Câmaras Municipais, de 8 a 10 de junho. O senador discorrerá sobre o tema ‘Aspectos Políticos e Econômicos que Impactam a Sociedade Brasileira e a Necessidade de Reformas’.

LDO EM DISCUSSÃO NA QUINTA-FEIRA

Na próxima quinta-feira, a Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO), exercício financeiro de 2023, será debatida pela Câmara Municipal de João Pessoa. A audiência pública reunirá entidades e secretários da prefeitura municipal. De acordo com o calendário, cada vereador terá até o dia 14 de junho para entregar até cinco emendas. Já a prefeitura da capital tem prazo até o dia 15 do mesmo mês para propor alteração na peça orçamentária.

PDT RETOMARÁ TRATATIVAS COM VISTAS ÀS ELEIÇÕES DE OUTUBRO

Nesta próxima semana, o presidente do PDT da Paraíba, Marcos Ribeiro, retornará à Paraíba – ele está em Brasília – para retomar as tratativas com lideranças políticas com vistas a dar encaminhamentos sobre as eleições deste ano. Com a anuência da direção nacional, ele vem articulando para que políticos com mandato ingressem no partido. A preferência recaiu sobre o prefeito de João Pessoa, Cícero Lucena (PP).

VÍTIMAS DO TRÂNSITO

Histórias de vidas interrompidas

Sonhos, planos e presenças que foram brutalmente suspensos e ficaram incompletos por causa de acidentes

Ítalo Arruda
Especial para A União

“A parte mais dolorosa de perder alguém por causa de um acidente de trânsito é saber que qualquer mínimo detalhe poderia ter evitado tanta dor”. Este é o depoimento de uma das sobrinhas de Zezinho, como era conhecido o comerciante José Antônio da Silva, que morreu após fazer uma ultrapassagem e colidir com um caminhão, na rodovia estadual PB-073, no município de Sapé. O acidente ocorreu em agosto de 2019, e segundo Suelen Amaral da Silva, ela e a família ainda sentem a perda de Zezinho, e imaginam como ele estaria se tivesse sobrevivido ao acidente.

“Meu tio era um senhor brincalhão e carismático. Apaixonado pela família, era um bom tio, bom filho, bom irmão, bom marido e adorava ser pai”, disse Suelen. Ele iria completar 62 anos e, à época, estava finalizando o processo de aposentadoria. Duas comemorações interrompidas por uma tragédia.

De acordo com Suelen, José Antônio conhecia bem o trecho da rodovia onde ocorreu o acidente, já que fazia o mesmo trajeto todas as sextas-feiras para realizar compras de mercadorias, mas isso não foi o suficiente para evitar a sua morte. “No início da semana em que meu tio partiu, nós nos encontramos e conversamos. Combinamos um encontro na sexta à tarde, mas ele faleceu horas antes”, relatou.

Suelen recorda que Zezinho “sempre agia de forma madura e centrada diante de qualquer situação” e que, se

estivesse vivo, estaria administrando o negócio, fazendo suas viagens comerciais e aproveitando momentos de lazer com a esposa e os quatro filhos que deixou. “Estamos prestes a completar três anos de saudade, mas ele ainda parece muito presente, tem um pouquinho dele em cada um de nós”, afirmou.

Assim como Suelen, a estudante Thayná Saraiva contrasta as lembranças tristes da morte do pai, vítima de atropelamento, com as boas recordações que guarda dos momentos que viveu com ele. Manoel Moura “era um rapaz feliz, cheio de vida e boa energia”, descreveu Thayná, que ficou órfã de pai quando tinha apenas 12 anos.

Ele foi atropelado há três anos por um motociclista enquanto atravessava, a poucos metros da faixa de pedestre, uma rodovia no bairro dos Bancários, em João Pessoa. Manoel chegou a ser socorrido com vida para o Hospital de Emergência e Trauma de João Pessoa, mas não resistiu às complicações decorrentes do acidente e morreu dias depois. Em 2022, ele completaria 50 anos e, certamente, haveria uma festa, frisão a adolescente.

Para Thayná, se não fosse a desobediência de Manoel, que não atravessou a pista na faixa de pedestre, e a irresponsabilidade do motociclista, que, além de estar pilotando em alta velocidade, fugiu do local sem prestar socorro à vítima, seu pai “estaria aqui, vivendo feliz com a família e aproveitando os fins de semana juntos”, como costumavam fazer. Manoel Moura completaria 50 anos de vida em junho deste ano.

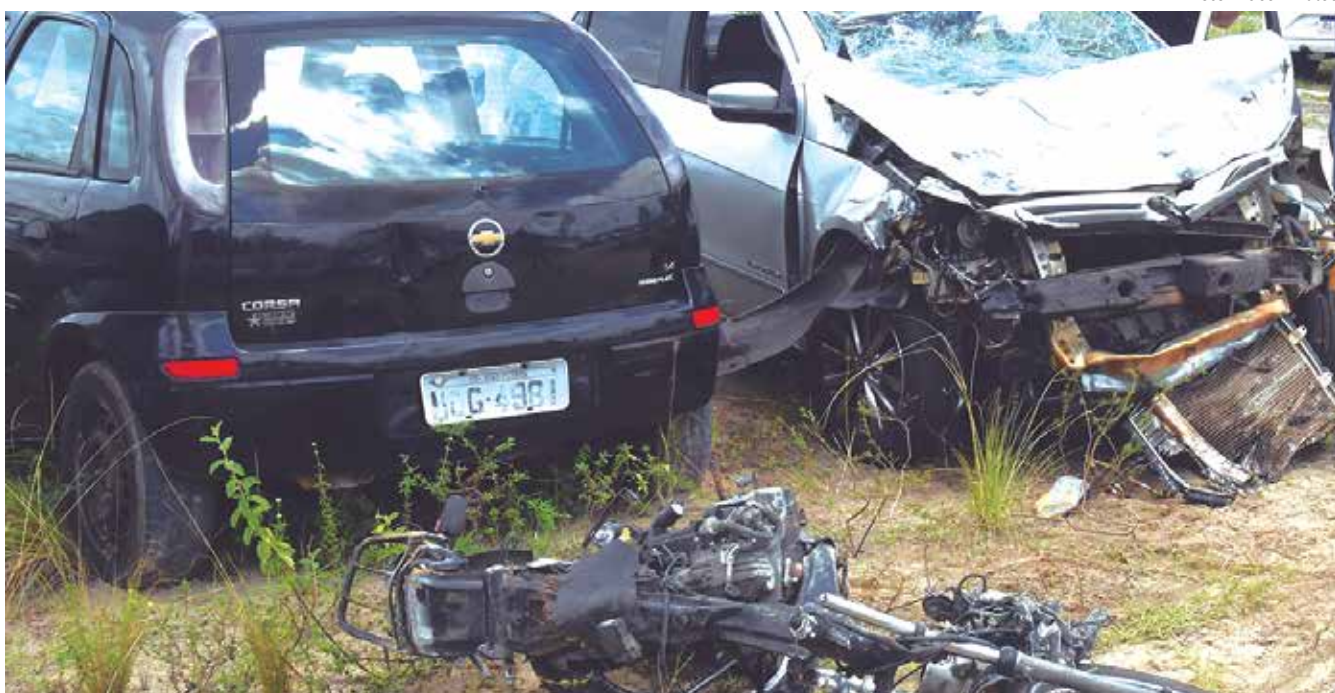


Foto: Edson Matos

Somente no ano passado, nas estradas federais da Paraíba, foram 1.572 feridos e 109 mortos em 1.439 acidentes

Milhares de feridos atendidos em JP e CG

De janeiro a abril de 2022, a Paraíba registrou mais de 6,1 mil atendimentos de vítimas de acidentes de trânsito, apenas nos Hospitais de Emergência e Trauma de João Pessoa e Campina Grande, regulados pelo Governo do Estado, por meio da Secretaria de Estado da Saúde. As vítimas de acidentes envolvendo motocicletas lideram o ranking, com 4.856 atendimentos registrados nos dois hospitais. Em 2021, no mesmo período, foram 4.817 ocorrências.

Já nas rodovias federais, o Anuário

2021 da Polícia Rodoviária Federal (PRF) aponta que 1.439 acidentes foram registrados na Paraíba, com 1.572 feridos e 109 óbitos.

De acordo com a observadora certificada do Observatório Nacional de Segurança Viária (ONSV) e representante estadual da Campanha Maio Amarelo, Abimadabe Vieira, o uso frequente do celular enquanto se dirige, a desobediência à sinalização, o não uso dos equipamentos de segurança, como cinto e capacete, o excesso de velocidade, entre ou-

tras infrações, têm contribuído para o aumento dos acidentes de trânsito.

“Ninguém pode pagar com a vida por causa do erro de outro no trânsito. Além disso, é preciso investir em políticas públicas e educativas que promovam uma conscientização efetiva acerca da responsabilidade que cada um deve ter no trânsito, e em intervenções que aumentem a segurança viária, como revitalização da sinalização, faixas de pedestres e calçadas acessíveis”, destaca Abimadabe.

A PREFEITURA DE JOÃO PESSOA VAI TE AJUDAR A COLOCAR AS CONTAS EM DIA.

Se você tem dívidas de:

IPTU | ITBI | ISS | TCR | Multas de Construção |

Semam (Secretaria de Meio Ambiente) ou Procon-JP.



Descontos de até:

100%
NOS JUROS

90%
NAS MULTAS

Aproveite para regularizar a sua situação

ATÉ

08
DE JUNHO



JOÃO PESSOA
PREFEITURA

cidade que cuida

DOULA

Um anjo da guarda na hora do parto

Profissional atua para tornar humanizado o momento do nascimento do bebê, a concretização da maternidade

Beatriz de Alcântara
alcantarabtriz@gmail.com

O mês de maio é também reconhecido como o mês das mães por celebrar, em seu segundo domingo, o Dia das Mães. Mas, para além da data comemorativa, é importante manter um olhar atento e cuidadoso para a figura materna, visto que, muitas vezes, a maternidade pode ser um caminho solitário e a sociedade pode ser excluyente para essas mães e suas crias. Na contramão dessa realidade, existem algumas profissões e projetos que se colocam à disposição de constituírem uma rede de apoio para mães desde a gravidez até os desafios do puerpério.

Uma dessas profissões é a de doula. Uma doula é uma profissional especializada em parto, que tem por função oferecer suporte físico, emocional e também de informações para gestantes, parturientes e puérperas. “Ou seja, atuamos desde a preparação para o parto até a aplicação de métodos de alívio da dor, e promoção de conforto e bem-estar no parto e pós-parto”, explicou Lays Dantas, doula e educadora perinatal há sete anos.

Segundo a especialista, o trabalho dessa profissional tem início muito antes do parto. Existe toda uma educação perinatal desenvolvida junto à mãe, ainda gestante, que visa prepará-la para o parto com muita informação com base em evidências científicas. “É nesse momento que auxiliamos a gestante a montar uma estratégia para conquistar seu parto respeitoso. Particularmente, considero a parte mais importante do trabalho da doula”, afirmou Lays.

A decisão de Lays em ingressar nessa área profissional nasceu de uma experiência de violência obstétrica, em 2013, quando teve seu filho. “Após essa vivência, eu desejei poder ajudar outras mulheres a não passar pelo

“

É nesse momento que auxiliamos a gestante a montar uma estratégia para conquistar seu parto respeitoso. Particularmente, considero a parte mais importante do trabalho da doula

Lays Dantas

mesmo que eu. Fui me aproximando do movimento de humanização do parto e nascimento, facilitando rodas, e em seguida surgiu a oportunidade de me tornar doula”, contou ela. A especialista, de 32 anos, formou-se pelo Instituto Cândida Vargas e pelo Instituto Transforma Doulas.

De acordo com uma publicação no Instituto de Medicina Social Hélio Cordeiro, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), existe uma prevalência de casos de violência obstétrica em níveis percentuais



Foto: Doula Days/Daniela Aragão/Divulgação

que oscilam entre 18,3% a 44,3%, conforme constatado em estudos de base populacional realizados no Brasil. O assunto ainda é uma pauta que não possui a visibilidade que deveria, mas aos poucos consegue. Recentemente, a influenciadora e empresária Shantal Verdelho foi vítima de violência obstétrica (VO). Áudios pessoais foram vazados nas redes, então, a influencer decidiu expor o caso, tornando-se porta-voz do tema.

A especialista em parto lembra que a doula é a profissional que me-

lhor conhece o cenário obstétrico do local em que está inserida. Além disso, por ser autônoma, não possui conflitos de interesses relacionados a vínculos com equipe médica ou determinado hospital. “A doula é capaz de apresentar para a mulher as possibilidades para a conquista do seu parto respeitoso, dentro da sua realidade”, apontou. É também a doula que “aproxima a mulher das evidências científicas através da educação perinatal, de modo que a mulher esteja cada vez mais bem informada e

conhecedora de seus direitos”, completou.

Lays ressalta que por muitos anos houve certa resistência das pessoas em inserir a doula no cenário de parto. Contudo, aos poucos, esse trabalho tem sido reconhecido como “agentes de transformação e facilitadoras da humanização do parto. Além dos diversos estudos mostrando os benefícios de se ter uma doula, os relatos positivos das mulheres que receberam tais cuidados estão ajudando a mudar opiniões”, pontuou.

“Eu sempre quis parto domiciliar, achava a coisa mais linda”

Agda de Sá, de 27 anos, é mãe de primeira viagem há cerca de dois meses. Na jornada da maternidade que se inicia com a gravidez, a professora de inglês buscou ter, desde o início, o suporte de profissionais respeitosos e que estivessem alinhados com o parto natural e humanizado, dentre eles uma doula. “Acho que eu estava com 15 semanas de gestação, mais ou menos, quando eu entrei em contato com Lays. Conheci ela pelo Instagram e foi a que eu mais me identifiquei, o jeito de falar, ela ser bem extrovertida, bem diferente das que eu tinha visto. A *vibe* dela bateu muito com a minha”, contou.

A professora lembra que sua gestação foi muito tranquila e que a gravidez foi planejada. No terceiro mês de tentativa, ela e o marido, Lucas de Sá, conseguiram engravidar e não houve intercorrências até o nascimento da pequena Olívia. Em relação à equipe médica, Agda afirma que foi acompanhada por uma obstetra ao longo de toda a gestação, por conta dos exames e guias do plano de saúde, mas, como a profissional só trabalhava com cesárea, nunca houve intenção de realizar o parto com ela. Nessa questão, Lays foi fundamental para ajudar os novos pais a encontrarem a equipe que faria o parto do jeito que Agda sonhava.

“Eu sempre quis parto domiciliar, achava a coisa mais linda do mundo a pessoa estar em casa, no seu ambiente, onde você se sente melhor. Não tem nada melhor do que a nossa casa. Para mim, pelo menos, o lugar mais confortável e aconchegante do mundo é a minha casa. Mesmo antes de conhecer o meu marido, mesmo antes de engravidar, eu já pesquisava e achava a coisa mais linda”, comentou Agda. Na realização disso, ela contou

não só com o apoio do marido e do trabalho de Lays enquanto doula, como também de uma enfermeira obstétrica.

Lays enfatiza que parir com respeito no Brasil ainda é um desafio. “Vivemos no país *top* dois de cesarianas e onde os partos normais ainda são, em sua maioria, cheios de intervenções desnecessárias e violência

“

A gente criou uma amizade, uma conexão. Ali eu sabia que tinha uma pessoa que me conhecia, sabia meus medos e minhas aflições

Agda de Sá

obstétrica. Num cenário como esse, é preciso muito estudo, estratégia e saída da zona de conforto, para parir com respeito. E a profissional que vai estar ao seu lado nessa missão é a doula”, lembrou Dantas.

Nesse sentido, Agda reafirma as palavras de Lays ao explicar como a presença da doula durante o parto fez toda a diferença. “A gente criou uma amizade, uma conexão. Ali eu sabia que tinha uma pessoa que me conhecia, sabia meus medos e minhas aflições. Conhecia todo o histórico da minha gestação de perti-

nho e estava ali para me ajudar em tudo, tanto na questão psicológica e emocional, quanto no alívio da dor”, completou a professora.

A professora de inglês explicou que contou com rede de apoio nas três primeiras semanas pós-parto: sua mãe, sua sogra e uma tia do seu marido. “Cada uma passou uma semana com a gente e foi de grande ajuda. Lays tinha nos orientado sobre o verdadeiro papel da rede de apoio, que na verdade a função delas seria dar suporte na alimentação e tarefas da casa, que nós pais deveríamos focar no bebê. E assim fizemos. Ficamos despreocupados com os afazeres domésticos e focamos em conhecer cada dia mais a nossa filha”, disse.

Mesmo agora, alguns meses depois do parto, Lays ainda mantém contato com a “doulanda” e sua família, porque o trabalho e a amizade continuam. “Ficou aquele carinho muito grande por ela e dela por nós. Afinal, ela esteve presente no momento mais importante de nossas vidas e foi uma figura essencial no processo inteiro”, declarou Agda.

As doulas são figuras fundamentais no período de pós-parto, conhecido como puerpério ou resguardo. Nessa fase, onde a mulher está mais sensível e frente a todos os novos desafios da maternidade, os olhares, geralmente, se voltam para o recém-nascido, mas a doula se mantém atenta àquela mãe. “O puerpério é uma fase da vida da mulher que exige muito apoio, e escuta empática e sem julgamentos. A doula está ao lado justamente para isso, para ouvir a mãe sem julgamento e para atender necessidades que vão além dos cuidados com o bebê e que são centrados na mãe”, finalizou Lays.

Foto: Arquivo pessoal



Doula Lays Dantas auxilia um parto domiciliar: “A doula é capaz de apresentar para a mulher as possibilidades para a conquista do seu parto respeitoso, dentro da sua realidade”



A professora de inglês Agda de Sá com marido, a filha Olívia e o enteado: “A doula está ao lado justamente para isso, para ouvir a mãe sem julgamento e para atender necessidades que vão além do bebê

Foto: Alessandra Pedrosa/Divulgação

JEJUM INTERMITENTE

Especialistas orientam sobre a dieta

Para alguns adeptos, a prática é eficiente para perder peso de forma rápida, mas está ligada a problemas de adaptação

Fotos: Pixabay/Divulgação

Juliana Cavalcanti
 julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

O jejum intermitente é uma das dietas mais populares na mídia, atualmente e é defendida por várias pessoas como uma eficiente prática para a perda de peso de forma rápida. No entanto, ela está ligada a problemas como dificuldades de adaptação, riscos para a saúde para aqueles que não têm um acompanhamento profissional, além da tendência à compulsão alimentar, devido ao longo período sem comer.

Os nutricionistas e endocrinologistas não recomendam o jejum intermitente para as gestantes, mulheres que estão amamentando, crianças, adolescentes, idosos, além de pessoas com doenças crônicas, tais como diabetes e hipertensão, bem como pacientes com doenças metabólicas e os que já tiveram câncer.

Trata-se de um padrão alimentar no qual a pessoa se divide entre períodos de privação de alimentos, com redução ou nenhuma ingestão energética, e um determinado tempo no qual as comidas e bebidas são permitidas (conforme o protocolo estabelecido). “É um método de emagrecimento utilizado para intercalar um período de jejum com um período de alimentação com o objetivo que

o corpo utilize esse estoque de gordura e com isso haja uma perda. Funciona como se fosse um cronograma de alimentação”, explica o nutricionista Sebastião Filho.

Essa restrição pode acontecer em dias alternados, jejum de dia inteiro e jejum de tempo limitado. Com isso, a conduta geralmente exige que a pessoa passe entre 12 e 36 horas sem comer nada. Assim, a pessoa pode ficar 24 horas em jejum e depois voltar a comer, como também a cada 16 ou 12 horas, não se alimentar e depois desse intervalo fazer as suas refeições.

De acordo com o nutricionista, quando a pessoa está em jejum, o organismo não recebe alimentos, mas ainda necessita de energia para funcionar. Com isso, a gordura do tecido adiposo é “reciclada” em glicose para alimentar o corpo.

E ao retirar gordura do tecido adiposo para produzir energia, ocorre o emagrecimento. “Só que você não vai passar a vida toda fazendo isso. São condutas que não são usuais, porque ocorrem problemas metabólicos, pois obrigamos o organismo a mexer na gordura pela falta de alimentos”.

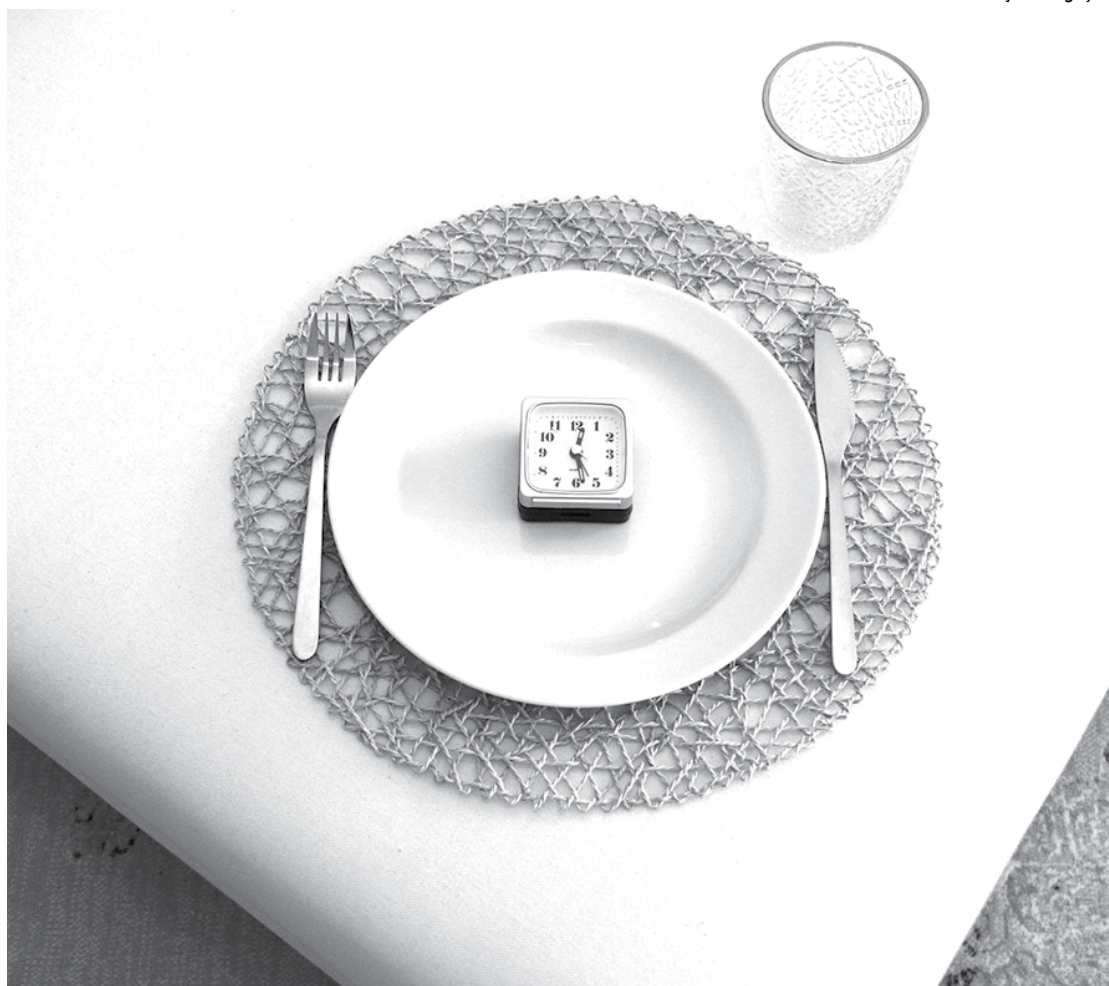
Os efeitos positivos associados ao jejum intermitente são a perda de peso, alterações no metabolismo

“**Só que você não vai passar a vida toda fazendo isso. São condutas que não são usuais, porque ocorrem problemas metabólicos, pois obrigamos o organismo a mexer na gordura pela falta de alimentos**”

Sebastião Filho

energético, na composição corporal, melhora na flora intestinal (microbiota intestinal), glicemia e marcadores de risco cardiometabólico e efeitos relacionados ao retardo no envelhecimento.

Embora, seja uma prática realizada desde a antiguidade, especialmente por grupos religiosos que o adotam, sem alterações por longo tempo,



Muitas pessoas começam a dieta, mas desistem por não conseguirem ficar muito tempo sem se alimentar

como budistas, cristãos, muçulmanos e hindus, esse jejum se tornou conhecido, nos últimos 10 anos, e sua utilização vem sendo acompanhada por alguns nutricionistas.

Ele também é indicado antes de cirurgias e realização de alguns exames de sangue. Porém, hoje, algumas celebridades, defendem os benefícios desse jejum para emagrecer de forma mais rápida.

Para Sebastião Filho, esse ainda é um tema muito polêmico porque apesar de sua associação à redução da obesidade e de gorduras, além de algumas pesquisas já indicarem vantagens, como maior disposição, clareza, controle da glicemia e insulina, existe uma “janela alimentar” nesse processo que merece destaque.

“Tem gente que fica 16 horas em jejum e depois pode comer novamente. Serão 16 horas sem comer e mais 8h para comer o que quiser, completando 24h. Da mesma forma, alguns ficam 24 horas sem comer nada; no outro dia, se alimenta, normalmente. É um tempo grande com fome para o corpo queimar a gordura”, alerta.

Na terceira idade, há riscos de derrame e mal de Alzheimer

Outra discussão está ligada aos problemas de saúde provocados por essa dieta. “Pessoas com diabetes, se ficarem 16 horas sem se alimentar, podem ter hipoglicemia (queda de açúcar no sangue). Também podem ocorrer alterações na pressão e desencadear distúrbios alimentares”, lembra o nutricionista.

Ele afirmou ainda que quando essa dieta é feita, sem a orientação de um profissional, pode levar ainda à desnutrição, anorexia, desidratação, fraqueza muscular e dificuldade para se concentrar ou realizar atividades rotineiras como dirigir (pode causar acidentes em caso de hipoglicemia).

Alguns estudos sugerem, inclusive, que essa conduta, na terceira idade, pode aumentar os riscos de derrame e mal de Alzheimer. De acordo com o endocrinologista Felipe Menezes, caso tenha o acompanhamento adequado, essa dieta não é tão prejudicial à saúde, visto que a obesidade é uma doença e quando começa a perder peso, melhora o colesterol, pressão arterial, glicemia e tudo isso contribui para reduzir o risco de infarto e Acidente Vascular Cerebral (AVC).

“Mas, não é interessante o diabético fazer essa dieta, principalmente se ele usa medicações para controlar a glicemia. É perigoso ficar muito tempo sem se alimentar”, pontuou.

Ele alerta que quanto mais episódios de hipoglicemia a pessoa apresentar, durante a prática do jejum intermitente, maior o risco de mortalidade, em es-

pecial nos diabéticos. Para aqueles que não possuem essa doença, essa dieta não apresenta grandes riscos a depender da quantidade de horas estabelecidas.

O nutricionista, por sua vez, apontou ainda que os aspectos culturais também podem ser prejudicados com esse jejum. “São hábitos ligados à nossa cultura e quando a gente tira algo das refeições (como um cuscuz, por exemplo), pode causar algum problema, principalmente psicológico. Então, a gente tem que ter uma avaliação bem feita dessa redução de calorias, durante esse tempo todo”, ressalta.

Compulsão alimentar

Segundo o nutricionista, como não existem proibições de alimentos, algumas pessoas ficarão um período sem comer e depois podem partir para comidas com alta quantidade de calorias como doces, salgadinhos, pizzas, entre outras.

Com isso, é possível que elas comam até mais do que comeriam normalmente estimulando, assim, uma compulsão alimentar. “Algumas pessoas vão comer tortas, pastéis, pizzas para compensar a fome

e depois entram em jejum novamente. É o organismo precisa entender esse jejum, porque não é uma redução alimentar, mas a retirada de alimento por um período de tempo”, ressalta.

O médico, por sua vez, considera que a compulsão alimentar é geralmente inerente à pessoa, isto é, ela já tem uma tendência a esse problema e come em excesso quando está feliz, ansiosa ou triste. E esse jejum pode trazer esse distúrbio à tona. “A compulsão alimentar está associada à obesidade e tem tratamento. Por isso, os médicos atuam na dieta como no controle da compulsão, com medicações que atuam no controle da ansiedade”, descreve Felipe Menezes.

De acordo com o parecer técnico da Associação Brasileira de Nutrição (Asbran), as investigações sobre a perda de peso entre indivíduos obesos e, com sobrepeso, sugerem perdas de peso e de massa magra equivalentes entre o jejum intermitente e a restrição energética contínua (diminuição de carboidratos). No entanto, a alta restrição alimentar do jejum intermitente pode favorecer comportamentos de compulsão nos momentos em que for permitido o consumo.

Dificuldades para manter dieta

De acordo com o endocrinologista, a proposta do jejum intermitente é que, com

a restrição alimentar de várias horas, o paciente iria perder peso. Porém, em relação ao grupo que apenas fez uma dieta, com menos carboidratos e gorduras, não há grandes diferenças na balança.

“A maior desvantagem do jejum intermitente é que a maioria das pessoas não consegue aderir por muito tempo, pelo fato de ter que ficar várias horas sem se alimentar. É uma dieta mais restritiva do que qualquer outra e com grande desistência”, avalia.

Para ele, essa maior desistência torna mais difícil manter as novas medidas. Também é complicado seguir com uma alimentação saudável ao sair do jejum intermitente, sendo, portanto, uma dieta de curto prazo. Assim, é comum que as pessoas emagrecem, mas quando voltam a alimentação normal, retornem ao peso anterior.

“Um estudo registou que um grupo que fez jejum intermitente, teve uma desistência de 38%, enquanto que o grupo que fez a restrição calórica, foi de 25%. Já os resultados, em termos de emagrecimento, são quase semelhantes, mas a continuidade e a saúde do paciente são diferentes”, informou.

Reeducação alimentar

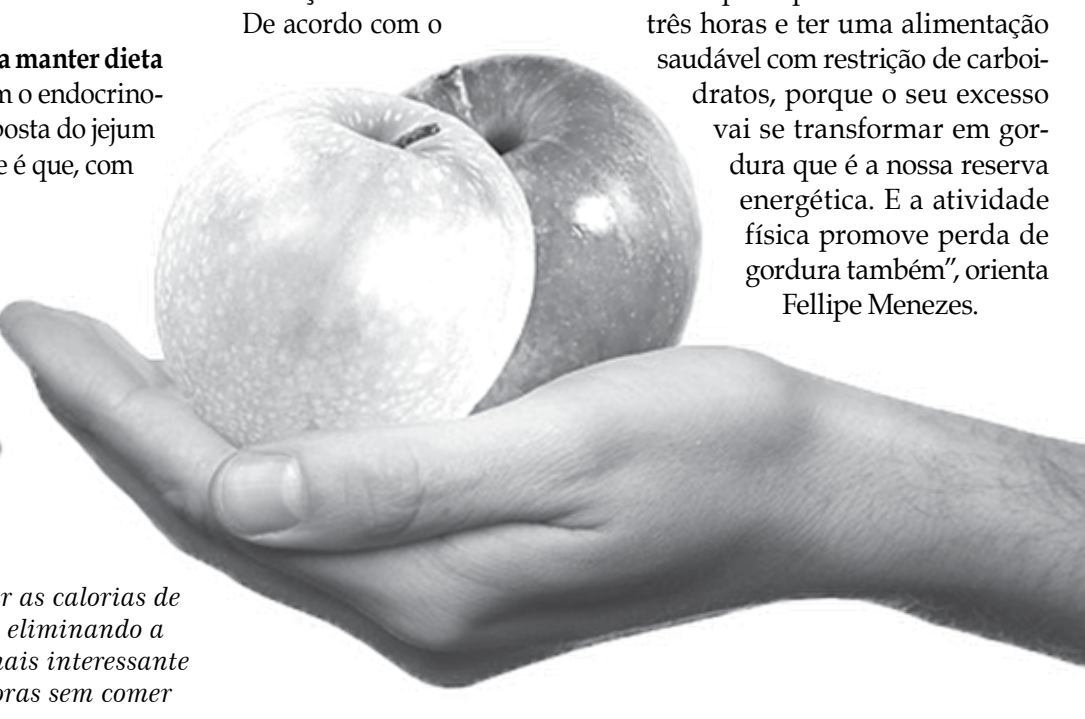
De acordo com o

nutricionista, para que o jejum intermitente seja bem feito, a pessoa tem que organizar um cardápio para ingerir alimentos que não sejam tão calóricos, nos intervalos em que a comida é permitida (janela), evitando gorduras e açúcares em excesso.

No entanto, acredita que o ideal é a reeducação alimentar. Ou seja, aprender a se alimentar, conhecer os grupos de alimentos, ver o que pode comer e a hora adequada. “Existem protocolos para um melhor sucesso do jejum intermitente. Mas, se a pessoa reduzir as calorias de forma suficiente, de forma que afete o metabolismo e ele reaja, eliminando a gordura, é muito mais interessante do que ficar 16 horas sem comer, só tomando água ou chá”, comenta Sebastião Filho.

Já o endocrinologista recomenda que a dieta com menos calorias é um dos métodos mais eficazes, tanto para a perda de peso como para tratamento da diabetes. Isto significa diminuir os carboidratos e gorduras e comer mais proteínas e verduras. Também é preciso ficar atento à quantidade de frutas ingeridas, por dia, porque tem frutose (“açúcar de fruta”) que também podem gerar ganho de peso.

“O principal é comer de três em três horas e ter uma alimentação saudável com restrição de carboidratos, porque o seu excesso vai se transformar em gordura que é a nossa reserva energética. E a atividade física promove perda de gordura também”, orienta Felipe Menezes.



Se a pessoa reduzir as calorias de forma suficiente, eliminando a gordura, é muito mais interessante do que ficar 16 horas sem comer



Pedro Régis: tão generoso que virou até nome de município

Mais de seis mil pessoas moram no local, cuja economia se baseia no comércio, na agropecuária e no artesanato

Laura Luna
lauraluna@epc.pb.gov.br

Um homem bondoso que ao longo da vida se preocupou em ajudar os mais necessitados. Esse foi Pedro Régis, comerciante e fazendeiro que deu nome ao pequeno e pacato município paraibano localizado na região do Vale do Mamanguape, segundo o conceito geral da população local. Com pouco mais de seis mil habitantes, situado no Litoral Norte do Estado e distante cerca de 90 quilômetros da capital João Pessoa, Pedro Régis tem como base da economia o comércio e a agropecuária, sendo conhecido pela fabricação de pimentas, agricultura familiar e artesanato, com foco para o crochê. A cidade, que faz divisa com Jacaraú, Lagoa de Dentro, Curral de Cima e Caiçara, tem também seus artistas populares: o repentis-

ta Léo do Pandeiro; o trio pé de serra "Forró do Braz" e os agricultores sanfoneiros "Filhos do Cuité" são alguns dos nomes da cultura local.

Destaque para a feira livre dos domingos, reativada em junho do ano passado, hoje considerada uma das maiores e melhores da região. No espaço de quase mil metros quadrados, 250 feirantes de mais de 15 cidades negociam seus produtos. Frutas e verduras, carnes, peixes e frutos do mar, temperos, bolos e doces, eletrônicos, roupas, calçados, acessórios e artigos para casa. Muitas das frutas e verduras comercializadas são plantadas no próprio município, que possui um solo apropriado para o plantio de frutas, verduras e legumes. "Macaxeira, inhame, urucum, abacaxi, banana, jaca, caju... o que você imaginar aqui dá para plantação, porque temos uma terra

muito fértil", destaca a prefeita do município, Michele Ribeiro. Quem frequenta a feira destaca não só a variedade e a qualidade e os preços acessíveis. O que mais chama a atenção é a alegria e a simpatia dos comerciantes.

E é a alegria uma das características do município que tem como principais datas comemorativas a Emancipação Política, celebrada em 29 de abril, e a Festa da Padroeira Nossa Senhora de Fátima, festejada em 14 de novembro, oportunidades em que recebe visitantes das cidades circunvizinhas. Outro período bastante festejado é o junino, e para este ano uma série de shows e eventos já foram divulgados. O "Santo Antônio e o São Pedro da Gente", comemorado nos dias 10, 27, 28 e 29 de junho, vai contar com nomes importantes da música, além de fes-

Feira Livre

Muitos dos produtos comercializados são plantados no próprio município, que possui um solo apropriado para o plantio de frutas, verduras e legumes

tival de quadrilha, festival de talentos e feira de artesanato e gastronomia, tudo dentro do "Arraiá do Interior", que reúne também os municípios de Duas Estradas, Lagoa de Dentro, Serra da Raiz e Jacaraú.

"Você precisa provar o nosso pé-de-moleque e a nossa ca-

beça de galo, são deliciosos", sugere Michele Ribeiro. Pedro Régis terá também o "Arraiá da Escola", com os alunos do município aprendendo mais sobre as tradições que envolvem o período. A gestora vê o retorno das comemorações, inclusive as juninas, como uma retomada da autoestima, que passa pela cultura e reconhecimento da população. "É uma forma de fomentar a nossa economia, além de manter viva nas pessoas a tradição das festas juninas, o forró que é tão característico, oportunidade também das pessoas da nossa cidade, que não teriam condições de viajar para outras regiões, aproveitar e participar das comemorações".

Mas nem só de festejos vive Pedro Régis. A beleza natural é um convite aos moradores e visitantes que, a partir deste ano, podem desfrutar de um passeio

ciclístico de 30 quilômetros pela zona rural. O objetivo é desenvolver o potencial ecoturismo local. Outra opção de passeio é o pôr do sol no mirante, localizado na comunidade de Cafula, um show à parte. Com vista privilegiada de onde se veem barragens, açude e serras, assistir à despedida do astro rei do local é ter a certeza de que a beleza está nas coisas simples da vida, como um delicioso banho na barragem do sítio Carnaúba, um dos locais mais frequentados do município e onde moradores e turistas podem desfrutar de um dia especial com direito a banho, pescaria e muita animação. Destaque também para o povo acolhedor e receptivo. "Uma cidade de pessoas simples, mas muito solidárias. De homens e mulheres muito trabalhadores e fortes que sabem receber muito bem", detalha Michele Ribeiro.

Entre a sala de aula e o gabinete

Professora, doutora em serviço social e servidora pública federal, 43 anos, Michele Ribeiro de Oliveira (Cidadania) foi eleita prefeita em 2020. A filha de Virgílio Ribeiro da Silva Filho e neta de Virgílio Ribeiro da Silva, ex-prefeitos de Jacaraú, é a primeira mulher a governar o município. "Foi dito muitas vezes que eu não tinha capacidade de administrar um município, mas apenas uma sala de aula, ou que eu não governaria, mas receberia algum tipo de ordem", lembra. Nada que tirasse da prefeita a coragem ou a vontade de seguir, apesar de entender que o caminho para a equidade de gênero é longo. "Falas sobre a juventude, a beleza, também são falas que tendem a desqualificar a mulher, quando o que está em questão é a competência e a capacidade de ocupar esses espaços".

Michele, que divide o tempo entre a sala de aula e o gabinete, abriu mão do sa-



Eu estou prefeita, sobretudo pelo compromisso de poder contribuir com o município, deixar um legado. O fato de me colocar no lugar do outro me faz trabalhar para que as pessoas tenham uma melhor qualidade de vida

Pref. Michele Ribeiro

lário de R\$ 12 mil como prefeita, gerando para o município uma economia de mais de R\$ 140 mil só no ano passado. "Eu estou prefeita sobretudo pelo compromisso de poder contribuir com o município, deixar um legado. O fato de me colocar no lugar do outro me faz trabalhar para que as pessoas tenham uma melhor qualidade de vida".

A entrevistada lembra que assumiu uma prefeitura em situação econômica crítica e com problemas no fornecimento de serviços essenciais. "Aos poucos estamos trabalhando essa estruturação. Está sendo muito desafiador para a gente poder organizar, mas temos conseguido avançar". Sobre a relação com a sala de aula, a prefeita afirma que há, sim, uma ligação entre os ofícios. "A questão do ouvir, do compreender cada um, que a gente trabalha muito em sala de aula, a gente aplica também na gestão do executivo".

Histórico

Primeiro vereador da região

A emancipação do município é recente, data de 29 de abril de 1994. Antes disso era a Vila Retiro, pertencente ao vizinho município de Jacaraú. Foi Pedro Régis o responsável pelo povoamento do lugar, quando permitiu que as pessoas passassem a firmar moradia em suas terras, aumentando aos poucos a vila. O fundador construiu também a igreja local e tornou-se o primeiro vereador da região, nos anos 50, sendo, no início da década de 60, o primeiro prefeito eleito do município de Jacaraú. Até hoje parentes e familiares de Pedro Régis moram na cidade que homenageia o patriarca.



MÚSICA

Psicodelia do ‘Nada Tropical’

Com turnê pela Europa marcada para setembro, banda paraibana Glue Trip se cerca de grandes nomes da música para falar do Brasil e atingir o mundo mantendo a essência do projeto

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Emergindo da cena psicodélica paraibana, a banda pessoense Glue Trip vem lançando *singles* que antecipam a proposta sonora do aguardado terceiro álbum e já apontam cada vez mais para a internacionalização do grupo radicado há três anos em São Paulo. Serão três faixas reveladas até a divulgação de *Nada Tropical*, que aposta em elementos mais orgânicos e se cerca de grandes nomes da música para manter a essência do projeto de experimentação musical que não se perde na psicodelia. Instaurando um clima reflexivo e nostálgico em suas composições que assumem a influência tropicalista, essa será a primeira vez que a banda grava músicas em português: elas são cinco das nove faixas.

Primeiro veio ‘Lazy Dayz’, em abril. Uma parceria da banda com o maestro Arthur Verocai que se notabilizou por misturar jazz, bossa nova e música experimental, e já trabalhou com nomes como Jorge Ben Jor, Gal Costa, Erasmo Carlos e Marcos Valle. “Gravar com orquestra foi o ápice desse disco. Os arranjos do Verocai são muito brasileiros e trazer ele para o disco é uma mensagem sobre o que estou querendo propor”, destaca Lucas Moura, cantor, compositor e instrumentista na Glue Trip. Na semana passada foi a vez de ‘Tempo presente’ ser divulgada. “A música é um daqueles desabafos que a gente solta numa roda de amigos já depois de várias cervejas. Ela tem frases aleatórias com as obviedades que só se dizem numa mesa de bar e sintetiza para mim toda a sonoridade do novo álbum. Foi o ponto de partida para todo o disco”, resume Moura, que ouvia muito Azymuth, Flora Purim e Marcos Valle enquanto criava as faixas do novo álbum. O terceiro *single* a ser revelado em junho leva inclusive o nome do músico carioca Marcos Valle.

Antes mesmo que *Nada Tropical* seja conhecido em sua completude, a banda já tem uma turnê de 25 shows marcados para setembro na Europa, onde eles devem passar por Suíça, França, Inglaterra, Alemanha e Itália. “Estamos em um momento muito legal e esse terceiro álbum está abrindo muitas portas. A gente tem um público muito forte lá fora. A quantidade de ouvintes que temos no Brasil é a mesma que temos nos EUA, por exemplo”, conta Lucas Moura, que já levou a Glue Trip para a Argentina e para o Chile. Mas suas músicas já se espalharam para muito além disso. “Esse disco ainda tem essa perspectiva de olhar para fora, mas mostrando o que está dentro, na música brasileira. É um disco voltado para o Brasil e também para mostrar o país”.

Fundada em 2013, o primeiro disco saiu dois anos depois com músicas como ‘Elbow Pain’. O vídeo dessa canção já ultrapassou mais de 14 milhões de visualizações no YouTube e ganhou várias versões por todo o mundo. O sucesso não passou despercebido por selos internacionais, e o primeiro álbum do grupo foi lançado no Japão e na Europa em formatos físicos. Com *Sea at Night* (2018), segundo disco da banda – considerado um dos álbuns brasileiros mais experimentais daquele ano pela crítica especializada –, eles começaram a mergulhar ainda mais profundamente nas águas da música brasileira em fusão com os sintetizadores da música eletrônica.

Para o terceiro álbum, programado para chegar às plataformas de streaming no dia 15 de julho, o grupo se renovou completamente e começando por seus integrantes, que agora conta com João Boaventura (piano elétrico), Pedro Lacerda (bateria) e Thiago Leal (baixo). No sentido contrário ao que a pandemia exigia, para a criação de *Nada Tropical* Lucas decidiu fugir do padrão de composição quase sempre solitário dos discos anteriores para reunir mais pessoas para o seu projeto e marcar uma oposição contra o individualismo que naturalmente as condições de trabalho ensejavam. Foi assim que eles convidaram ainda o produtor musical, arranjador e multi-instrumentista Zé Nigro. O nome dele está associado a artistas como Russo Passapasso e à bandas *indies* de São Paulo, como Anelis Assumpção, Bárbara Eugénia, Curumin e Saulo Duarte. Integra o projeto ainda o pernambucano Otto em uma faixa que homenageará a Praia do Bessa, em João Pessoa.

Com gravações realizadas no estúdio YB, em São Paulo, pelo selo Matraca Records, o nome *Nada Tropical* contém uma dose de ironia e outra de crítica. Esse é um álbum eminentemente tropicalista da banda, e o que anda em desacordo com isso é o próprio país. “A gente está acostumado a conhecer o Brasil de Jorge Ben, Gilberto Gil, Gal Costa e Rita Lee, e quando você olha para a situação atual você percebe que ele não está nada tropical com Bolsonaro”, considera Lucas. “Tenho muito orgulho desse trabalho. Ele é o melhor que já fiz até hoje. É a Glue Trip que eu sempre quis”.

E para chegar onde eles desejam foi preciso dar um passo à frente: um passo para fora do estado e do Brasil, apesar de Lucas fazer questão de continuar apresentando a banda como paraibana. “Eu lidero o projeto e ele surgiu em João Pessoa, que foi onde eu construí a base da banda e ele tem muito a ver com o lugar. A cidade foi um celeiro para as ideias da Glue Trip, mas a gente atingiu um teto. Ou a gente se satisfazia com aquele teto, ou iria para fora buscar um teto maior”, ilustra o pessoense.

Muitos dos novos ouvintes da Glue Trip vêm dos cliques produzidos pela banda. Por isso mesmo, eles dão especial atenção ao conceito visual e a um padrão estético que funciona de forma adicional e complementar ao som que estabelece uma atmosfera de efeito alucinógeno. Lucas Moura não nega que faz músicas para viajantes. “Eu não delimito o meu público. As músicas estão aí e estão disponíveis para quem as quiser escutar. Quando eu digo que são músicas para viajantes é que quando estamos viajando nós entramos em um estado de espírito mais contemplativo e a música se integra neste momento”, finaliza.



Foto: Bel Gandolfo/Divulgação



Lançando ‘singles’, como ‘Tempo Presente’, para apresentar o novo disco, ‘Nada Tropical’, grupo já tem agendados 25 shows que passarão pela Suíça, França, Inglaterra, Alemanha e Itália

Imagem: Divulgação



Através do QR Code acima, acesse as plataformas para conferir o ‘single’

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Charles T. Russell

Charles T. Russell entrou para história depois de fundar as Testemunhas de Jeová. Trata-se de uma figura controversa. A revista *Sentinela*, de 15 de junho de 1905, principal publicação das Testemunhas de Jeová, que está sob o seu comando, colocou em dúvida a negritude de Cam e Canaã, exaltando uma suposta superioridade dos homens brancos. Dizia que se os negros lograssem a salvação acabariam livres do flagelo da cor e se tornariam brancos.

Pesam contra Russell também acusações de charlatanismo. Uma das histórias mais famosas é a venda de um trigo que teria sido abençoado por Jeová, vendido por um dólar a libra. O caso ganhou notoriedade nos jornais locais e Russell foi tratado como impostor.

O núcleo básico das ideias de Russell deve muito a dois proeminentes teólogos protestantes norte-americanos: George Storrs e Nelson Barbour. O historiador James Penton atribui peso maior ao primeiro, que chegou a ser ministro da Igreja Metodista Episcopal. Suas contribuições foram decisivas ao pensamento de Russell e das Testemunhas de Jeová.

De Storrs, Russell herdou a crença no condicionalismo, isto é, a convicção de que os seres humanos não possuem almas e também a ideia de que os mortos estão inconscientes aguardando pela ressurreição. A doutrina do resgate de Cristo, a esperança na restituição do paraíso na Terra e a prática da comemora-

ção da morte do salvador no dia 14 de nisan de cada ano, entram no “pacote de influências” de Storrs.

Storrs esteve obcecado pelos cálculos do fim do mundo. Durante certo tempo seguiu William Miller, líder religioso Batista, o mesmo que previu que o segundo advento de Cristo aconteceria entre 1842 e 1843. Essa crença se baseava em Mateus 24, no trecho em que Jesus diz que o sol e a lua se apagarão e haverá uma queda de estrelas no céu antes do fim. Miller acreditava que isso ocorreu respectivamente em 1780 e 1833, pois nesse ano houve uma chuva de meteoros. Podemos imaginar a ansiedade e o frenesi coletivo que a expectativa iminente do fim do mundo produziu em seus seguidores.

Miller acreditava que a geração que testemunhou tais acontecimentos também veria o fim. Seus seguidores tinham origens diversas e se dispersaram após o fracasso de suas previsões. Mas essas ideias seriam incorporadas pelos Adventistas do Sétimo Dia, e, posteriormente, ganhariam nova roupagem com as Testemunhas de Jeová. É com o pregador adventista Nelson Barbour que Russell se convencerá que o segundo advento será invisível. Essa doutrina tem grande destaque na teologia TJ, sendo fundamental para a interpretação da profecia de 1914. Barbour adotou o mesmo sistema cronológico de Wendell a respeito dos 6 mil anos. Contudo, no seu sistema, a data 1873 representa-

ria a volta invisível de Cristo, não o fim do mundo.

De acordo com Penton, Russell foi uma espécie de Mecenas de Barbour. Financiou a elaboração do livro *Three Worlds and the Harvest of This World*. A obra é tomada por uma visão escatológica do mundo que defende, entre outras coisas, que um dia é equivalente a um ano. O mais impressionante é que Barbour dividiu a História em três fases e passou a acreditar ser possível criar um cronograma que revelaria, passo a passo, as intenções de Deus para a humanidade. Seria possível através de cálculos matemáticos estabelecer um paralelo entre a Bíblia e o devir histórico. Isso deixou Russell muito entusiasmado. A parceria com Barbour durou até 1878, ano em que o livro *Three Worlds* estabeleceu como data para o arrebatamento dos escolhidos. Como nada aconteceu, vários seguidores se decepcionaram e os amigos seguiram caminhos diferentes. Russell deu nova interpretação para a profecia, considerando agora que os que “morriam no senhor”, a partir de 1878, seriam ressuscitados no céu.

Enquanto Barbour preferiu refazer os cálculos. A dissolução definitiva entre ambos se deu com divergência sobre a doutrina do resgate de Cristo e a expiação dos nossos pecados. Barbour abandonou essa ideia e publicou artigo revendo esse novo ponto de vista na revista *Herald of the Morning*, o que Russell acharia inaceitável.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

Cansaço das incertezas

A violência destrói os afetos e toda dignidade humana. Isso gera um pessimismo, e sua desesperança contribui para forçar uma sedutora falsa imagem do indivíduo, de forma a transformar as mentiras em ideologia. Diante dessa tirania, faz-se necessário aguardar a sua autodestruição, entretanto, é possível construir uma esperança através dos afetos, porque existe na própria consciência uma necessidade de não suportar uma mentira por um longo tempo.

O filósofo holandês Baruch Espinosa (1632-1677) afirma que o conhecimento é o mais vigoroso dos afetos. E conhecer os afetos racionalmente é a possibilidade de encontrar a liberdade. Em relação aos afetos, a partir da terceira parte do seu livro da *Ética* (1677), que apresenta A Origem e a Natureza dos Afetos, afirma que eles são a transição de um estado de perfeição para outro, e se dá através do corpo por ser uma dinâmica de forças que possui a capacidade de manter-se. Os afetos são essas variações que uma força efetua quando se encontra com o mundo. Nessa sua tese, o conhecimento parte do corpo através do que se sente, também do que é afetado por estar no mundo. Nesse contexto, “corpo e mente” são uma única unidade. Enquanto a “mente” constrói uma afinidade com o mundo ao seu redor... o “corpo” se torna capaz de agir no mundo.

Espinosa afirma que “o conhecimento intelectual é igual ao conhecimento afetivo”, e não é possível alcançar a liberdade sem esse conhecimento, e o “afeto da alegria” é capaz de extrair a ignorância das suas causas e seus efeitos, a fim de construir um pensamento racional. Diante disso, um dos objetivos da filosofia espinosista é mostrar como a razão pode tornar-se um afeto. Isso não afirma que a razão precisa da emoção para tornar-se efetiva e nem a emoção pode conduzir-se com ajuda da razão, porque afeto e razão torna-se uma única substância, e a mente e o corpo não estão separados. Essa tese apresenta a racionalidade enquanto força para afirmar uma ideia, que conduz a união do desejo com a razão. Geralmente, a vontade é um esforço para entender o que se deseja e desejar o que



Filósofo Baruch Espinosa (1632-1677)

se compreende, e a razão pode reordenar os afetos, a fim de estabelecer uma harmonia com eles.

A *Ética* de Espinosa não se constitui somente de leis, porque a razão encontra novas regras de conveniência para estabelecer uma saudável convivência social. Isso apresenta uma diferença entre moral e ética, e o conhecimento torna clara essa diferenciação. Essa *Ética* nasce de afetos alegres; também, de uma intensa confiança na vida, que é diferente da moral – que se alimenta de limitações e tristezas. Por isso, o conhecimento dos afetos afasta o indivíduo da moral e o insere no campo da ética. A partir disso, existe uma transformação dos afetos, e uma apologia ao uso prático do corpo. A harmonia entre mente e corpo, isto é, razão e emoção, através do pensamento, gera uma produção de novos sentidos. Essa relação se inova na vida cotidiana por ser um conhecimento prático, que em cada nova experiência pode aprimorar-se. E o objetivo desse desafio está na constante busca de novas ideias e afetos, porque aprender a viver é útil em si mesmo. Na filosofia espinosista, a razão é um instrumento da virtude por construir a alegria, e através do “esforço do desejo” se supera o cansaço das incertezas e potencializa o conhecimento em afeto.

Concluo com este poema *Peço Silêncio*, do poeta chileno Pablo Neruda (1904-1973):

Agora me deixem tranquilo. / Agora se acostumem sem mim.

Eu vou cerrar os meus olhos.

Somente quero cinco coisas, / cinco raízes preferidas.

Uma é o amor sem fim.

A segunda é ver o outono. / Não posso ser sem que as folhas / voem e voltem à terra.

A terceira é o grave inverno, / a chuva que amei, a carícia / do fogo no frio silvestre.

Em quarto lugar o verão / redondo como uma melancia.

A quinta coisa são os teus olhos, / Matilde minha, bem-amada, / não quero dormir sem os teus olhos, / não quero ser sem que me olhes: / eu mudo a primavera / para que me sigas olhando. / Amigos, isso é quanto quero. / É quase nada e quase tudo.

Agora se querem, podem ir.

Vivi tanto que um dia / terão de por força me esquecer, / apagando-me do quadro-negro: / meu coração foi interminável.

Porém porque peço silêncio / não creiam que vou morrer: / passa comigo o contrário: / sucede que vou viver. / Sucede que sou e que sigo.

Não será, pois lá bem dentro / de mim crescerão cereais, / primeiro os grãos que rompem / a terra para ver a luz, / porém a mãe terra é escura: / e dentro de mim sou escuro: / sou como um poço em cujas águas / a noite deixa suas estrelas / e segue sozinha pelo campo.

Sucede que tanto vivi / que quero viver outro tanto.

Nunca me senti tão sonoro, / nunca tive tantos beijos.

Agora, como sempre, é cedo. / Voa a luz com suas abelhas.

Me deixem só com o dia. / Peço licença para nascer.

Sinta-se convidado à audição do 371º Domingo Sinfônico, deste dia 29, das 22h às 0h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Nesta audição irei apresentar as contribuições do compositor Piotr Ilitch Tchaikovski (1840-1893) para com os afetos no romantismo russo.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

'On the road'

Uma senhora na beira de estrada (da Avenida Beira Rio) me acena e não me remete a canção do Erasmo. Mães e filhos sentados na beira das calçadas pedindo esmolas, deixou de ser novidade. O Brasil é um país selvagem. *On the road*.

Uma “teia de significados” falantes e ambulantes, como diria o antropólogo estadunidense Geertz. A gente na fila, a fila até que anda, mas não termina, todos com cara de mosaicos de palavras (próprias, impróprias e inventadas) que formam um sentido surreal e nonsense, muito imaginoso, cruel e repetido, mas o tempo não espera.

Eu comecei a ler *Gabo & Mercedes - Uma despedida* (Editora Record) um belo livro escrito por Rodrigo Garcia, um dos filhos de Gabriel García Márquez. Nas primeiras páginas, a fragilidade de um homem que antes de morrer, já sabia não ser mortal, um bom sinal.

Talvez isso seja algo banal em grande parte do mundo, os que estão na beira da estrada e os que não sabem até onde vai a estrada. Confesso que fiquei triste com o anúncio da última turnê de Milton Nascimento. Um amigo me disse que se despediu de Milton, no show de 2019, aqui no Teatro A Pedra do Reino.

Milton sacou bem antes, não sobrou na Esquina nem no Clube, obra de arte, belíssima passagem do tempo dele com Toninho Horta, Wagner Tiso, Lô Borges, Beto Guedes e Márcio Borges. A sonoridade do Clube da Esquina é a própria estrada.

Se eu tiver oportunidade irei ver Milton Nascimento cantar 'A Última Sessão de Música'. Senão, farei minhas as palavras do amigo, que se despediu do artista em 2019.

Quando eu li *Cem Anos de Solidão*, vi muita coisa parecida com a gente, a gente sertaneja, que vive todas as sensações de uma cidade grande, mas sabendo que somos cidades personagens da nossa rua. As personagens de Gabriel García Márquez nos indicam as coisas mais próximas, que nos importam, o esperado.

Quero escrever sobre a morte do escritor espanhol, cujos detalhes estão no livro do filho, já que esquecemos de tantas coisas para escrever.

Seguir a música de Milton Nascimento, as coisas belas de sua voz, não há tempo melhor, nem sol para a nos alimentar, com tantas luzes que estão nas canções.

Era isso que eu queria escrever sobre o ato de escrever, de me sentar aqui e abdicar de vez da solidão, mas estamos sempre a falhar.

Acho que estou voltando a escrever do jeito que algumas pessoas me diziam não entender nada e eu dizia: nem eu.

Escrever tem riscos tão óbvios, mas dessa arte, um orgulho. É mais que isso por estes dias em que ainda vejo os pássaros que nos visitavam no pico da pandemia. Acho que eles se acostumaram com o caos.

O mundo ainda funciona, mas já não sabemos se de noite ou de dia, quando nos escondemos para viver em paz e botar o pé na estrada.

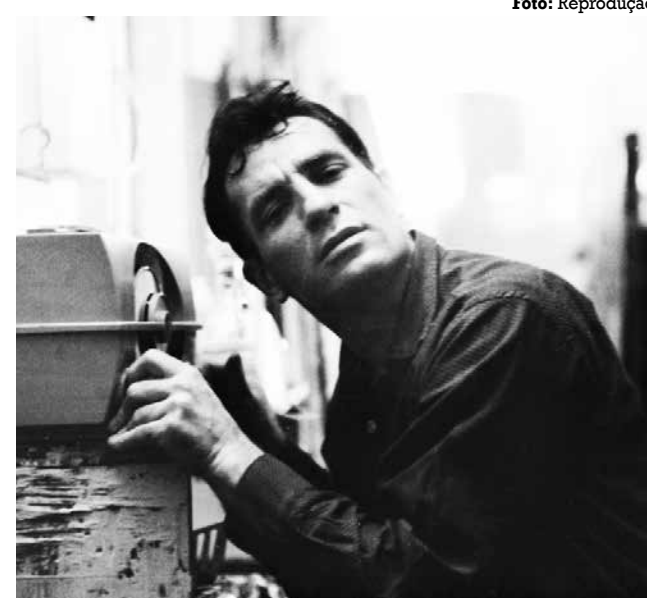
Onde andar Jack Kerouac, cujo centenário acontece neste ano de 2022?

Kapetadas

1 - Apesar de tanta luz solar, o Brasil nunca teve um período iluminista.

2 - Já imaginou que louco quando as pessoas perceberem que elogiar dá mais barato do que criticar?

3 - Som na caixa: “Aprendi novas palavras / E tornei outras mais belas”, Milton e Drummond.



Escritor norte-americano 'beat' Jack Kerouac (1922-1969)

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Dia do Geógrafo lembra um grande parceiro de cinema

Era um professor capaz e deveras conhecedor do ofício que processava, sobretudo cordato em sala de aula. Eu o conheci nos meus primeiros anos de colegial, cursando o Clássico no Grupo Escolar João Úrsulo Ribeiro Coutinho, centro da cidade de Santa Rita. Antes mesmo de chegar ao Lyceu Paraibano, lá pelo final dos anos 1950.

Distinto nos métodos de ensino, em razão de outros professores, mesmo sob as quatro paredes, sua Geografia se fazia viva, plena de curiosidades, e tamanho era o meu empenho por ela, em sala. E foi com quem pela primeira vez experimentei uma aula prática fora da escola, nos arredores da cidade. A região dos Tibirys de Cima tinha uma ambientação geográfica com vegetação farta, fauna, relevos e os melhores atrativos à aprendizagem.

Assim era o professor José Cornélio da Silva, meu inesquecível mentor de tantas estudiantis aventuras. Anos mais tarde, refletidas em arremessos cinematográficos, bitolados em 16mm e Super-8. A exemplo de *Arrição*, *O Coqueiro*, *Lucena Paradisiaca*, e tantos outros filmes e vídeos dos quais fomos sempre parceiros. A partir de então, ele sempre foi uma das minhas fontes de inspiração ao vegetalismo natural de nossas cercanias, marca em quase todos os meus trabalhos com imagens.



Ator Rubens Moreira (E) em visita ao prof. Cornélio (D) durante 'Lucena Paradisiaca'

Quando se comemora hoje, 29 de maio, o Dia do Geógrafo, em tempos idos, o professor José Cornélio recebia a justa homenagem de sua Associação de Geógrafos Brasileiros de Campina Grande. Honraria que fizemos questão de também estender ao notável mestre, em razão de sua ilustre participação no cinema paraibano. Na nossa Academia Paraibana de Cinema, o professor José Cornélio da Silva é Patrono da Cadeira 42, hoje então ocupada pelo também professor Jomard Muniz de Brito.

Uma produção videográfica de ficção, realizada por integrantes da APC, em 2015, sobre importante poeta paraibano do início do século passado, Américo Augusto de Souza Falcão, foi

rodada nas praias de Lucena, ao norte da Paraíba, inclusive, com cenas gravadas no próprio escritório residencial de José Cornélio, próximo à beira-mar. Destacamos sua ambiência de estudos e trabalhos, onde viveu com sua família o mestre Cornélio, por longos anos, tendo como seu personagem um outro acadêmico e parceiro Manoel Jaime Xavier Filho, ocupante da Cadeira 16 da APC.

O audiovisual *Américo – Falcão Peregrino*, que realizamos naquele ano, representa, por assim dizer, um tributo não apenas ao poeta de Lucena, mas também ao próprio professor Cornélio, de saudosa memória. – Mais “Coisas de Cinema”, acesse nosso blog: www.alexasantos.com.br

Letra
 Lúdica
 Hildeberto
 Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Perto dos livros

Não saberia viver sem os meus livros. Gosto de tê-los sempre por perto, mesmo que não os leia. A propósito, vejo este ou aquele na estante sempre à disposição, como alguma coisa que está ali, no seu silêncio, no seu repouso, no seu encanto, na sua gratuidade, inteiramente entregue aos vocativos da descoberta e do compartilhamento.

Vê-los assim só me faz bem. Olhá-los, mensurar o seu formato, escutar o pulsar de suas mensagens secretas constituem como que um ritual que acolhe e acalma. Acolhe o desejo vocabular desse estranho leitor e acalma suas inquietações de ser angustiado e aflito, de criatura que não escapa à agonia da transcendência na imanência.

Nem sempre estou lendo os meus livros. Importa-me, sobretudo, que me eles me façam companhia: no dia, na noite, na madrugada, como gloriosas partículas da eternidade no corpo do tempo.

Sou finito, mas meus livros não o são. Cada livro me parece a prova de ouro de que o infinito habita a domesticidade do ordinário, de que a prosaica rotina da vida pode ser colorida com os sabores extraordinários que habitam a casa das palavras.

Não me parece necessário, em toda situação, o ato de ler. Claro que ler é essencial. Mais que essencial, ler é uma maneira de ser feliz, de frequentar magias e maravilhas de outros mundos, de conviver com múltiplos personagens e de se descobrir dentro de outras travessias.

Mas nem sempre me sinto disposto para enfrentar o sortilégio dessa voluptuosa aventura. Prefiro me sentar na poltrona, dentro da biblioteca, e ficar apenas observando meus livros arrumados nas estantes, a curtir a beleza da solene simetria que os enfileira e une no espaço das prateleiras. Existe, não tenho dúvidas, uma tática e sutil comunicação entre nós. Uma espécie de miraculosa cumplicidade que me dá sossego e segurança.

Aqui, lembro-me de Michel de Montaigne, um de meus guias e mestres espirituais, quando, referindo-se aos livros, em *Dos três comércio*, Livro III, Cap. 3, assim se pronuncia:

“(…) E o tempo corre sem que eu me irrite, pois basta-me sabê-los a meu lado, capazes de me proporcionar um prazer no momento oportuno, ou um alívio quando deles precisar. É a melhor munição que existe para essa viagem humana, e lastimo os homens inteligentes que a desdenham”.

Concordo e assino embaixo! Sou leitor, sei, leitor insaciável e onívoro, porém, também me contento só com possuí-los, os meus livros; só em levá-los comigo para aonde for, só em tê-los em qualquer lugar e a qualquer hora onde estiver, bem pertos de mim.

Tenho em minha casa a minha biblioteca, ou seja, o ambiente especial dos livros. Mas os livros, no entanto, estão em toda parte. Há livros na sala, no quarto, no corredor, na cozinha e no terraço.

Também não viajo sem livros, nem na paz nem na guerra, como me ensina o meu mestre. Carrego livros no carro e na bolsa. Se estou na fila, se estou nas salas de espera, se estou na praça, se estou no bar, na piscina ou na praia, no alpendre da casa ou no campo sob a sombra de uma árvore, trago sempre uns livros comigo.

Nem sempre os leio, como já disse. Apenas os quero bem perto de mim. E isto é bom e isto me alegria o espírito.

Em tempo: a coluna de hoje é para Francisco Gil Messias, Cleanto Gomes Pereira e Adailton Lacet, que amam os livros.

Foto: Reprodução



Filósofo e escritor francês Michel de Montaigne (1533-1592)



APC: Acadêmicos são homenageados

A presidente da Academia Paraibana de Cinema, a atriz Zezita Matos, foi homenageada esta semana na programação do Festival de Cinema no Meio do Mundo. Junto com ela, outro acadêmico também recebeu tributo, o ator de teatro e cinema Fernando Teixeira, que ocupa a cadeira 15 da APC, cujo patrono é Jurandy Moura, documentarista de Padre Zé Estende a Mão. O festival tem caráter itinerante, em algumas cidades da Paraíba, tendo iniciado em João Pessoa, de terça até quinta-feira, no Espaço Cultural José Lins do Rego. No último dia foi exibido o curta-metragem *O Olhar de Zezita*, de Mercicleide Ramos, como também *Papa Rabo*, uma referência à peça que foi dirigida por Fernando Teixeira para o teatro.

EM cartaz

ESTREIA

LUTA PELA FÉ - A HISTÓRIA DO PADRE STU (Father Stu. EUA. Dir: Rosalind Ross. Drama. 12 anos). Baseado em uma história real, Father Stu (Mark Wahlberg) é um boxeador que vira um padre. CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 13h10 - 18h.

TOP GUN: MAVERICK (EUA. Dir: Joseph Kosinski. Aventura. 12 anos). Depois de mais de 30 anos servindo a marinha como um dos maiores pilotos de caça, Pete "Maverick" Mitchell (Tom Cruise) continua na ativa, treinando um grupo de pilotos em formação para uma missão especial que nenhum "Top Gun" jamais participou. CINÉPOLIS MANAÍRA 6 (dub.): 14h - 17h - 20h; CINÉPOLIS MANAÍRA 7: 15h30 (dub.) - 18h30 (leg.) - 21h30 (dub.); CINÉPOLIS MANAÍRA 9 - MacroXE: 13h (dub.) - 16h (dub.) - 19h (dub.) - 22h (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg.): 15h - 18h - 21h; CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 13h30 - 16h30 - 19h30 - 22h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub.): 13h - 16h - 19h - 22h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 17h45 (exceto seg.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 15h - 18h - 21h; CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 15h - 20h; CINE SERCLA TAMBIA 6 (dub.): 15h25 - 18h - 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 15h25 - 18h - 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 3: 15h (dub.) - 20h (leg.).

CONTINUAÇÃO

CHAMAS DA VINGANÇA (Firestarter. EUA. Dir: Keith Thomas. Suspense. 16 anos). Baseado em obra de Stephen King, experimento faz um casal ter habilidades telecinéticas e telepáticas de controle mental. A filha deles acaba desenvolvendo uma capacidade de pirocinética assustadoramente forte, o que coloca uma organização secreta no seu encaixe. CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 20h45; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 15h30 (exceto seg.); CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 21h; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 21h.

DOG - A AVENTURA DE UMA VIDA (Dog. EUA. Dir: Channing Tatum e Reid Carolin. Comédia. 14 anos). Ex-soldado (Channing Tatum) recebe a missão de levar a pastor-belga do exército ao funeral do melhor amigo humano do cão, o treinador de cachorros. Mas, ao longo do caminho, eles enlouquecem um ao outro. CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (dub.): 16h10; CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 17h; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 17h.

DOCTOR ESTRANHO NO MULTIVERSO DA LOUCURA (Doctor Strange in the Multiverse of Madness. EUA. Dir: Sam Raimi. Aventura. 14 anos). Doutor Estranho (Benedict Cumberbatch) vai para uma jornada rumo ao desconhecido. Além de receber ajuda de novos aliados místicos e outros já conhecidos (como a Wanda, interpretada pela Elizabeth Olsen), o mago da Marvel atravessa as realidades alternativas perigosas dos diversos universos para enfrentar um misterioso adversário. CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (leg.): 13h45 - 16h20 - 19h15 - 22h10; CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (dub.): 15h50 - 18h45 - 21h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (dub.): 14h45 - 17h30 - 20h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 13h45 (exceto seg. e ter.) - 16h45 (exceto seg. e ter.) - 19h45 (exceto seg. e ter.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub., 3D): 14h45 - 17h30 - 20h15; CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 17h30; CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 15h45 - 18h15 (3D) - 20h45; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 15h45 - 18h15 (3D) - 20h45; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 17h30.

O HOMEM DO NORTE (The Northman. EUA. Dir: Robert Eggers. Drama histórico. 18 anos). No ano de 914, o príncipe Amleth (Alexander Skarsgård) está prestes atingir maioridade e ocupar o espaço de seu pai, o rei Horvendill (Ethan Hawke), que acaba sendo brutalmente assassinado. Amleth acaba descobrindo que seu tio é o culpado, mas sem sequestrar a mãe de Amleth primeiro. O menino então jura que um dia voltaria para vingar seu pai e matar seu tio. CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (leg.): 20h40.

A MÉDIUM (The Medium. Coreia do Sul, Tailândia. Dir: Banjong Pisanthanakun. Terror. 16 anos). Uma equipe viaja para a parte nordeste da Tailândia para documentar a vida cotidiana de um médium local, que é possuído pelo espírito de uma divindade local que os aldeões adoram. Mas o que pode estar possuindo o xamã pode não ser a deusa que eles dizem ser. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 20h30 (exceto seg.).

MEU AMIGÃOZÃO - O FILME (Brasil. Dir: Andrés Lieban. Animação. Livre). Yuri, Lili e Matt se preparam pra um dia especial e muito aguardado, mas os sonhos da turma vão por água abaixo quando descobrem que os pais mudaram os planos e agora vão juntos para uma mesma colônia de férias, com várias crianças que eles nunca viram. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 14h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 13h30 (exceto seg.).

PUREZA (Brasil. Dir: Renato Barbieri. Drama. 14 anos). Pureza (Dira Paes) é uma mãe solo que mora com seu filho (Matheus Abreu), em uma pobre região do Maranhão. Descontente com a vida, o jovem resolve deixar o local para buscar emprego em um conhecido garimpo, com a promessa de dar uma vida melhor. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 18h20.

QUATRO AMIGAS NUMA FRIA (Brasil. Dir: Roberto Santucci. Comédia. 12 anos). Um quarteto de amigas que se conhecem desde a infância, viajam a despedida de solteira de uma delas (Márcia Flor). CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 15h40; CINE SERCLA TAMBIA 3: 19h; CINE SERCLA PARTAGE 5: 19h.

SONIC 2 (EUA. Dir: Jeff Fowler. Comédia. Livre). Após conseguir se estabelecer em Green Hills, Sonic está pronto para mais liberdade e quer provar que tem o necessário para ser um herói de verdade. CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (dub.): 13h15; CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 16h; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 16h.

Serviço

• Funes [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambiá [3214-4000] • Shopping Partage [83]3344.5000 • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaira [Box] [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Ednaldo do Egypto [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

Colunista colaborador

LITERATURA

Terror vindo da Era Vitoriana

Chega ao Brasil coletânea de contos de Edith Nesbit, uma das grandes autoras do gênero na Inglaterra

Eduardo Augusto
Especial para A União

No último dia 4 completou-se 98 anos da morte de Edith Nesbit, uma das grandes autoras do horror inglês. Nesse ensejo, a jovem Editora Key, capitaneada por Ingrid B., lança o livro que reúne os contos de terror da Edith Nesbit, uma das mais completas coletâneas da autora no Brasil: *Contos Assombrosos*.

Edith Nesbit nasceu na Inglaterra, em agosto de 1858, em Inner London, região de bairros de Londres. Seu pai, o químico agrícola John Collins Nesbit, morreu quando Edith tinha apenas 4 anos. Sua mãe era Sarah Green e completavam sua família duas irmãs, uma delas adotiva, e dois irmãos. Por conta da sua irmã, Mary, fragilizada pela tuberculose, a família viajou por um tempo em busca de tratamento. Mary veio a falecer em decorrência do agravamento da doença.

Aos 18 anos, Edith conhece o banqueiro Hubert Bland. Descobrendo sua má reputação de mulherengo, machista e extremista, ela começa uma relação conturbada que resulta numa gravidez que choca sua família e transforma a sua

vida para sempre. Por pressão da família, Nesbit se casa com Bland.

A autora viveu um casamento complicado com traições, abusos físicos e psicológicos, tendo como auge desse sofrimento a descoberta de que seu marido havia engravidado sua melhor amiga. Edith foi forçada por Bland a conviver com a amante e a filha. Acaba, por pressão do marido, que ameaçava largá-la e difamá-la, adotando a filha e aceitando a amante como governanta.

Com todo esse infortúnio, Edith Nesbit mergulha na escrita, fundando a Fabian Society, nome este que foi dado ao filho, Fabian. Nesbit admirava o artista marxista William Morris e andou junto a Federação Social Democrática. Teve também intensa atividade política.

O êxito de Edith Nesbit não se restringiu a literatura de terror, a autora também teve uma sólida carreira na literatura infantil, influenciando autores como P. I. Travers, Edward Eager, J. K. Rowling. Ela transitou com facilidade pelo mundo das crianças e do horror.

Conversamos com Ingrid B., editora, tradutora e fundadora da Key Editora, que trouxe a antologia *Contos Assombrosos* para o público brasileiro.



Foto: Editora Key/Divulgação

Êxito de Nesbit não se restringiu à literatura de terror: autora também teve uma sólida carreira na literatura infantil

A entrevista

■ *Você criou a editora sozinha e faz praticamente tudo. Quais foram seus maiores desafios?*

Sim, eu faço literalmente tudo sozinha. Tive algumas pessoas que ajudaram de forma voluntária e meu filho me ajuda na parte gráfica. Os desafios são enormes. Você acorda pensando na editora, dorme pensando e se deixar, sonha com o que precisa fazer. Meu grande problema é o tempo para me dedicar às redes sociais, para engajar novos leitores. Como eu fico o tempo todo escrevendo ou traduzindo, fico com pouco tempo para gerenciar o resto.

■ *Por que começar com Edith Nesbit?*

Sempre escolho autoras que representam algo. Edith representa uma era onde as mulheres precisavam escrever com nomes masculinos para ter alguma credibilidade. Foi assim com Elizabeth Gaskell, que tinha contos esquecidos, ninguém se importava com ela, salvo Norte e Sul. Assim foi com Edith Nesbit e Vernon Lee também. Até fevereiro de 2021, ninguém sabia quem eram Nesbit e Lee aqui no Brasil. Depois que lancei o *e-book* na Amazon, e a avaliadora número um afirmou que precisávamos de mais Edith, houve um *boom*. Outras editoras correram para pegar coisas da Edith. Ofereci minhas traduções para essas editoras grandes, mas nunca houve resposta.

■ *A coletânea 'Contos Assombrosos' reúne todos os contos de terror da autora?*

Sim. Achei outros contos, mais 180 páginas. Vou incluir eles no livro e no *e-book* também.

■ *Quais as dificuldades de fazer a tradução dessa obra em específico e quais os desafios de fazer tradução no Brasil?*

As dificuldades em ser tradutor independente é realmente o plágio das grandes editoras. Como não há uma lei efetiva que proteja o tradutor, ficamos sem proteção. Hoje, a lei é ambígua, deixando margens para qualquer um pegar a tradução, mudar algumas coisas e sentido das palavras e pronto: uma nova tradução nasce. Eu, sinceramente, não sei como alguém consegue dormir sabendo que pegou uma tradução de um tradutor independente,

“

Edith representa uma era onde as mulheres precisavam escrever com nomes masculinos para ter alguma credibilidade. Foi assim com Elizabeth Gaskell, que tinha contos esquecidos, ninguém se importava com ela(...). Assim foi com Edith Nesbit e Vernon Lee também.

Ingrid B.

sabendo que poderia contratar este tradutor e ajudar ele a ter seu espaço. Tive problemas com uma pessoa que se dizia amigo, mas era também tradutor. Ele dava *prints* dos meus livros e vendia as traduções para outras editoras. Diante disso, resolvi fazer o Catar-se (plataforma de financiamento coletivo), para mostrar que eu tinha feito as traduções primeiro. Era a única maneira de dizer: Olha, vocês estão agindo errado. Outro ponto é sobre os leitores. Geralmente, eles não reclamam de traduções de editoras renomadas, mas quando dão de cara com uma tradução independente, reclamam que precisa de mais revisões etc.

■ *Como foi trabalhar com o financiamento coletivo?*

Caótico. Desisti dos outros projetos, porque recebi pouco apoio. O livro da Edith Nesbit terá 600 páginas, em capa dura por R\$109. Avisei aos apoiadores que vou tentar colocar em

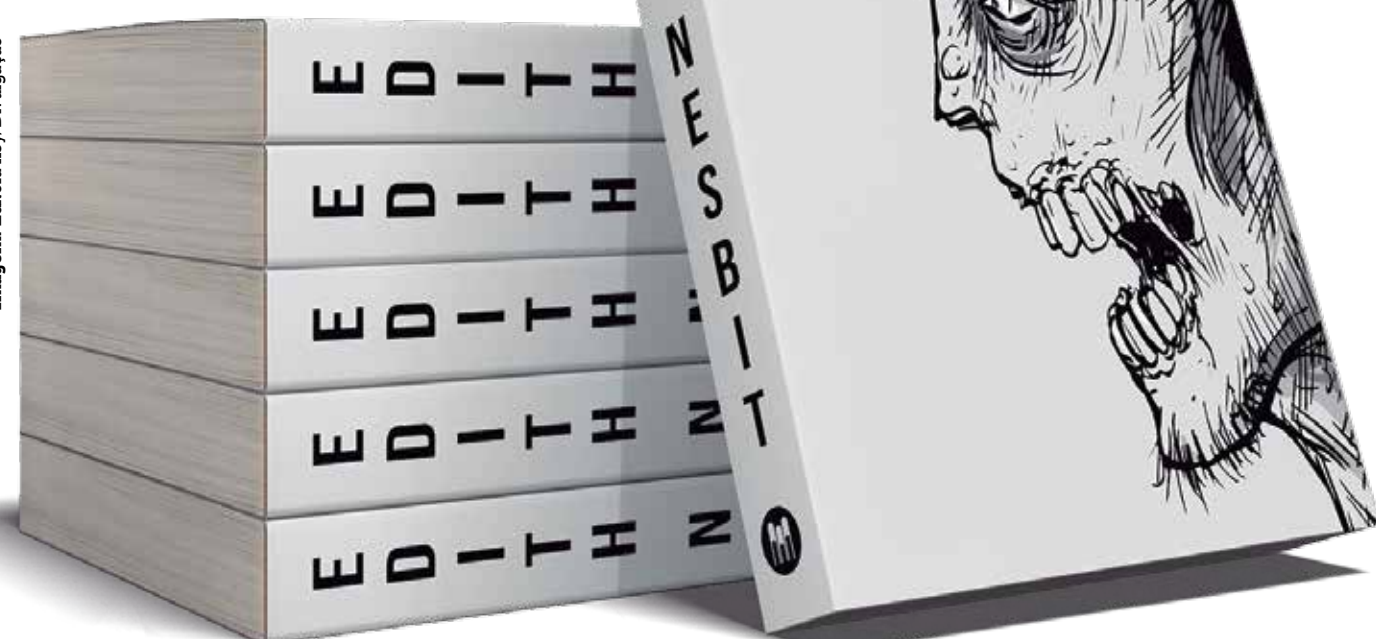
alguma gráfica de demanda, como Uiclap ou na gráfica da Amazon (que deixa o livro absurdamente caro). Mas, fazer o quê? Se você olhar outros projetos, ele está dentro dos valores aplicados. O meu grande problema é que não tenho como fazer mil exemplares, o que diminuiria, e muito, o valor final. Infelizmente, fiz a meta para 100 exemplares. Realmente estou desistindo dos projetos.

■ *Quais serão os próximos projetos da editora?*

Seguir com *e-books* na Amazon e físicos em brochura na Uiclap, que também disponibiliza os físicos pela Amazon. Tenho os poemas inéditos das irmãs Brontë para republicar, pois eles estavam em *e-book* e teria uma campanha no financiamento coletivo, mas, como falei anteriormente, desisti. Vernon Lee e Edith Nesbit também seguem o mesmo destino: *e-books* e físicos na Amazon.

Com uma tiragem bastante limitada, livro terá mais de 600 páginas e acabamento em capa dura

Imagem: Editora Key/Divulgação





GESTÃO MUNICIPAL

TCE quer radiografia de investimentos

Índice de Efetividade da Gestão levanta dados e mostra como os recursos estão sendo aplicados nas prefeituras

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

Pesquisa foi paralisada por causa da pandemia de Covid-19

A forma como os gestores municipais da Paraíba investiram na educação, saúde, planejamento, meio ambiente, gestão fiscal e tecnologia em 2021 será avaliada pelo Tribunal de Contas através do Índice de Efetividade da Gestão Municipal (IEGM). Os prefeitos têm até o próximo dia 31 de maio para enviar o questionário respondido.

Segundo o TCE, caso os prefeitos não respondam dentro do prazo, podem sofrer “sanções pertinentes”, que não foram especificadas. Os questionários apuram indicadores em sete áreas: educação, saúde, planejamento, gestão fiscal, meio ambiente, cidades protegidas e governança em tecnologia da informação.

A Federação das Associações de Municípios da Paraíba (Famup) tem apoiado o TCE para que os prefeitos respondam o questionário a tempo e ajam com transparência com suas contas. Segundo o presidente da Famup, George Coelho, a maioria dos prefeitos tem se empenhado para prestar suas contas e obter o índice de efetividade.

A principal finalidade do IEGM é o aperfeiçoamento das ações governamentais. A partir das notas, que podem variar entre A (altamente efetiva) e C (baixo nível de adequação), os gestores conseguem ter uma visão de qual indicador necessita de maiores investimentos. Segundo o TCE, o processo é parecido com uma prestação de contas, mas com dados repassados pelos próprios prefeitos, que depois são validados pelos tribunais.

Essa é a 7ª edição do IEGM no Estado. O primeiro aconteceu em 2016, com dados referentes a 2015. Desde então, o processo conta com a participação de 100% dos 223 jurisdicionados municipais do estado da Paraíba. Os resultados do levantamento são divulgados ao final de cada ano, no site do Instituto Rui Barbosa (IRB).

O último resultado publicado das notas dos municípios paraibanos é do ano de 2019, com resultado referente a 2018. Devido à pandemia, a pesquisa só voltou a acontecer neste ano. No entanto, o TCE-PB retirou as publicações devido à não validação do resultado. Segundo o Tribunal, não se tinha ideia do nível de confiabilidade das informações declaradas pelas prefeituras. Considerado esse cenário, a presidência do Tribunal de Contas decidiu retirar as notas publicadas para só voltar a publicá-las quando for possível realizar alguma validação da informação prestada.

“Estamos trabalhando para validar as informações que estão sendo co-

letadas agora em 2022 sobre o ano de 2021. Se tudo der certo, publicaremos as notas do IEGM 2022 (ano base 2021) com validação das informações e poderemos voltar a publicar as notas dos anos anteriores destacando que essas não foram validadas para que

as possíveis comparações considerem a questão da validação da informação”, explicou Humberto Gurgel, responsável pelo IEGM no TCE-PB.

No entanto, segundo os dados sem validação publicados no site do Instituto Rui Barbosa (IRB), na Paraíba, nenhum município atingiu a nota máxima em 2019. A maior nota foi B (efetiva) dos municípios de Pedra Branca (67,5%), Salgado de São Félix (65,1%); Cabaceiras (62,2%), João Pessoa (61,9%), Queimadas (61%) e Píripituba (60,15%). A nota considera a média percentual de todos os sete indicadores.

O município com menor nota é Aparecida, com nota C (baixo nível de ade-

quação) por apresentar percentual 30,1%. No entanto, a grande maioria dos municípios, 170 dos 223, obtiveram a menor nota, com baixo nível de adequação e percentual inferior a 49,9%. Já os que obtiveram nota C

+ e estão em fase de adequação, foram 65. Os indicadores com maiores notas foram Educação e Saúde. Enquanto meio ambiente e planejamento foram os que tiveram menos investimentos por parte dos gestores.

Meta

Na Paraíba, nenhum município atingiu a nota máxima em 2019

O TCE quer detalhes dos investimentos em educação pelas prefeituras, como os destinados à primeira infância



Foto: Evandoo Pereira

Uma das metas do Índice de Efetividade da Gestão Municipal é analisar a aplicação dos recursos públicos em educação



Análise dos recursos e qualidade

São analisados os recursos orçamentários e a qualidade dos produtos e serviços públicos, bem como o seu impacto social.

Os processos inquiridos pelo IEGM estão diretamente subordinados à ação (esforço) do gestor, independentemente do contexto socioeconômico em que está inserido.

Na área de educação, por exemplo, os 25% mínimos aplicados devem ser para a compra de insumos, como contrato de pessoal e compras físicas para prover o serviço. Com isso, será colocada em prática uma série de processos, como instituir programas de aprendizagem e avaliação da qualidade de ensino, controlar a frequência dos professores, a qualidade do transporte e da merenda escolar, realizar adequada manutenção dos prédios escolares, entre outras coisas.

Todas essas ações estão presentes no questionário, já que são consideradas responsabilidades do gestor municipal.

O produto, ou seja, o resultado dessas ações, são os alunos formados pela rede municipal com um determi-

nado nível de aprendizado. No entanto, o questionário também leva em consideração que esse resultado final depende, em parte, de circunstâncias alheias ao gestor municipal, como a situação socioeconômica dos alunos, escolaridade de seus pais, entre outras.

Notas

Por fim, os gestores recebem uma nota para cada um dos indicadores, que podem ser A (Altamente efetiva), com pelo menos 90% da nota máxima e, no mínimo, 5 índices com nota A; B+ (Muito efetiva), com IEGM entre 75,0% e 89,9% da nota máxima; B (Efetiva) entre 60,0% e 74,9% da nota máxima; C+ (em fase de adequação), com percentual entre 50,0% e 59,9% da nota máxima; C (baixo nível de adequação), quando o município apresenta IEGM menor ou igual a 49,9%.

A educação mede os resultados do setor por meio de quesitos relacionados à Educação Infantil e ao Ensino Fundamental, com foco em infraestrutura escolar; saúde mede os resultados da área por meio de quesitos relacionados à Atenção Básica,

às Equipes de Saúde da Família, aos Conselhos Municipais de Saúde, a tratamentos e vacinação. Já o planejamento mede a consistência entre o planejado e o efetivamente implementado e a coerência entre as metas e os recursos empregados.

Enquanto isso, a gestão fiscal mede os resultados da administração fiscal a partir da análise da execução financeira e orçamentária e do respeito à Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF); o meio ambiente mede os resultados das ações relacionadas ao ecossistema que impactam serviços e a qualidade de vida do cidadão. Examina dados sobre resíduos sólidos, educação ambiental e estrutura dos conselhos relacionados ao setor, entre outros.

O indicador de Proteção dos Cidadãos (Defesa Civil) avalia o grau de planejamento de ações relacionadas à segurança dos cidadãos diante de eventuais acidentes e desastres naturais.

Já a tecnologia analisa o grau de utilização de recursos tecnológicos em áreas como capacitação de pessoal, transparência e segurança da informação.

TERCEIRA VIA

Aliança do PSDB com MDB ainda depende de apoios

Para o tucano Bruno Araújo, partido inicia a última etapa de negociação

Pedro Venceslau
Agência Estado

Após o ex-governador João Doria desistir da pré-candidatura presidencial e a cúpula do MDB confirmar o apoio à senadora Simone Tebet (MS), o PSDB inicia a última etapa de negociação antes de fechar a aliança com a legenda. Em entrevista ao Estado, o presidente nacional do PSDB, Bruno Araújo, disse que a “quase totalidade” do partido defende a tese de que os tucanos devem abrir mão de um nome próprio, apesar de ainda existir um foco de resistência.

Para sacramentar o acordo, porém, o PSDB colocou uma condição: que o MDB apoie seus candidatos a governador no Rio Grande do Sul, em Mato Grosso do Sul e em Pernambuco.

“Esses três estados são fundamentais para avançarmos nessa construção”, afirmou Bruno Araújo.

Entrevista

■ A proposta de o PSDB apoiar Simone Tebet está pacificada no partido?

Estamos em um processo de construção. Diria que quase a totalidade do partido gostaria de ter uma candidatura própria, porque isso é da natureza do PSDB desde 1989. Mas a mesma totalidade tem a compreensão de que são os acordos que mantêm a atividade política de pé. É público que o (então) governador João Doria, eu e o (então) vice-governador Rodrigo Garcia levamos ao presidente Michel Temer e ao Baleia Rossi (presidente do MDB) em dezembro do ano passado uma proposta de aliança.

■ O que falta para o PSDB e o MDB selarem a aliança?

Depois do gesto do Doria, há três pilares nesta construção. O primeiro o MDB superou na terça-feira quando a executiva confirmou o nome de Simone Tebet como pré-candidata. O segundo pilar é o programa de governo. O ex-presidente da Câmara Rodrigo Maia, que liderou o processo de construção do programa de governo da pré-candidatura do PSDB, vai agora compatibilizar uma construção pública de compromissos com MDB e Cidadania. Temos muitas visões comuns. O terceiro pilar é a reciprocidade nos palanques regionais, que são fundamentais para o PSDB. O Rio Grande do Sul, onde a liderança de Eduardo Leite é primordial na eleição estadual. Isso se repete em Mato Grosso do Sul, Estado da senadora Simone Tebet e governado pelo PSDB. Não nos parece coerente que não haja essa unidade. E Raquel Lyra em Pernambuco, que é uma das apostas nossa desta renovação de lideranças do PSDB. Esses três Estados são fundamentais para avançarmos nessa construção.

■ Além do apoio do MDB nes-



Foto: Michel Jesus/Câmara dos Deputados

tes três Estados, o PSDB também reivindica a vaga de vice?

Se acontecer a consolidação dessa construção, me parece absolutamente natural. Mas esse é o último enredo neste episódio

■ Qual a força do bloco que reside no PSDB à tese de apoiar Simone?

É uma discussão legítima que, no conteúdo, pode representar o sentimento das raízes do partido, mas na forma está reduzida. Há compreensão da sólida maioria do partido de que há a construção de um compromisso político trazido por um conjunto de partidos. A maioria do partido tem a compreensão de que temos um acordo político em andamento.

■ Como recebeu a declaração do ex-senador Aloysio Nunes de que vai apoiar Lula no primeiro turno?

O senador Aloysio é um

“
Estamos em um processo de construção. Diria que quase a totalidade do partido gostaria de ter uma candidatura própria, porque isso é da natureza do PSDB desde 1989

Bruno Araújo

■ Para sacramentar o acordo, porém, o PSDB colocou uma condição: que o MDB apoie seus candidatos a governador no RS, MS e PE

que tornou impossível qualquer chance de vitória do ex-governador Geraldo Alckmin?

A condução da campanha não foi do PSDB, mas do governador Geraldo Alckmin. O PSDB confiou a ele a autonomia plena. Ele não só era candidato à Presidência da República, mas também presidente do partido. Aglutinava todo o poder e força política. Estamos pagando o preço de um resultado eleitoral tímido. Foram mais erros do que acertos nas decisões que foram tomadas.

■ O PSDB errou em 2018 ao focar nas críticas a Jair Bolsonaro em vez de ao PT?

Os candidatos nossos que venceram para governador tiveram um discurso mais firme. Estamos colhendo os efeitos colaterais daquela eleição.

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

ET Eunápio Torres
6º SERVIÇO NOTARIAL E 2º REGISTRAL

Titular: Belª Maria Emilia Coutinho Torres de Freitas

EDITAL DE USUCAPÇÃO EXTRAJUDICIAL

MARIA EMILIA COUTINHO TORRES DE FREITAS, oficial de Registro de Imóveis da Comarca de João Pessoa, Estado da Paraíba, na forma da Lei etc. FAZ SABER a todos aqueles que o presente edital vierem ou dele tiverem conhecimento, aos AUSENTES, DESCONHECIDOS, EVENTUAIS INTERESSADOS, SEUS CÔNJUGES E/OU SUCESSORES, que na forma do art. 216-A, da Lei nº 6.015/73 e Provimento n. 65/2017 do Conselho Nacional da Justiça foi apresentada para registro a ATA NOTARIAL DE CONSTITUIÇÃO DE PROVA MATERIAL PARA FINS DE RECONHECIMENTO EXTRAJUDICIAL DE USUCAPÇÃO lavrada no 4º Tabelionato de Notas desta Comarca no Livro 0373 fls. 180, formulado por NEWTON LUIZ GONÇALVES DA SILVA, brasileiro, empresário, maior e capaz, RG nº 50994 SSP-PB, CPF/MF nº 020.463.424-53, casado com a Sra. Zelia Maria Fonseca da Silva, brasileira, empresária, maior e capaz, RG nº 192.176 SSP/PB CPF/MF nº 840.916.654-20, residentes à Rua Abelardo da Silva Guimarães Barreto n. 100, apto 801 Altiplano Cabo Branco, nesta cidade, tendo como objeto o Lote de terreno próprio, situado na Rua Targino Marques, nesta Capital, medindo 4m,00 de largura na frente e fundos, por 9m,00 de comprimento de ambos os lados, desmembrado do quintal da casa nº 50, atualmente nº 56, que dá frente para a Praça Santo Antônio, limitando-se pela frente com a Rua Targino Marques, lado direito com imóvel s/nº, lado esquerdo com imóvel 56 e fundos com lote 70, distando 25m,00 da esquina mais próxima, lado par, registrado em nome de REINALDO DA CUNHA ARAGÃO, brasileiro, casado, CPF/MF sob o n. 008.505.354-68 residente à Rua Humberto Paiva de Brito n. 387, Cristo Redentor, nesta capital, conforme consta em seu registro. O requerimento e a documentação completa que acompanha permanecerão à disposição dos interessados para exame nesta serventia, que funciona à Rua Com. Renato Ribeiro Coutinho n. 300, Altiplano Cabo Branco, no período de segunda a sexta-feira, fone (83) 3219-1234. Decorrido o prazo de 15 (Quinze) dias a contar da data de cada uma das duas publicações deste edital, sem que haja a apresentação de impugnação escrita, com as razões da discordância, será presumida a anulação ao pedido de reconhecimento do Usucapião, e ensejará o seu imediato registro em nome do requerente, como previsto no art. 216-A, §, da Lei nº 6.015/1973. E para que chegue ao conhecimento de todos aqueles eventualmente interessados, e para que no futuro ninguém possa alegar ignorância expediu-se o presente edital. João Pessoa (PB), 26 de Maio de 2022.

O Oficial

ET Eunápio Torres
6º SERVIÇO NOTARIAL E 2º REGISTRAL
Belª Maria Emilia Coutinho Torres de Freitas
Tabelionato Oficial do Registro de Imóveis
Belª Maria de Lourdes Coutinho Torres de Freitas
San. Francisco Evangelista de Freitas Júnior
Substituídas
Avenida Com. Renato Ribeiro Coutinho, Nº 300
Altiplano Cabo Branco
55050-000 João Pessoa - PB

REPUBLICA FEDERATIVA DO BRASIL - 1º NOTARIAL E 2º REGISTRAL
Rua Com. Renato Ribeiro Coutinho, 300 - Altiplano Cabo Branco - João Pessoa - PB
Telefone: (83) 3219-1234 - CNPJ: 06.342.218/0001-00 - www.eunapio.com.br
VÁLIDO EM TODO TERRITÓRIO NACIONAL, QUALQUER AUTENTICAÇÃO DA ORIGINAL ANALISA ESTE DOCUMENTO.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Uma canção para você

Já faz muito tempo. Sempre que ouço a canção, recordo os momentos com a impressão de que ainda remanesce e fica aquela vivência de tempos remotos, como uma inspiração para o cotidiano. Viagem sonora repleta de subjetividades, porque nem só de bread vive o homem. Traduzindo, bread significa pão, em inglês. Nome de um grupo musical americano dos anos setenta, liderado pelo cantor e compositor David Gates. Uma canção dele ficou na memória. Chama-se “If” a composição cujo lirismo me comoveu aos vinte anos, sinfonia servindo como cortina de uma afeição que já dura mais de quarenta anos. “Se um homem pudesse estar em dois lugares ao mesmo tempo / Eu estaria com você / Hoje e amanhã, completamente ao seu lado / E se o mundo fosse parar de girar, rodando lentamente até morrer / Eu ficaria no final com você / E quando o mundo acabar / Ai uma por uma, as estrelas se apagarão / E simplesmente voariamos para longe”.

Quantos anos se passaram e a canção continua aqui, na minha playlist de clássicos imperecíveis. Essa música ativa uma função no meu cérebro que foi exclusivamente montada para bem querer você pela vida afora. Imagens de ressonância magnética indicam que, no mapeamento da minha atividade cerebral, essa melodia é icônica de nossas vidas. Pelo menos em mim desencadeia ondas de afetuosidade e nunca falham em me tirar de algum desgosto, humor sombrio ou falta de perspectivas. A letra simples me dá uma sensação de eternidade. A canção é tão estimulante de minha sensibilidade que acabo vertendo alguns pingos de secreções formadas por água, sais minerais, proteínas e gorduras, produzidas pela glândula lacrimal para limpar, purificar e lubrificar. No caso, essas secreções servem para descarregar o abalo da minha música favorita no meu sistema nervoso central. Estudos indicam que ouvir a canção predileta pode ajudar a tratar a perda de memória. Neste caso, algo tão etéreo e prodigioso como a afinidade entre duas criaturas pode até ser esquecido um dia, ou se quebrar a magia do fascínio, mas a canção sempre manterá a emoção primária.

Envolvendo sentimentos intensos, a melodia abre um circuito neuronal nos meus dois hemisférios cerebrais, e acabo chorando invariavelmente. Sou um elemento sentimental irremediável, embora custe confessar. A pandemia aguçou isso. Quase setecentas mil mortes, sequelas conhecidas e outras ainda ignoradas, o trauma coletivo abalou nossas disposições de ânimo. Dizem que há uma onda de suicídio por aí, uma espécie de pandemia silenciosa. Há um bocado de desamor espalhado no ar pestilento de uma humanidade desgostosa. Impressiona o grau de escuridão disfarçado em ideologia mortífera. Ausência, rejeição e morte. Egoísmo, discriminação e morte. Essa doença esfaqueou o bem-estar mental das pessoas, e nem sombra de que se estabeleça um mundo superior depois da crise sanitária mundial. Aquela concepção de que sairíamos dessa pandemia como seres humanos melhores, esqueça. Tudo será como sempre foi. Resta inventariar esses pesadelos, amoldar a um novo normal que sempre será estranho, e tentar viver sem buscar a fuga, sem a autodestruição, por favor! Prefiro me fazer levar pela intrincada sofisticação do afeiçoamento, a experiência de despertar antigas e delicadas reminiscências através de uma canção. Minha professora de música garantia que a música cura e restabelece nosso equilíbrio. “A música penetra diretamente em nossos centros nervosos e coordena mentalmente, de maneira rápida e imediata, a divisão do tempo e do espaço, além de inspirar o gosto pelas virtudes”.

No meu devaneio mais brega, estou no parque de diversões São Jorge olhando a roda gigante quando escuto a voz do locutor fanho: “Atenção muita atenção as iniciais J.C.L., assim como as aves abrem as asas para voar, abra também seu coração para ouvir essa linda música que um alguém lhe oferece como prova de muito amor e carinho”. Citando a atriz e historiadora Adriana Brito: “Não tenho a pretensão de que todas as pessoas que gosto, gostem de mim, nem que eu faça a falta que elas me fazem. O importante para mim é saber que eu, em algum momento, fui insubstituível, e que esse momento será inesquecível”. Torno a dizer, a música salva. Em nossa débil e ridícula vidinha, tem a hora do desalento e da ansiedade. Vem a canção, se apodera de mim, e eu ouço a composição de David Gates: “E quando o meu amor pela vida está se apagando / Você vem e se deita sobre mim”.

Colunista colaborador

INCREMENTO DE R\$ 38 BILHÕES

SUS está estagnado apesar de aportes

Aproximadamente 75% da população, ou 150 milhões de pessoas, é atendida exclusivamente pela rede pública

■ Passados mais de dois anos desse gasto recorde, o SUS permanece praticamente do mesmo tamanho. Os desafios e as demandas, porém, só crescem

Adriana Ferraz
Agência Estado

A Covid-19 expôs como nunca a dependência do brasileiro ao Sistema Único de Saúde. Aproximadamente 75% da população, ou 150 milhões de pessoas, é atendida, hoje, exclusivamente pelo SUS. Em 2020, a aprovação no Congresso do “orçamento de guerra” possibilitou incremento inédito de R\$ 38 bilhões ao sistema, acompanhado de um esforço financeiro de Estados e Municípios. Mas, passados mais de dois anos desse gasto recorde, o SUS permanece praticamente do mesmo tamanho. Os desafios e as demandas, porém, só crescem.

Com a redução do número de mortos e infectados pelo coronavírus, a pressão sobre a rede pública não tem sido observada mais na porta de hospitais, mas na atenção primária, cuja estrutura, com raras exceções, ficou estagnada nos últimos dois anos. Resultado, segundo analistas, da opção de se investir em uma rede provisória, como observado nos hospitais de campanha e na compra de leitos privados, conjugada com a falta de coordenação federal no repasse de verbas.

As filas para consultas com especialistas, exames de prevenção e marcação de cirurgias eletivas, que já representavam um dos gargalos do sistema, se somam agora às novas exigências de tratamento relacionadas à chamada covid longa, como a demanda por serviços de saúde mental. E também nesta área houve estagnação - o número de Centros de Atenção Psicossocial (Caps) até cresceu entre 2019 e 2021, mas apenas 4,8%, segundo o Cadastro Nacional dos Estabelecimentos de Saúde (CNES).

As estatísticas da Rede Municipal de Saúde de São Paulo mostram o tamanho do desafio e da desigualdade no atendimento. Na média, en-

quanto moradores do Limão, bairro na Zona Norte da capital, ou de Perdizes, na Zona Oeste, aguardam de sete a 14 dias para conseguir consulta com um psiquiatra, os cidadãos que vivem nos extremos levam quase um ano. É o caso, por exemplo, de quem vive em São Domingos, na região noroeste. No distrito localizado entre as rodovias Anhanguera e Bandeirantes, a espera é de até 343 dias, segundo o Mapa da Desigualdade publicado todos os anos pela Rede Nossa São Paulo.

Responsável por tabular os dados relativos ao tamanho do SUS, a professora Lígia Bahia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), disse que também postos de saúde, laboratórios e serviços de telemedicina mantiveram a estrutura pré-pandemia. E o quadro se agrava porque o Programa Saúde da Família (PSF), que cobre 63% da população, foi reduzido em um movimento já anterior à crise sanitária, com mudanças nas regras de pagamento das equipes.

“O que se percebe é que a pandemia no Brasil não funcionou como um vetor capaz de alterar o ritmo de expansão do sistema público, como ocorreu em outros países. O SUS já era muito esquelético, insuficiente para as necessidades de saúde, e perdeu-se a chance de aumentá-lo”, afirmou Lígia, em referência a resultados obtidos, por exemplo, no Chile, na Colômbia, no Reino Unido, em Portugal e na Alemanha.

■ O quadro se agrava porque o Programa Saúde da Família (PSF), que cobre 63% da população, foi reduzido



Foto: SUS Sintrafufe/RBA

O SUS já era muito esquelético, insuficiente para as necessidades de saúde, e perdeu-se a chance de crescer

Incremento dos serviços públicos é ruim

Segundo relatório da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o Brasil foi um dos países onde a covid não deixa como legado um incremento dos serviços públicos de saúde, especialmente na rede básica, em que planejamento e prevenção fazem a diferença. “É isso com um aporte de recursos substancial, que nunca tinha acontecido antes. O que é triste é que houve dinheiro, mas ele não foi canalizado para expandir a rede estruturante necessá-

ria para atender melhor a população”, disse Lígia.

Para a professora da UFRJ, o quadro comprova a falta de coordenação do Ministério da Saúde na crise sanitária. “O que o governo federal fez foi repassar recursos para Estados e Municípios, que, por sua vez, repassaram para terceiros. O dinheiro foi escoado. Não estou dizendo que foi pelo ralo, porque temos algum resultado positivo, mas certamente não era o esperado.”

“
Houve dinheiro, mas ele não foi canalizado para expandir

Lígia Bahia

Sistema precisa planejar mais para melhorar atendimentos

Presidente do Instituto Todos pela Saúde, Jorge Kalil destacou que, para cumprir seu papel, o SUS precisa não só atender, mas planejar os atendimentos. “Assim como o zika, a pandemia nos deixará casos crônicos. Sabemos que há muitas questões neuropsiquiátricas que vão trazer sequelas a longo prazo.

Outras dizem respeito a complicações respiratórias e ainda cardiológicas, como aumento de enfartes”, disse o imunologista, em referência à covid longa.

Essas novas demandas se juntam a outras que ficaram suspensas durante a pandemia em muitas cidades cujas redes de saúde não foram suficientes para atender a urgência da Covid-19 e, ao mesmo tempo, as necessidades de procedimentos eletivos, como cirurgias não emergenciais ou consultas

com médicos especialistas.

Em São Paulo, a Secretaria Municipal da Saúde afirmou que “em nenhum momento, mesmo durante a pandemia”, as cirurgias eletivas foram suspensas. Em 2020, foram realizadas 10.810 e, em 2021, 19.170 cirurgias, além de procedimentos cirúrgicos de pequeno porte.

O total de procedimentos, no entanto, não conseguiu fazer a fila cair substancialmente. Em janeiro de 2019 havia 153 mil pacientes à espera. Hoje, são pelo menos 112 mil.

“Desde o início da pandemia, o sistema de saúde passou por diversas ampliações para o atendimento à população, o que fortaleceu a rede de forma permanente.

De lá para cá, dez novos hospitais municipais foram entregues - com 1.649 leitos -, mais de 31,1 milhões de vacinas, aplicadas e a imple-

mentação da telemedicina na rede pública de saúde”, ressaltou a pasta, em nota.

Leitos

A análise dos dados estruturais do SUS entre 2019 e 2021 mostra que o principal resultado proporcionado por causa da pandemia se deu na rede de leitos de UTI. Ao fim do ano passado, o total de leitos públicos de terapia intensiva era cerca de duas vezes maior do que o registrado em 2019.

“Tal aumento repercutiu sobre a composição público-privada que, em 2019, estava configurada pela participação pública de 37% do total e, em 2021, passou para 44%. Em Estados como São Paulo e Rio, nos quais predominavam os leitos privados, a parcela pública cresceu de 30% para 37% e de 40% para 46%, respectivamente, no intervalo de dois anos. Aumenta-

mos, é fato, mas não demos a virada necessária”, afirmou Lígia.

O desafio, agora, é manter os leitos abertos, com equipamentos e equipes suficientes para administrá-los. “Sem dúvida que quando fazemos as coisas de afogado, sem nenhum tipo de planejamento, e simplesmente gerenciamos a crise, não temos a qualidade de gestão esperada.

Agora, não tenha dúvida de que esse aumento nos deixou com outra capacidade de atendimento em UTIs”, disse Kalil.

A ampliação de leitos de tratamento intensivo não foi acompanhada, no entanto, de uma alta no número de profissionais capazes de operá-los. O levantamento da UFRJ aponta que caiu a proporção de médicos intensivistas no SUS durante a pandemia. Em 2019, 54,61%

atuavam em hospitais públicos. Hoje, essa fatia diminuiu para 51,8%. A disputa entre o público e o privado atingiu ainda especialidades como infectologistas (61,72% atuavam no SUS antes de pandemia; agora, são 57,65%) e pneumologistas (taxa caiu de 40,94% para 36,79%).

Para o pesquisador na área de políticas e sistemas de saúde Mário Scheffer, os dados ilustram a desigualdade de acesso aos serviços. “Os brasileiros não têm chances iguais de adoecer e receber tratamento. O SUS dá certo onde ele é mais abrangente e universal. Para atingirmos isso, o caminho tem de ser o da universalidade.

É preciso desfragmentar o sistema, reduzindo os gastos com saúde privada”, afirmou Scheffer, que é professor da Faculdade de Medicina da USP.

No Brasil, diferentemente de países onde os governos financiam a maioria dos gastos em saúde, a pirâmide é inversa: o setor público assume cerca de 44%, enquanto a saúde suplementar e particular, os outros 56%.

No Reino Unido, por exemplo, que tem uma espécie de SUS em menor escala, essa relação é de 75% (público) e 25% (privado).

Oportunidade de emprego

A TESS Indústria, seleciona Pessoas com Deficiência (PCD) os interessados deverão enviar o currículo para o site jobs.kenoby.com/tess.”



A estação mais fria do ano está chegando e, com isso, novas tendências vão surgindo e ganhando o mundo da beleza. Sadi Consati (foto), maquiador e consultor de Desenvolvimento de Maquiagem do Boticário, adianta que as cores fortes, intensas e vibrantes, com efeito monocromático, prometem aparecer muito nos visuais dos próximos meses.



Beth Espinola, Arquimedes Filho, Gerardo Rabello, Gilson Lira, Alexandre Jubert, Roseli Garcia, Delano Tavares, Caius Marcellus Lacerda, Glauce Navarro Burity, Marcos Pinto e Everaldo Dantas da Nóbrega são os aniversariantes da semana

Na última sexta-feira (20), a sociedade cajazeirense esteve unida à Assembleia Legislativa da Paraíba, no auditório da FAFIC, quando foram conferidas Medalhas de Honra ao Mérito Pe. Inácio de Sousa Rolim a várias personalidades (professores Francelino Soares (foto), José Antônio, Chagas Amaro, Cezário de Almeida e Francisco Sales, sacerdotes Antônio Luís e Francivaldo do Nascimento); Medalha de Mérito Legislativo Senador Humberto Lucena (empresário José Cavalcante) e Mérito Jornalístico Lena Guimarães (Sales Fernandes).



Iago França (foto), publicitário idealizador do Prêmio Mulheres de Negócios, realiza mais uma edição da premiação com megaevento no restaurante Johns Grill, na noite deste domingo (29). Claro que marcarei presença.



A querida amiga Nancy Ferreira vai reunir pequeno grupo de amigas, num hotel à beira-mar de Manaíra, para festejar seu aniversário.



Teresinha Vaz, que está sempre de bem com a vida, festejou seu aniversário, reunindo dezenas de amigas no restaurante do Hotel Sapucaia. Na festa, regada a muita animação, registrei a aniversariante, Adriana Mattioli, Carla Bezerra Cavalcanti, Ana Rita Henriques, Fátima Lisboa Lopes e Júlia Ferrer.

O presidente da Academia Paraibana de Letras Jurídicas, jurista Alberto Jorge Sales (na foto com a esposa Patrícia Sales), convidando para a sessão solene de lançamento do E-book "Biografia dos Patronos da Academia Paraibana de Letras Jurídicas" e do site da instituição cultural, na próxima terça-feira (31), na sede da Academia Paraibana de Letras, no Centro da capital paraibana.



Na última quarta-feira (26), reuni algumas amigas para decidir alguns detalhes do "Bate e Volta" que faremos ao Sítio São João, em Campina Grande e, como o clima já é junino, concluímos o evento com forró e comidinhas da época.

A reitora do Uniesp, Erika Marques não apenas confirmou presença no Arraiá da Tetê, evento junino promovido pela apresentadora Thereza Madalena, que acontece no Restaurante Panorâmico do Clube Cabo Branco, no dia 14 de Junho, como também firmou parceria para abrilhantar, ainda mais, o evento, que é uma das comemorações juninas mais animadas da capital paraibana.



A linda jovem Jéssica Chang de Melo (foto), em viagem de férias na Europa, se encantou com as belezas de Paris, a Cidade Luz.



IMOBILIÁRIA PARAIBA PROPERTY
www.paraibaproperty.com.br
+55 83 99302-7071

Contabilize
Consultoria e Assessoria Contábil

LIVRE-SE DAS DORES NA COLUNA SEM CIRURGIA
FONE: (83) 3204-0423 / 98708-8189
DOUTOR HERNIA

Selic Fixado em 4 de maio de 2022 12,75%	Sálário mínimo R\$ 1.212	Dólar \$ Comercial -0,49% R\$ 4,738	Euro € Comercial -0,41% R\$ 5,085	Libra £ Esterlina -0,68% R\$ 5,984
--	---	--	--	---



SERVIÇOS FINANCEIROS

Paraibanos recorrem mais às cooperativas de crédito

Participação nos lucros e direito de voto nas decisões são atrativos para clientes

Beatriz de Alcântara
alcantara@uniao.com

Em um cenário de crise econômica, como a vivenciada hoje, quanto mais vantagens as instituições financeiras oferecem, maior a chance de atrair clientes. E quando estes clientes também podem opinar nas decisões da empresa e ter participações nos lucros, os investimentos se tornam ainda mais atrativos. É o caso das cooperativas de crédito, que vêm crescendo na Paraíba e já reúnem cerca de 63 mil associados.

Os dados são da Confederação Brasileira das Cooperati-

vas de Crédito (Confabras) e do Sistema de Crédito Cooperativo (Sicredi) e ressaltam ainda que, em 2020, o Brasil contabilizou 11,9 milhões de associados. De acordo com o Banco Central do Brasil (BC), uma cooperativa de crédito é formada pela associação de pessoas para prestar serviços financeiros de maneira exclusiva a estes.

Além dos bancos tradicionais, as cooperativas de crédito também diferem das chamadas *fintechs*, ou *financial technology*, que representam modelos de negócios baseados em tecnologias inovadoras (como plataformas on-line, inteligência arti-

cial, big data, entre outros) e “no relacionamento com os clientes por meio de canais eletrônicos, sem necessidade de presença física”, destacou o economista Cássio Nóbrega, professor do Departamento de Economia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

O modelo contempla, além da contratação de crédito, os produtos e serviços já conhecidos dos bancos convencionais, como conta-corrente, carteira de investimentos, aplicações financeiras, cartão, entre outros. Mas, dentro do cooperativismo de crédito, o associado é visto como dono do negócio e atua

em uma gestão democrática.

Esse modelo de negócio permite que as cooperativas tenham números mais justos em comparação ao mercado, aumentam as oportunidades da população em ter acesso ao serviço de instituições financeiras e também fomentam a economia local. Segundo Cássio Nóbrega, nos moldes do cooperativismo de crédito, os associados possuem poder igual de voto “independentemente da sua cota de participação no capital social da cooperativa, além de participarem de forma ativa das decisões da instituição”.

Modelo estimula o mercado e é sustentável

Entre as principais vantagens do modelo de cooperativismo de crédito estão a oferta dos mesmos produtos dos bancos, mas com juros abaixo do valor do mercado e, de acordo com o professor de biologia Marcos Fábio, 55 anos, e associado do Sicredi há mais de 10 anos, são justamente esses pontos que o fizeram permanecer no modelo até hoje.

“Como você se torna sócio da cooperativa, você ganha a vantagem de ter participação nos lucros (dividendos ou sobras, como eles chamam) e as taxas de juros também são menores”, contou. O biólogo utiliza o Sicredi tanto em relação aos serviços exclusivos da cooperativa, como em transações dos bancos comuns, como transferência, uso do cartão, saques, etc.

Quando trata-se de desvantagem, o economista

Cássio Nóbrega indica que os riscos estão relacionados a “eventuais repartições de prejuízos entre os associados e problemas ligados à gestão”, considerando o modelo de ser “dono do negócio”. Apesar disso, Marcos afirma que em todos esses anos utilizando o cooperativismo de crédito, nunca obteve prejuízo.

Além disso, os impactos positivos do cooperativismo de crédito se sobressaem e se estendem para além do individual, segundo dados da pesquisa intitulada de “Benefícios Econômicos do Cooperativismo de Crédito na Economia Brasileira”, feita em uma parceria do Sicredi com a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), que avaliou os dados econômicos de todas as cidades do Brasil com ou sem cooperativas de crédito de 1994 a 2017.

Os dados foram comparados com informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e os resultados, divulgados em 2020, apontaram que o sistema amplia cerca de 5% o Produto Interno Bruto (PIB) *per capita* dos municípios, estimula o empreendedorismo local (elevando em mais de 15% o número de estabelecimentos) e cria, em média, 6% mais vagas do trabalho formal.

Sistema cresce no estado

Na Paraíba, existem 10 cooperativas de crédito com 41 postos distribuídos. Ao todo, o estado possui cerca de R\$ 3,37 bilhões em ativos totais, R\$ 2,21 bi na carteira de crédito, R\$ 2,39 bi em depósitos totais e R\$ 747,33 milhões em patrimônio líquido. Os dados são de setembro de 2021, registrados pela Confabras. Do total

de cooperados, mais de 12 mil são pessoas jurídicas e quase 50 mil são pessoas físicas.

Para Wilson Moraes, presidente do Conselho de Administração da Central Sicredi Norte e Nordeste, esse modelo de atividade econômica é fundamental para “o bem comum e o crescimento de todos”. “É a partir dessa união de forças que nós ajudamos as pessoas a terem uma vida financeira saudável, bem como contribuimos com a promoção dos negócios locais e o desenvolvimento de toda comunidade onde estamos inseridos”.

Wilson Moraes acredita que o modelo é sustentável. “Criamos, assim, um ciclo virtuoso, em que a renda levantada pela cooperativa retorna ao próprio investidor e financia projetos e negócios relevantes no local em que ele vive”, finalizou.

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaboferraz@gmail.com | Colaborador

João Pessoa em 2030 – população e desenvolvimento

Em artigos anteriores, nesta coluna, destacamos que João Pessoa precisava se preparar para daqui há alguns anos atingir a marca de um milhão de habitantes. O economista Amadeu Fonseca que compartilha esta coluna comigo também tem citado esses números e desafios em artigos sobre economia.

Analisando os números do IBGE de 1950 para cá, com base nos últimos censos realizados (o último foi em 2010), e a projeção de dados populacionais em 2021, já podemos estimar quando será o momento em que João Pessoa atingirá os sete dígitos.

Atentem aos números: a população da nossa capital em 1950 era de 95.953 habitantes. Já em 1960 pulou para 142.916 habitantes. Em 1970 tivemos um grande salto e o crescimento atingiu quase 60%, levando a uma população de 228.418. Na década de 80 a população recenseada foi de 338.629 enquanto em 1990 foi de 497.600. Curiosamente nas décadas de 1990 e 2000 nós tivemos um crescimento populacional menor, de apenas 20% em média a cada 10 anos, mas foi a ocasião em que ultrapassamos a marca de mais de meio milhão de habitantes (597.934). O percentual se manteve em queda e acompanhou as duas décadas seguintes, conforme constatado no último censo oficial realizado em 2010 que apontou uma população de residentes em 723.515 (21% em relação a 2000) e projeção de 825.796 habitantes para 2021 (14,14%).

Ao longo desses setenta e um anos (1950 – 2021) que adotamos como amostra, a nossa população cresceu 761% (cerca de 730 mil novos residentes), uma média de crescimento de mais de 3,7% por ano.

Alguns fatores nos ajudam a explicar essa explosão demográfica em nossa capital nos anos 1950 – 1990, entre elas a implementação de uma política habitacional e do crescimento natural das capitais brasileiras, que atraiu muitas pessoas para o Litoral em busca de melhores condições de vida e oportunidades de emprego. O comércio e a indústria pessoense se desenvolveram bem, libertando a cidade, inclusive, de uma certa dependência econômica que tinha da vizinha metrópole Recife, com seu forte centro comercial e shoppings centers. Todo crescimento tem limites naturais e a política de desenvolvimento sendo implantada em direção ao interior, com melhores condições de estradas, equipamentos (educação e hospitais, abastecimento de água e energia etc.), fez com que o fluxo migratório diminuísse em nossa direção ao Litoral, juntamente com outros fatores que ajudaram a diminuir os percentuais do crescimento populacional. Logicamente que os nascimentos dos descendentes pessoenses estão sendo considerados nesses cálculos, mas estamos apontando aqui outros fatores que ajudaram a explicar a dinâmica da evolução demográfica.

E como esses indicadores se comportarão daqui para a frente? Diminuiremos ainda mais o ritmo do crescimento populacional ou não?

Com a pandemia, a Paraíba, e fortemente a capital João Pessoa, deram uma demonstração de responsabilidade no enfrentamento dessa crise sanitária mortal e hoje essa segurança tem atraído mais e mais pessoas interessadas em migrar para cá. Inclusive novos empreendimentos que podem gerar milhares empregos. O turismo de permanência (pessoas que nos visitam por um período longo, não apenas nas férias, pessoas que adotam João Pessoa como uma segunda casa) tem aumentado. Tudo isso poderá fazer com que tenhamos um novo perfil populacional em breve.

Arrisco-me então a manter como premissa para uma previsão futura, que manteremos a base de crescimento anual na casa dos 3% e com isso em sete anos (contados a partir de 2021 – última estimativa do IBGE), podemos afirmar que em 2028 (o censo deve acontecer tendo como marco o ano de 2030) João Pessoa entrará no rol das grandes cidades com um contingente populacional de 1.000.000 de habitantes.

Precisamos planejá-la em todos os aspectos: moradias, mobilidade, transportes modernos e seguros, lazer, infraestrutura urbana, educação, saúde, oportunidade de emprego e renda e o que de melhor temos a oferecer, que é a nossa essência hoje, a qualidade de vida.

O poder público e a iniciativa privada têm uma grande parcela de desafios para andarem juntos, levando em consideração que grande parte de nossa população ainda será carente e dependente da ação governamental.

Que a cidade esteja preparada para a desafiante década em 2030.

Foto: Arquivo Pessoal



No cooperativismo de crédito, os associados possuem poder igual de voto independentemente da sua cota de participação no capital social da cooperativa, além de participarem de forma ativa das decisões da instituição

Cássio Nóbrega

Foto: Arquivo Pessoal



Como você se torna sócio da cooperativa, você ganha a vantagem de ter participação nos lucros (dividendos ou sobras, como eles chamam) e as taxas de juros também são menores que as dos bancos

Marcos Fábio

Foto: Ascom/Sicredi



É a partir dessa união de forças que nós ajudamos as pessoas a terem uma vida financeira saudável, bem como contribuimos com a promoção dos negócios locais e o desenvolvimento de toda comunidade onde estamos inseridos

Wilson Moraes

PROPRIEDADE MULTIFAMILY

Setor imobiliário diversifica ofertas

Com crédito habitacional em alta, construtoras miram prédios em que todos os moradores são apenas locatários

Renée Pereira
Agência Estado

De olho nas gerações Y e Z, empresas investem nesse modelo de negócio com objetivo de diversificar a oferta de produtos

Menos ligada à posse de bens e mais afeita à cultura do compartilhamento, as gerações Y (nascidos 1982 e 1994) e Z (a partir de 1995) têm ajudado a impulsionar um mercado que até pouco tempo era inexistente no Brasil: o *multifamily* - prédios habitacionais em que todos os moradores são apenas locatários. Em muitos casos, as unidades - com tamanho entre 30 m² e 140 m² - já vêm mobiliadas e com uma série de serviços para dar mais comodidade ao morador. Como dizem os empreendedores, o objetivo é oferecer uma “experiência” ao inquilino.

Os prédios contam com lavanderia, internet, *coworking*, aluguel de veículos e bicicletas, arrumadeira e academia, entre outros serviços. Normalmente, são construídos em áreas bem localizadas, perto de estações de metrô e de comércio farto, onde o preço do imóvel para compra está em patamar bastante elevado. Mas um dos maiores atrativos é que as administradoras não exigem fiador para fechar o contrato, burocracia



Foto: Pixabay

Prédios são, geralmente, bem localizados, dispensam burocracia e reúnem diferentes serviços, oferecendo comodidade aos moradores

que sempre deu dor de cabeça para quem quer alugar um imóvel.

A expectativa em torno desse mercado - que nos Estados Unidos representa 80% do segmento de aluguel e na Europa já está consolidado - também está ligada às condições macroeconômicas do país.

Aperto monetário

A taxa básica de juros,

hoje em 12,75% ao ano, tende a comprimir a renda do consumidor e tornar a aquisição do imóvel mais cara. Além disso, os níveis de preços de casas e residências em grandes centros, como São Paulo e Rio de Janeiro, têm deixado o sonho da casa própria cada vez mais distante do bolso do brasileiro.

É a conjunção desses fatores que tem motivado

construtoras e incorporadoras a apostar nesse nicho de mercado, que está apenas começando no Brasil. A Luggo, empresa da MRV criada para desenvolver e gerir esses prédios novos, já lançou 592 unidades para locação, sendo que 588 estão ocupadas.

A empresa fechou uma parceria com a canadense Brookfield para construir 5.040 unidades no Bra-

sil até 2025. A empresa vai construir os prédios, vender para a multinacional e depois fazer a gestão dos ativos, diz o chefe da área comercial e operações da Luggo, Rodrigo Lutfy.

Ele conta que a decisão de apostar nesse mercado no Brasil surgiu depois que o grupo comprou uma empresa nos Estados Unidos e viu o potencial do negócio. “Aqui há muito espaço para crescer

e, com a Selic no atual patamar, fica mais interessante”, diz ele, que aposta num público mais em início de carreira profissional.

O jovem de hoje, na avaliação de Lutfy, está postergando a compra do imóvel. Prefere a liberdade de poder escolher onde morar e por quanto tempo. Na Luggo, os aluguéis são a partir de R\$ 2,2 mil, com condomínio e IPTU incluídos.

“

Os preços de imóveis estão numa crescente, o que dificulta a compra. Mas muitos têm o desejo de morar nesses locais. A solução é alugar

Ricardo Negrão

Preços elevados impedem compras e estimulam aluguéis

Mercado reúne pessoas que não querem ou não conseguiram comprar um imóvel, mas desejam morar em áreas valorizadas

Atualmente, cerca de 30% da população vive de aluguel, sendo que 95% dos negócios são com pessoas físicas - o que configura um mercado amador. “No mundo todo, as construtoras viram que esse é um ativo com pouca volatilidade e decidiram profissionalizar a gestão das locações”, diz o presidente da Vitacon, Ariel Frankel. Segundo ele, tem gente que não quer comprar ou que não consegue comprar, mas quer morar perto do centro financeiro.

“Fazemos *studios* de um ou dois dormitórios, de 20 m² a 90 m²”, afirma o executivo. As unidades são decoradas e oferecem uma série de serviços para que o inquilino não se incomode com nada. A empresa tem cinco edifícios em São Paulo e mais dois

projetos em aprovação. O foco são regiões como Paulista, Faria Lima, Perdizes e Chucrui Zaidan.

O sócio do escritório NFA Advogados, Ricardo Negrão, especializado em mercado imobiliário, conta que a maior parte dos projetos que tem acompanhado está sendo erguida em bairros nobres e é destinada a um público de uma classe média alta. “Os preços de imóveis nessas áreas estão numa crescente, o que dificulta a compra pelo consumidor. Mas muitos têm o desejo de morar nessas regiões. Então a solução é alugar.”

No Rio de Janeiro, por exemplo, bairros como Leblon e Ipanema vivem esse fenômeno de ter preços tão altos que as pessoas não conseguem comprar, diz Negrão. Fora do país, Canadá e Hong Kong também vivem essa realidade. “Pode ser que ao longo do tempo, outras regiões entrem nessa lista.”

Busca de terrenos

Por isso, as construtoras e incorporadoras estão se aproveitando para comprar áreas nesses bairros, mesmo que pequenas. A Vila 11, do fundo Evergreen, comprou 16 terrenos para a construção de prédios destinados ao aluguel.

Em 2017, o fundo decidiu investir R\$ 1,5 bilhão nesses empreendimentos no Brasil. Em

2019 ficou pronto o primeiro prédio, com 100 unidades, na Vila Madalena. Há um mês, a empresa inaugurou o segundo prédio, agora na Bela Vista, com 142 unidades.

Até o fim do ano, serão mais quatro entregas. No total, a empresa terá 600 unidades prontas. “Tivemos um aporte de mais US\$ 50 milhões para iniciar a construção dos demais 10 empreendimentos nos Jardins e no Itaim, previstos para o ano que vem”, diz Ricardo Laham, presidente da Vila 11.

Saída para a crise

A analista de sistemas Elizângela Rosa da Silva Costa, de 38 anos, e a assessora de eventos Dharana Calesco Rezende, de 33 anos, moram de aluguel. As duas optaram por edifícios voltados à locação.

No caso de Elizângela, o apartamento tem 50,93 m² e o aluguel custa R\$ 1.736, incluindo condomínio, IPTU, água e gás. O imóvel fica em Belo Horizonte, onde ela mora com o marido e o filho de três anos. “Tentamos comprar um apartamento, mas a parcela do financiamento seria muito alta. Essa foi a melhor opção.”

A analista de sistemas diz que procurou outras alternativas no mercado, mas a burocracia a desanimou. “Aqui não precisava nem de fiador e a negociação foi mais fácil.”



Foto: Freepik

Apartamentos mobiliados atraem consumidores que buscam facilidade

Vantagens

Inquilinos desses imóveis têm opção de pagar aluguel mais barato que o valor de prestações, além de não precisarem de fiador

Dharana mora em São Paulo e alugou um apartamento nos Jardins para morar. Segundo ela, a escolha está associada à sua instabilidade financeira desde que começou a pandemia. Ela teve os rendimentos comprometidos por causa do isolamento social. Por isso, optou por um negócio que não lhe amarrasse tanto no caso de problemas. “Aqui fico o tempo que quiser.” Um dos benefícios foi pegar o apartamento todo mobiliado. “Só precisei trazer a mala com as roupas. O resto estava tudo aqui.”

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Site monitora municípios na Paraíba

Dados das 223 cidades estão reunidos, permitindo a criação de políticas públicas; Sumé tem o melhor índice

Renato Félix
 Assessoria SECT

Sumé é o município paraibano de melhor desempenho com relação aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) propostos pela ONU, enquanto Bayeux tem o pior índice entre as 223 cidades paraibanas. Os dados foram calculados pela ODSPB (<http://ods.seect.pb.gov.br/>), uma plataforma do Governo do Estado, criada em parceria com a UFPB, que monitora e reúne informações sobre o tema e consegue avaliar como cada município está avançando ou não. A plataforma foi lançada na última sexta-feira, no campus da UEPB em Cuité.

A plataforma foi apresentada no Seminário de Territorialização dos ODS na Paraíba, e já está aberta ao público na internet. O evento, direcionado às cidades da 4ª região geoadministrativa da Paraíba, foi promovido pelo Projeto de Territorialização dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Estado da Paraíba e Suas Dimensões Municipais e pelo Projeto Educação Ambiental – Uma Ferramenta para Preservação do Bioma Caatinga.

A ODSPB organiza dados colhidos de aproximadamente 20 fontes de dados oficiais públicas e oficiais, conta o professor Aléssio Tony Almeida, coordenador da graduação em Ciência de Dados para Negócios da UFPB e do Laboratório de Economia em Modelagem Aplicada (Lema), ambos da UFPB, além de coordenador também do Projeto de Territorialização dos ODS na Paraíba. Os dados vêm de órgãos como a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), Agência Nacional das Águas (ANA), Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Secretaria do Tesouro Nacional e o DataSUS, permitindo uma frequência de atualização no mínimo anual.

A plataforma foi desenvolvida pelo Lema, em um grupo de trabalho que reúne 11 pesquisadores. “Ela será dinâmica e terá indicadores de todos os municípios. Com informação, o gestor pode montar estratégias para me-

lhorar nesses temas”, explica Buba Germano, deputado estadual, pesquisador e presidente da comissão de Ciência e Tecnologia da ALPB, e autor da propositura da emenda impositiva que destinou a verba para a criação da plataforma. Os recursos foram executados, a partir daí, pelo Governo do Estado, através da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq-PB).

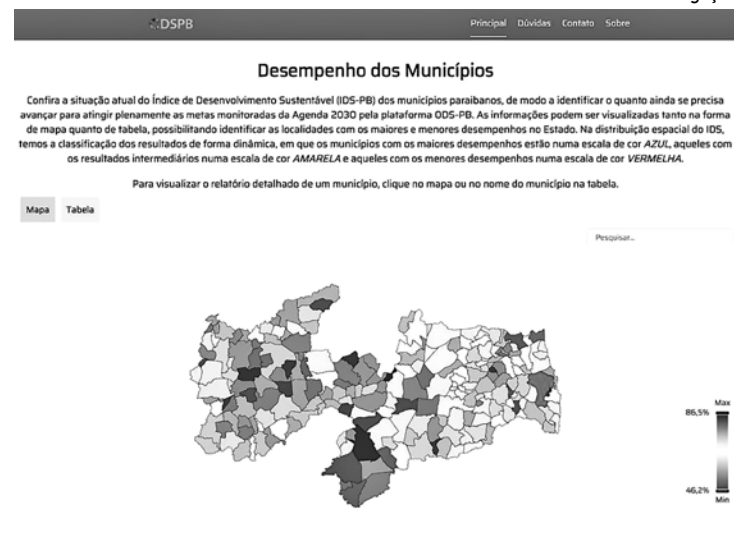
“Com ela, temos condições de monitorar e ver a posição de cada município da Paraíba”, diz o deputado. “Nenhum outro estado tem isso. É o que tem de mais moderno. O mundo está discutindo o assunto. Vamos oferecer essa possibilidade para ajudar nas decisões de políticas públicas pelos gestores”.

“A plataforma dá oportunidade de qualquer pessoa acessar informações importantes para compreender a situação do município onde mora, a região onde mora e o Estado da Paraíba no que concerne aos objetivos de desenvolvimento sustentável”, afirma Rubens Freire, secretário executivo de Ciência e Tecnologia da Paraíba. “Como o resultado das ações das políticas públicas estão modificando os objetivos de desenvolvimento sustentável no âmbito da Paraíba”.

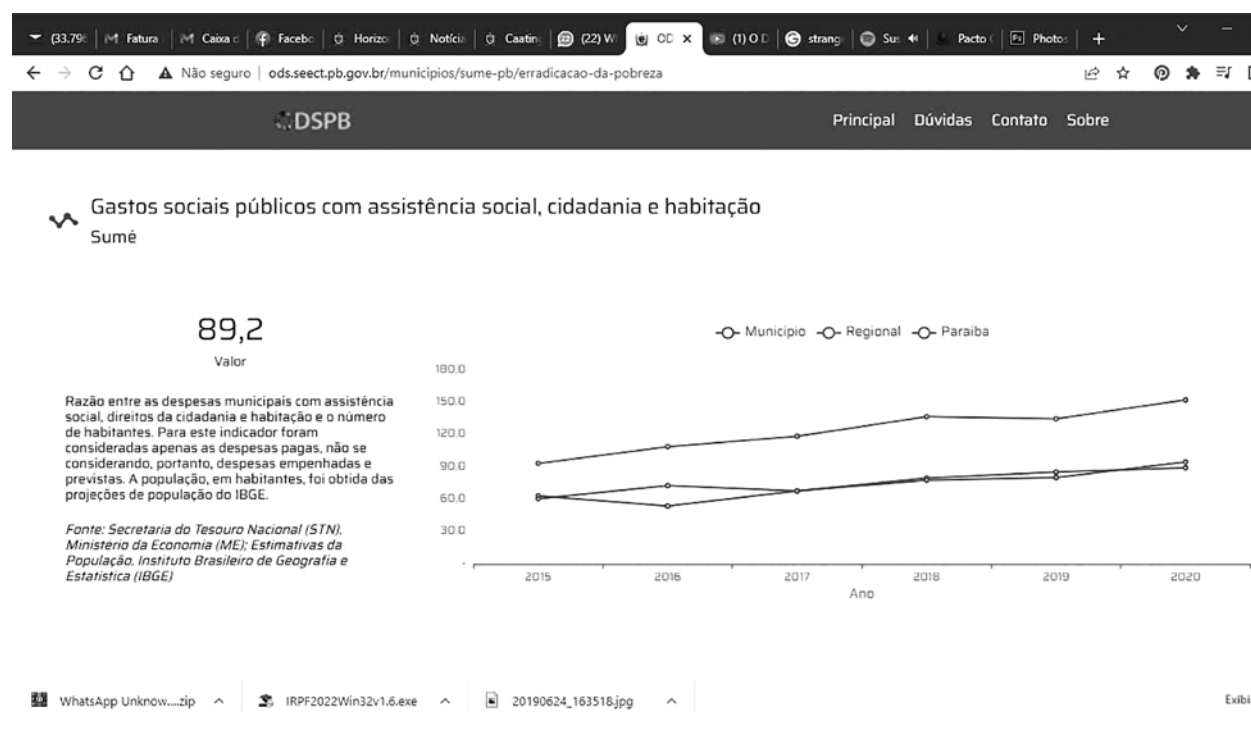
A plataforma, vinculada ao site da Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia, pode ser acessada por qualquer usuário através do navegador de internet – não há uma versão para download, mas ela também pode ser acessada pelo navegador do smartphone.



Professor Aléssio Tony Almeida



A plataforma foi apresentada no Seminário de Territorialização dos ODS na Paraíba e já está aberta ao público na internet



Sumé, Tenório e São José da Lagoa Tapada

Antes mesmo de ser lançada oficialmente, a ODSPB já consegue traçar um diagnóstico sobre o desempenho dos municípios paraibanos. “A gente criou um indicador geral chamado IDS, Indicador de Desenvolvimento Social. O cálculo de IDS vai de 0 a 100”, explica Aléssio Almeida.

Para ele, a Paraíba está tendo um bom desempenho geral. “O que a gente observa

é que, se a gente for dividir o caminho a ser percorrido, a Paraíba já percorreu mais de 2/3 do caminho – aproximadamente 70%”, avalia. “Temos um caminho a ser percorrido nos próximos oito anos”.

A plataforma permite que se levante dados em áreas específicas. Assim, Almeida aponta que precisam de maior atenção dados como menores índices nas áreas

“indústria, inovação e infraestrutura” e “consumo e produção sustentáveis”. Por outro lado, o estado tem bons indicadores nas áreas “redução das desigualdades” e “saúde e bem-estar”.

Em relação aos municípios, o melhor desempenho é de Sumé, que atinge o IDS de 86,6%. A cidade é seguida de perto por Tenório (86,5%) e São José da Lagoa Tapada (85,7%).

No outrolado da tabela, os três IDS mais baixos estão em Bayeux (46,2%), Santa Rita (51,3%) e Pedras de Fogo (58,8%).

“A plataforma permite a você identificar as áreas mais frágeis e fazer uma comparação do resultado do município com a sua região e com o estado”, diz Almeida. “Você consegue entrar no objetivo e ver quais indicadores merecem uma atenção especial”.

17 objetivos

- 1 - Erradicação da pobreza
- 2 - Fome zero e agricultura sustentável
- 3 - Saúde e bem-estar
- 4 - Educação de qualidade
- 5 - Igualdade de gênero
- 6 - Água potável e saneamento
- 7 - Energia acessível e limpa
- 8 - Trabalho decente e crescimento econômico
- 9 - Indústria, inovação e infraestrutura
- 10 - Redução das desigualdades
- 11 - Cidades e comunidades sustentáveis
- 12 - Consumo e produção responsáveis
- 13 - Ação contra a mudança global do clima
- 14 - Vida na água
- 15 - Vida terrestre
- 16 - Paz, justiça e instituições eficazes
- 17 - Parcerias e meios de implementação

ONU e o desenvolvimento sustentável

Foi em 2015 que a ONU propôs aos países membros uma nova agenda de desenvolvimento sustentável para os 15 anos seguintes, a Agenda 2030, composta pelos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). É a pro-

posta de um esforço conjunto de países, empresas, instituições e sociedade civil para assegurar direitos humanos, reduzir a pobreza, enfrentar as desigualdades e a injustiça.

O Sustainable Development Report de 2020 ([https://](https://www.sdindex.org/reports/sustainable-development-report-2020/)

www.sdindex.org/reports/sustainable-development-report-2020/) também estabele um índice para cada país. A Suécia lidera a lista (84,72), seguida por mais dois países nórdicos: Dinamarca e Finlândia. A Europa domi-

na os 15 primeiros lugares – a Nova Zelândia é o primeiro não-europeu, em 16º. O Brasil só aparece em 53º lugar, com score 72,67, atrás de países como Bósnia e Equador e só um pouco à frente de Azerbaijão e Irã.

■ Fabricantes e comerciantes têm obrigação de recolher produtos colocados no mercado, de acordo com a Política Nacional dos Resíduos Sólidos



LOGÍSTICA REVERSA

O destino correto do lixo eletrônico

Capital ganha espaço para receber materiais como pilhas, celulares, TVs e peças de computadores

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Não são poucas as vezes que um equipamento eletroeletrônico fica sem serventia e, nesse momento, não sabemos como descartá-lo corretamente. TVs, rádios, geladeira, aparelho celular, monitor de computador e muitos outros objetos correm o risco de ficarem encalhados em um cômodo da casa ou são jogados, erroneamente, no lixo comum, prejudicando o meio ambiente. Mas, o Programa Nacional de Logística Reversa, um dos instrumentos da Política Nacional dos Resíduos Sólidos (PNRS), prevê que os fabricantes e comerciantes recolham muitos dos produtos postos no mercado para reutilização, incluindo aí, os elétricos e eletrônicos. E para se adequar a essa Logística Reversa, João Pessoa deu um importante passo: inaugurou uma central que vai ajudar a evitar o descarte desse resíduo na natureza.

Trata-se da Central de Logística Reversa de Eletroeletrônicos, situada em Mangabeira. Com a iniciativa, a capital passa a atender um dos requisitos do Programa Nacional de Logística Re-



versa, que conta com parceria da Associação Brasileira de Reciclagem de Eletroeletrônicos e Eletrodomésticos (Abree) e da Associação Nacional de Municípios e Meio Ambiente (Anamma).

O Programa Nacional de Logística Reversa inclui uma lista abrangente de produtos que devem ser recolhidos pelos fabricantes, fornecedores, distribuidores e comerciantes para reuso ou outra destinação que não traga impacto à natureza ou ao ser humano. A lista inclui itens como agrotóxicos (resíduos e embalagens), baterias, óleos lubrificantes (resíduos e embalagens) e eletroeletrônicos.

Esse ano, o Governo Federal publicou o Decreto nº 10.936/2022 regulamentando o Programa, aperfeiçoando algumas diretrizes deste dispositivo, estabelecendo metas e atribuições compartilhadas entre poder público e iniciativa privada.

O secretário do Meio Ambiente de João Pessoa (Semam) e integrante da Anamma, Welison Silveira, destacou alguns compromissos firmados para viabilizar a adequação da cidade à legislação nacional. "A nossa Central é apenas de eletroeletrônico. O compromisso que estamos firmando

é que as empresas fornecedoras e fabricantes desses produtos se responsabilizem pela reutilização dos equipamentos. Antes, esse resíduo era levado para o aterro sanitário. Além da prefeitura pagar pelo peso, havia a contaminação do solo", declarou

Segundo o secretário, a iniciativa ainda vai gerar emprego verde junto às cooperativas e associações de reciclagem. A Central de Logística Reversa de Eletroeletrônicos vai ajudar esses produtos a retornarem para o mercado, seja por meio do aproveitamento, recondição do equipamento; ou por meio da transformação do material para compor novos aparelhos.

Saiba Mais

O secretário da Semam, Welison Silveira, revelou que a Central vai evitar o descarte irregular do lixo eletrônico, uma vez que esse material já foi encontrado até nos corpos hídricos da cidade. "Fazemos algumas operações de limpeza de rios e encontramos diversos equipamentos eletrônicos – como geladeiras, televisão, celulares, descartados nas margens dos rios. Com os pontos de coleta voluntária, você reduz o descarte incorreto e a poluição ambiental".

Como a Central de João Pessoa vai funcionar na prática

Para que os produtos cheguem à Central de Logística Reversa de Eletroeletrônicos da prefeitura de João Pessoa, é necessário o engajamento da população para que não jogue os equipamentos no lixo comum, terrenos baldios ou matas. Segundo o secretário da Semam, Welison Silveira, a ideia é que as lojas varejistas do comércio pessoense instalem unidades para recolher esse material – também chamados ecopontos de descar-

te. Cabe ao consumidor se dirigir a esses postos de entrega voluntária e deixar o resíduo.

"Então, se você tem um secador de cabelo que não tem serventia e tem um posto de coleta num shopping, quando você for ao shopping deve levar o produto e descartá-lo lá", exemplificou o secretário.

Os empreendimentos comerciais que tiverem postos de coleta distribuídos na cidade firmarão uma parceria com cooperativas

ou associações credenciadas junto à Central de Logística Reversa da prefeitura. Elas vão recolher os resíduos eletroeletrônico desses postos de coleta voluntária e conduzi-los até à Central.

"Da Central de Logística Reversa, quem vai dar a destinação vão ser os fabricantes, por meio da associação deles, que é a Associação Brasileira de Reciclagem de Eletroeletrônicos e Eletrodomésticos - Abree. A Abree faz a destinação correta, reutilizando

ou transformando, fazendo com que o resíduo não seja jogado no meio ambiente", explicou o secretário Welison.

Ele frisou ainda que o consumidor tem a opção de reunir uma certa quantidade de lixo eletroeletrônico e deixar diretamente na Central de Logística Reversa de Eletroeletrônicos, que vai funcionar de segunda a sexta-feira, das 8h às 17h, na Rua Antônio Bento de Paiva, número 391, em Mangabeira.

Produtos contêm componentes nocivos ao meio ambiente

A Autarquia Especial Municipal de Limpeza Urbana (Emlur) é o órgão municipal que vai gerir a Central de Logística Reversa de Eletroeletrônicos da capital. O superintendente da autarquia, Ricardo Veloso, afirmou que os

produtos eletrônicos possuem componentes nocivos ao meio ambiente e não podem ser descartados de forma inadequada. "Com a Central, estamos dando efetividade ao fechamento do ciclo produtivo desses materiais, que serão re-

colhidos pelos fabricantes", frisou.

De acordo com ele, para que tudo funcione de maneira sustentável, é necessária a conscientização da sociedade, que parte de um processo de educação ambiental. "Espero que a população seja multipli-

cadora desta mensagem. Ninguém vive mais sem um aparelho de telefone celular, TV ou eletrodoméstico. Quando estes equipamentos se tornarem obsoletos, serão substituídos, mas, o descarte deve ser feito adequadamente", complementou.

Todo processo começa em casa

A inauguração da Central de Logística Reversa de Eletroeletrônicos ocorreu no dia 6 de maio e contou com a presença do prefeito da capital, Cícero Lucena, e do secretário de Qualidade Ambiental do Ministério do Meio Ambiente, André França. Na ocasião, o secretário destacou a importância da iniciativa da gestão municipal.

"A partir de agora, João Pessoa está integrada ao projeto nacional de Logística Reversa, política que, por meio de decreto, se tornou obrigatória também para os eletroeletrônicos. Parabéns a todos os que se mobilizaram para tornar isso possível", afirmou França.

Entre os participantes, também estava a representante da Associação Brasileira de Reciclagem de Eletroeletrônicos e Eletrodomésticos (Abree), Marta Regina, que enfocou a participação da população. "Devemos lembrar que tudo começa com a participação do cidadão, e pedimos que descartem nos pontos corretos os equipamentos que não são mais usados".

Saiba mais sobre a legislação

No dia 13 de janeiro deste ano, o Governo Federal publicou, no Diário Oficial da União (DOU), o Decreto Presidencial nº 10.936, que regulamenta a Lei nº 12.305 de 2010 que instituiu há mais de uma década a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) e criou o Programa Nacional de Logística Reversa.

Com a regulamentação prevista no novo decreto, houve o detalhamento das responsabilidades e metas sobre os resíduos e também uma modernização na forma como o país lida com o seu lixo, exigindo dos setores públicos e privados transparência no gerenciamento de seus resíduos. Conforme o Ministério do Meio Ambiente, entre 2019 e 2020, foram recolhidas 470 toneladas de eletroeletrônicos. A meta do Ministério é chegar a cinco mil pontos de coleta até 2025.

Dentre algumas especificidades, o decreto determina que fabricantes, importadores, distribuidores, comerciantes, consumidores e titulares dos serviços públicos de limpeza urbana e de manejo de resíduos sólidos sejam responsáveis pelo ciclo de vida dos produtos. A responsabilidade compartilhada será implementada de forma individualizada e encadeada.

Segundo o Ministério do Meio Ambiente, o novo decreto prevê que as ações do Programa Nacional de Logística Reversa estejam sendo implementadas ou já implantadas. Ainda com relação à Logística Reversa, o novo decreto estipula a obrigatoriedade da prestação de informações sobre os sistemas de logística reversa no Sistema Nacional de Informações sobre a Gestão dos Resíduos Sólidos (Sinir).

ARTHUR PILOTO

Currículo de gente grande

Com apenas 12 anos, o paraibano vem fazendo história no jiu-jitsu com títulos nacionais e internacionais; meta é se tornar faixa preta

Arthur Piloto sonha em ganhar um título europeu e próximo desafio será o tri no Pan-Americano, nos EUA, em julho

Laura Luna
 lauraluna@epc.pb.gov.br

Com 1,69 metro, 57 quilos e 12 anos, Arthur Piloto tem currículo de gente grande. O atleta de jiu-jitsu perdeu a conta de tantas vitórias. Desde que entrou para o esporte, aos oito anos de idade, foram pelo menos 100 lutas em competições no Brasil e fora do país, com apenas três derrotas. Conquistas que são resultado de uma rotina que envolve dedicação e amor ao esporte, mas que começou com certa resistência. Quem vê Arthur no tatame pode nem imaginar, mas ele não gostou nada da primeira aula de jiu-jitsu, uma história que foi mudando ao longo dos anos e dos treinos. Hoje, o atleta segue firme no sonho de se tornar faixa preta e subir em um dos principais pódios da modalidade.

100

lutas fez Arthur desde o início de sua carreira, sofrendo apenas três derrotas e garantindo um alto aproveitamento

“É meu sonho, lutar e ganhar um europeu. Quero também conquistar a faixa preta”, afirmou o faixa amarela que entre os títulos conquistados destaca o octacampeonato paraibano, o bicampeonato Pan-Americano kids, o Sul-Americano, o Mundial de Abu Dhabi e o campeonato brasileiro, este último conquistado no início do mês em Barueri, São Paulo. O foco agora é a busca pelo tricampeonato Pan-Americano Kids, que será realizado em Orlando, nos Estados Unidos, no mês de julho.

Para isso, Arthur, que recebe a bolsa esporte do Governo do Estado, já prevê a intensificação nos treinos, acompanhados de perto pelo pai Alexandre Sousa, grande companheiro e incentivador. “Como chegou de São Paulo recentemente, ele está em um momento mais tranquilo. Mas em junho começa a treinar o jiu-jitsu três vezes por semana nos turnos da manhã e tarde e dois dias de musculação”, detalha. Foi o pai quem, há quatro anos, teve a ideia de colocar Arthur no jiu-jitsu com o objetivo de que o filho praticasse um esporte. “Primeiro foi o judô, mas não deu certo. Aí pensei no jiu-jitsu, mas o resultado também não foi lá o esperado”. Alexandre se refere à primeira aula, que Arthur não gostou nem um pouco, pelo contrário. “Chorou pra não ir

para a segunda. Aí decidimos levar o primo, foi quando ele topou continuar. No final das contas o primo deixou o esporte e ele seguiu”.

A essa altura Arthur já havia sido conquistado pela arte suave. O professor Valdenio Mendes, responsável pelos treinos do atleta desde o início da carreira, conta que no caso das crianças é essencial que os pais também se dediquem. “O jiu-jitsu kids depende diretamente dos pais e responsáveis, uma vez que a criança não faz nada sozinha”, pondera. Tem dedicação do atleta, claro, e também dos pais, que precisam seguir, levar os filhos para os treinos, campeonatos... é preciso ter vontade”. E nesse aspecto Arthur está bem, já que o pai está sempre ao lado, é só olhar as fotos dos campeonatos e Alexandre está lá, vibrando a cada vitória, ao lado também do treinador que é só elogios para Arthur. “É um menino que tem uma cabeça preparada, é dedicado, escuta muito e é também muito calmo e tranquilo”, detalha Valdenio Mendes. O treinador conta que apesar da pouca idade, Arthur costuma agir com maturidade, inclusive durante as disputas, e que está sempre atento ao que é passado. “Quando ele tá lutando eu posso tá a 20 metros de distância... eu grito, ele ouve e faz o que foi orientado”. Valdenio chama a atenção também para os atributos físicos, importantes e que fazem a diferença no tatame. “É forte, alto, flexível”.

Quem assiste Arthur lutar, se inspira. O colega de academia Paulo Alves, que foi vice-campeão brasileiro no campeonato de Barueri, São Paulo, vê no amigo um incentivo para seguir no esporte. Ele conta que já chegou a vencer Arthur no treino, mas que não foi tarefa fácil. Os golpes na academia, na verdade, são recebidos com atenção por Paulo que aproveita a convivência com o colega campeão para aprender cada vez mais. “Ele me passa uns truques, umas malandragens que são importantes pra quem quer ganhar”, brinca.

Elogios à parte, Arthur Piloto sabe que as vitórias são consequência da dedicação. O pré-adolescente de sorriso tímido não se deixa impressionar com os elogios ou títulos, pelo contrário, ele sabe que o esporte pode não ser para sempre. A ideia é reforçada pelo pai que faz questão de deixar claro que o jiu-jitsu é algo muito orgânico na vida do filho, que não recebe nenhum tipo de pressão por parte da família, pelo contrário, Alexandre conta que em casa os estudos vêm em primeiro lugar. “Menor média é 8,5. Ótimo aluno. Costumo dizer que ele está praticando o esporte, mas quem sabe se vai seguir ou não é ele. Só não deixo descuidar dos estudos”.

Com a fala, Arthur Piloto, uma das grandes promessas do jiu-jitsu paraibano. Um garoto de poucas palavras, mas de muita atitude. “É um esporte que eu gosto desde o segundo treino, que parece difícil mas não é. É algo que já faz parte da minha vida”.



Fotos: Marcos Russo



O professor Valdenio Mendes é o responsável pelos treinos do atleta desde o início da carreira e diz que o apoio dos pais é de fundamental importância

FÓRMULA-1

Leclerc não teme prova de Mônaco

Monegasco espera espantar o azar na corrida de hoje e recuperar a liderança do Mundial de Pilotos

Agência Estado

O histórico de Charles Leclerc correndo em Mônaco, sua terra natal, é tão frustrante que a situação é tratada como uma "maldição" pelos fãs da Fórmula 1. Para o monegasco da Ferrari, contudo, pouco importa buscar explicações sobre o azar em casa. Sem gastar tempo pensando sobre o assunto, ele prefere enxergar a prova deste domingo, em Monte Carlo, da mesma forma que enxerga todas as outras.

"Sem dúvida, não vem sendo uma pista de sorte para mim, mas é a vida, isso acontece, é parte do automobilismo e às vezes as coisas não acontecem do jeito que a gente quer. Espero que neste ano aconteçam, mas eu vou apenas usar a mesma abordagem que usei nas primeiras corridas de 2022, porque tem dado resultados até agora, e espero que dê resultados em casa", afirmou o ferrarista.

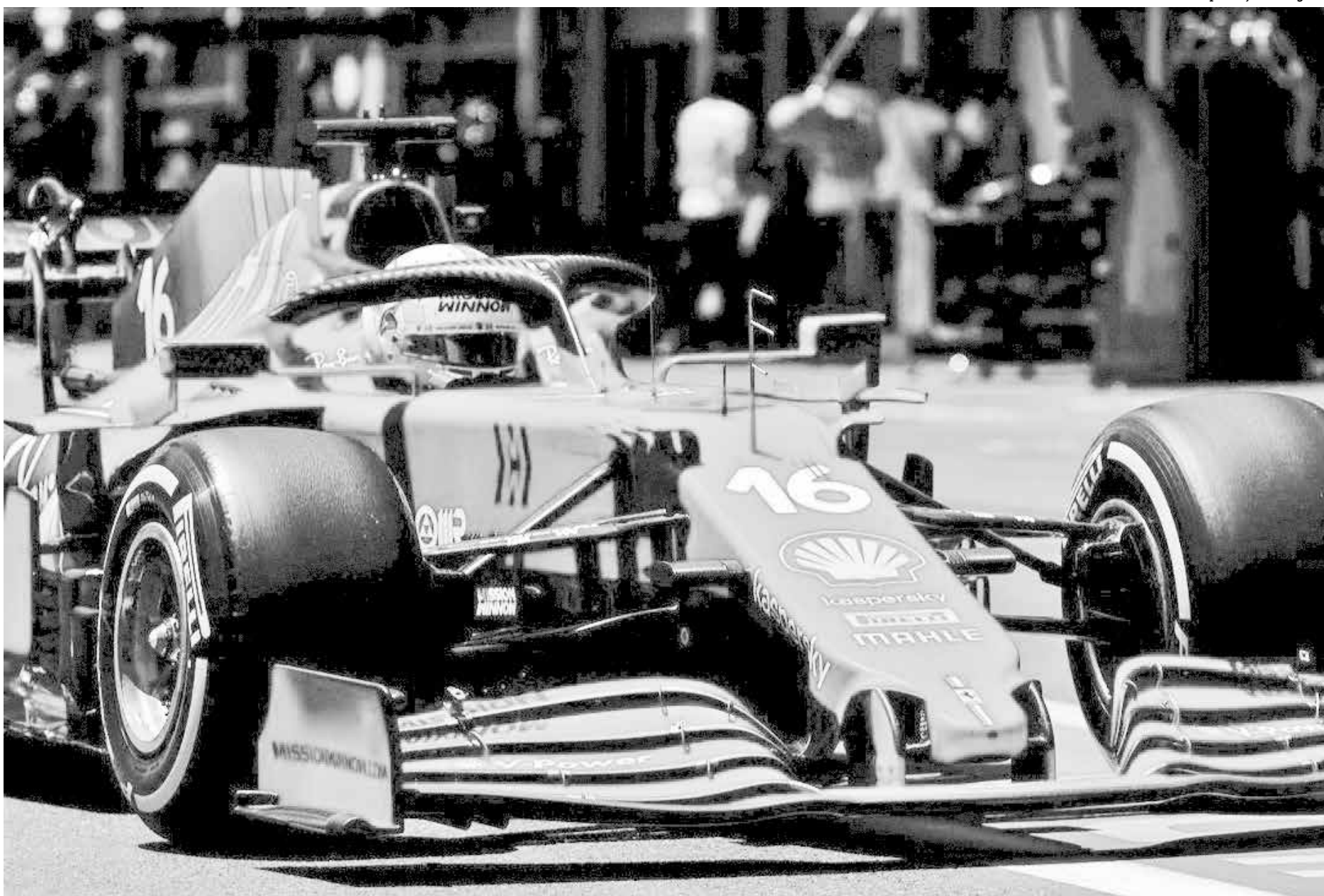
Leclerc viveu decepções em Mônaco desde a Fórmula 2 e jamais completou uma prova. Na categoria inferior, teve duas frustrações no mesmo final de semana, quando abandonou a corrida curta com problemas na suspensão e saiu da longa por falha elétrica.

Depois, em 2018, já na Fórmula 1, o monegasco estava em 12º nas últimas voltas, como piloto da Sauber, no momento em que um dos discos de freio dianteiro quebrou. Então, perdeu o controle do carro e bateu na traseira de Brendon Hartley. No ano seguinte, virou piloto da Ferrari e queria fazer bonito em casa, mas acertou Nico Hulkenberg e danificou tanto o carro que precisou abandonar.

A frustração mais recente ocorreu no ano passado, temporada na qual o GP de Mônaco foi retomado após cancelamento em 2020 por causa da pandemia. Na ocasião, fez uma excelente volta na primeira tentativa do Q3 e cravou a pole position, antes de sofrer uma batida. Os mecânicos da Ferrari trabalharam durante a noite e liberaram o carro para Leclerc largar do primeiro lugar. O problema é que o eixo de transmissão do lado esquerdo quebrou antes da largada e não houve tempo para arrumar. Por isso, ficou de fora da prova.

Apesar do desfecho frustrante, Leclerc lembra da pole position de 2021 como um ponto positivo. "Se somos favoritos aqui, não sei, mas acho que haverá surpresas para esta corrida. Como vimos no ano passado, nosso carro não foi tão competitivo ao longo da temporada, mas chegamos em Mônaco e tivemos um dos pacotes mais fortes para esta pista. Então, algumas equipes que não pensamos que serão muito competitivas aqui podem nos surpreender, mas tenho certeza de que estaremos na luta pela vitória", comentou.

OGP de Mônaco está marcado para as 10h deste domingo (horário de Brasília). Leclerc ocupa a segunda posição do Mundial de Pilotos, com 104 pontos, seis atrás do líder e atual campeão Max Verstappen, da Red Bull.



O monegasco Charles Leclerc espera uma melhor sorte no GP de Mônaco que acontece neste domingo nas ruas do principado

FESTIVAL PARALÍMPICO

CPB divulga cidades para evento em setembro

O Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), por meio da sua Diretoria de Desenvolvimento Esportivo, divulgou as cidades selecionadas para sediar o Festival Paralímpico 2022. O evento, que será realizado no dia 24 de setembro, ocorrerá em todas as regiões do Brasil, com atividades em 98 núcleos, dos quais 24 são Centros de Referência do CPB. Na Paraíba acontecerá em João Pessoa e Campina Grande. O festival tem a finalidade de proporcionar a crianças com deficiência e crianças sem deficiência (até 20%) a experiência de vivenciar as modalidades paralímpicas e difundir o Movimento Paralímpico em todo o território nacional. A meta para este ano é atender 14.000 participantes em atividades esportivas lúdicas, com uma média de 150

crianças por núcleo.

A primeira edição do festival, em 2018, foi realizada em 48 cidades com a participação de mais de 7.000 crianças. Em 2019, o evento teve 70 sedes e atendeu mais de 10 mil crianças. A edição de 2020 foi cancelada devido à pandemia de Covid-19. No ano passado, o Festival Paralímpico reuniu 8.000 crianças em 70 sedes espalhadas pelo país.

O evento ocorre em setembro por causa da celebração ao Dia Nacional de Luta da Pessoa com Deficiência (21) e ao Dia Nacional do Atleta Paralímpico (22). Em 2021, devido à pandemia de Covid-19, o festival foi adiado e realizado em 4 de dezembro para acompanhar o Dia Internacional de Luta das Pessoas com Deficiência (3 de dezembro).



Instalações da Vila Olímpica Parahyba são centros de referências para o Festival Paralímpico

JOGOS DA JUVENTUDE

Competição volta ao calendário após dois anos

Depois de dois anos de espera em virtude da pandemia, está se aproximando hora do reencontro dos melhores jovens atletas do Brasil com a principal competição multiesportiva de base do país. Faltam menos de 100 dias para os Jogos da Juventude 2022 e o trabalho do Comitê Olímpico do Brasil (COB) em parceria com o governo do Sergipe segue a todo vapor para entregar uma edição inesquecível aos cerca de 6 mil participantes que estarão em Aracaju (SE) entre os dias 2 e 17 de setembro. Um dos pontos essenciais para o sucesso do evento será o trabalho dos voluntários. Para isso, o COB iniciou uma seleção que no momento já recebeu uma inscrição de mais de 500 pessoas de todo o país. O processo segue

aberto até o próximo dia 3 de junho.

"Em breve reuniremos o melhor do esporte de base do país para um evento que será mais que uma competição esportiva. Os Jogos da Juventude 2022 celebrarão um grande reencontro e estamos prontos para oferecer a melhor estrutura e organização no padrão que o COB sempre realizou", afirmou o diretor de Desenvolvimento Esportivo do COB, Kenji Saito.

Enquanto jovens esportistas com idade até 17 anos das cinco regiões do país disputam as seletivas estaduais para o evento nacional, o COB vai acertando todos os detalhes para a realização do evento. No momento, o planejamento da entidade está na fase de contratação de fornecedores, composição do comitê orga-

nizador com mais 100 colaboradores de mais de 20 áreas funcionais diferentes, acompanhamento das entregas do comitê organizador local, entre outras ações que envolvem a complexa organização dos Jogos da Juventude. A partir do dia 1º de junho, os estados já começam a inscrever as equipes e definir o tamanho de suas delegações.

A partir do próximo mês, o COB intensificará as visitas periódicas a Aracaju para acompanhar junto com a equipe local todas as entregas técnicas e serviços necessários para a realização de um grande evento multiesportivo. Estão previstas a utilização de cerca de 15 instalações esportivas e 20 hotéis durante a competição, gerando impactos positivos para

a economia da capital sergipana.

O evento envolverá cerca de 4.500 atletas na disputa de 16 modalidades, duas delas novidades no programa: a ginástica artística e o taekwondo. De olho em atletas com potencial esportivo para o alto rendimento, observadores técnicos das seleções nacionais estarão presentes e um centro de avaliação e monitoramento será montado. Os Jogos da Juventude são organizados pelo COB desde 2000 sendo a porta de entrada para muitos que sonham com o caminho olímpico. Grandes nomes do esporte brasileiro como Paulo André, campeão mundial de atletismo, Sarah Menezes, campeã olímpica de judô, e Hugo Calderano, Top-3 do mundo no tênis de mesa, competiram no evento.

CLÁSSICO CARIOCA

Fla não vence o Flu há cinco jogos

Rubro-negro segue bastante pressionado no Brasileirão e jogo cresce em importância para o técnico Paulo Sousa

Foto: Mailson Santana/Fluminense

Mais um Fla-Flu, hoje, no Maracanã, a partir das 18h, que nos últimos cinco jogos foram quatro vitórias do Fluminense e um empate, um retrospecto nada animador para o torcedor do Flamengo que viu seu time perder o Campeonato Carioca e segue pressionado por resultados e atuações melhores no Campeonato Brasileiro. Os rubro-negros não vencem um Fla-Flu há mais de um ano. A última vitória no clássico foi na final do Carioca do ano passado, no dia 22 de maio de 2021.

Na última terça-feira, o Flamengo venceu o Sporting Crystal, do Peru, por 2 a 1, mas com outra exibição ruim que fez com que a torcida voltasse a vaia o time. O técnico Paulo Sousa segue a cada dia mais pressionado, não mais que o goleiro Hugo, outro ponto negativo. Sem opção, o técnico deve escalar o contestado jogador já que Santos e Diego Alves seguem sem condições de jogo, mas Matheus Cunha da base por aparecer. Hugo vem falhando constantemente e já provou não ter condições de ser o goleiro titular do Fla.

O Fluminense está bem mais motivado para o clássico e nem a desclassificação na Copa Sul-Americana, depois da goleada imposta ao Oriente Petrolero, da Bolívia por 10 a 1, no campo do adversário, abateu o elenco. Na sétima posição com 11 pontos, dois a mais que o Flamengo, este na 14ª posição, o tricolor pode até ser considerado favorito para esta partida, válida pela oitava rodada do Campeonato Brasileiro.



Na decisão do Campeonato Carioca, o Fluminense levou a melhor e vem sendo um “calo” para o rubro-negro, que vive momento de muita turbulência no Brasileirão

Clássico paulista

O domingo também reserva outro clássico regional, porém em São Paulo. Na Vila Belmiro, o Santos vai receber o Palmeiras, às 16 horas, na Vila Belmiro. E nem as vaia no empate com o Banfield, por 1 a 1, na última terça-feira, mesmo com o time se garantindo às oitavas de final da Copa Sul-Americana, não significaram um rompimento entre time e torcida. A prova que o apoio das arquibancadas seguirá veio com os santistas esgotando todos os ingressos para o clássico para empurrar o time contra o jejum de vitórias.

Com casa totalmente cheia, o Santos ganhou a “decisão” com o Unión La Calera e empatou com os argentinos para obter a vaga na Sul-Americana. Agora, faz duelo direto por posição na tabela do Brasileirão. O Santos soma 11 pontos, enquanto o Palmeiras, vice-líder, está com 12.

Sem o técnico Abel Ferreira, suspenso por causa do terceiro cartão amarelo, o Palmeiras será comandado pelo auxiliar João Martins. A mudança, apesar de importante, não é uma novidade de clube e nem impactou negativamente no desempenho da equipe nas oportunidades anteriores. Pelo contrário: o auxiliar defende a invencibilidade no comando do Verdão. Foram oito vitórias e cinco empates em 13 partidas, com 34 gols marcados e 11 gols sofridos.

FUTEBOL

Maioria dos jogadores profissionais defende mais ajustes no calendário

Agência Estado

Federação Internacional das Associações de Jogadores Profissionais, conhecida pela sigla Fifpro, divulgou uma pesquisa na última quinta-feira para defender a necessidade de ajustes no calendário de jogos do futebol internacional. De acordo com a entidade, o estudo deixou claro que a maioria dos jogadores profissionais é "a favor de novos regulamentos para lidar com o crescente congestionamento de jogos e a alta carga de viagens".

A Fifpro ouviu a opinião de 1.055 jogadores e 92 especialistas em desempenho sobre a necessidade de formular medidas que garantam um intervalo mínimo para descanso e limitem partidas consecutivas. Do total de atletas entrevistados, apenas 26% são favoráveis à continuidade do modelo atual.

O posicionamento da entidade tem apoio oficial de jogadores como o chileno Arturo Vidal, atualmente em fim de contrato com a Inter de Milão e especulado no Flamengo. O meio-campista assinou o prefácio do relatório ao lado do italiano Leonardo Bonucci (Juventus), do japonês Maya Yoshida (Japão) e do francês Salio Ciss (Nancy).

"As viagens internacionais de longa distância pressionam a saú-

de e o desempenho de muitos jogadores por causa das mudanças repentinas de clima e fuso horário. Alguns jogadores viajaram mais de 200.000 quilômetros nas últimas três temporadas - é como viajar ao redor do mundo cinco vezes", comentou Vidal.

No comunicado divulgado, a Fifpro dá exemplos de atletas que foram sobrecarregados por causa das Datas Fifas, época em que deixam seus clubes para defender suas seleções, sem um período de descanso na ida ou na volta. Um dos casos apontados é o de Luka Modric, que, em 2020, jogou 24 partidas consecutivas com menos de cinco dias de descanso entre cada uma, dividido entre compromissos com o Real Madrid e a Croácia.

Entre os 1.055 jogadores participantes da pesquisa, 55% relataram ter se machucado por sobrecarga, 40% afirmaram que tiveram a saúde mental afetada e 50% disseram que seus clubes e seleções não permitiram tempo suficiente de descanso.

Uma das soluções apontadas para melhorar o panorama é que as Data Fifas sejam mais longas e menos frequentes, sugestão que

agrada 46,6% dos jogadores entrevistados pela Fifpro - 25,7% não gostam da ideia e os outros 27,7% não têm uma opinião formada.

O estudo teve foco no futebol europeu, mas ouviu profissionais de outros países membros do sindicato. O Brasil, que vive uma discussão constante sobre seu calendário, não é associado à entidade.



Foto: Reprodução/Instagram

Vidal reclama do excesso de viagens numa temporada e exige um calendário mais justo

Jogos de hoje

■ SÉRIE A

- 16h Santos x Palmeiras
- Coritiba x Botafogo
- 18h Fluminense x Flamengo
- Corinthians x América-MG
- Cuiabá x Athletico-PR
- 19h Atlético-MG x Avaí

■ SÉRIE B

- 16h Vila Nova x Grêmio

■ SÉRIE C

- 11h Volta Redonda x Botafogo-PB
- 15h Altos x Ypiranga-RS
- 15h30 Iporá x Açaó-MT
- 17h Botafogo-SP x Mirassol
- 19h Remo x Floresta

■ SÉRIE D

- 12h Operário VG x Grêmio Anápolis
- 15h Globo FC x Sousa
- Pouso Alegre x Nova Venécia
- Próspera x Caxias
- 15h30 FC Cascavel x Azuriz
- 16h Amazonas x São Raimundo-RR
- Afogados x Crato
- Jacupense x Lagarto
- Sergipe x Santa Cruz
- 18h Humaitá x São Raimundo-AM

SÉRIE C

Belo encara, hoje, o Volta Redonda

Botafogo joga em Nova Iguaçu pelo Campeonato Brasileiro da Série C com o objetivo de se manter no G4

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

O Botafogo tenta chegar à liderança da Série C, enfrentando hoje o Volta Redonda, às 11h da manhã, no Estádio Nivaldão, em Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro. O jogo é válido pela oitava rodada, e terá uma arbitragem de um trio paulista, comandado pelo árbitro Salim Fende Chavez, auxiliado por Gustavo Rodrigues de Oliveira e Luiz Alberto Adrini Nogueira. O Belo está hoje no G4 com 13 pontos e vem de um empate em 1 a 1 contra o Campinense. Já o Voltaço está na nona posição, com 10 pontos, e vem de uma derrota por 2 a 1 para o Paysandu.

No Botafogo, o empate com o Campinense, na última quarta-feira, não foi bem aceito pela torcida, que esperava uma vitória, para descontar as duas derrotas na decisão do título paraibano. Mas, a equipe mostrou um novo esquema de jogo com uma melhor intensidade e po-

■
O Botafogo quer quebrar um tabu do Volta Redonda, que ainda está invicto jogando dentro do Rio de Janeiro



Foto: Guilherme Drovas/Botafogo

Após um empate em 1 a 1 contra o Campinense, o Botafogo quer buscar lá fora uma vitória para se manter no topo da tabela

deria ter saído de campo com uma vitória. O técnico Gerson Gusmão deverá manter o mesmo esquema, para tentar surpreender o Volta Redonda.

O meio campo Anderson Rosas, contratado esta semana, ainda não foi relacionado para o jogo. Ele está recuperando a forma física, já que estava parado por algum tempo. Por outro lado, o volante Pablo, que ficou fora do jogo contra a Raposa, com dores musculares, já está restabelecido e deverá ir para o jogo, dependendo apenas do técnico Gerson Gusmão.

Volta Redonda

O Volta Redonda vem de uma derrota fora de casa para o Paysandu por 2 a 1. A equipe ainda não pontuou fora de casa, mas em compensação, está invicto jogando no Rio de Janeiro. Nas quatro partidas que disputou foram três vitórias e um empate.

O time tem 10 pontos e está na nona colocação. O técnico Rogério Corrêa acha que foi prejudicado pela arbitragem no jogo contra o Pará e quer recuperar os pontos jogando em casa, onde ainda não perdeu.

O Volta Redonda está disputando simultaneamente com a Série C, a Taça Santos Dumont, na Série A2 do Campeonato Carioca. Na última quarta-feira, o Voltaço venceu o Gonçalves por 3 a 1, no Estádio Raulino de Oliveira. Com o resultado, o time conseguiu a classificação antecipada para as semifinais.

SÉRIE D

Sousa tenta manter sequência positiva contra o Globo

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

Após um começo muito ruim na Série D, o Sousa deu a volta por cima e há quatro jogos não sabe o que é uma derrota. O time vem de um empate e três vitórias, a última de forma heróica, sobre o Afogados, de virada, por três a dois, após estar perdendo por dois a zero. Hoje, o Dinossauro tem mais um desafio, pela sétima rodada, contra o Globo, às 15h, no Estádio Barretão, em Ceará Mirim-RN.

Com 10 pontos, na terceira colocação do grupo três, o Sousa tenta diminuir a diferença para o Retró de Pernambuco, que é o líder da competição. A equipe vive um grande momento e um dos principais jogadores da equipe é o goleiro Ricardo, ídolo da torcida sousense.

“O trabalho vem sendo bem feito. Nós conseguimos sair daquela situação incômoda do início da competição com muito trabalho e agora vamos tentar se manter no topo da tabela. Apesar do Globo estar na lanterna do grupo, eu espero um jogo difícil, porque o adversário costuma ser muito forte quando joga em casa. Esperamos fazer um grande jogo e sair de lá com uma vitória”, disse o goleiro.

Outro jogador que vem se destacando nos últimos jogos do Dino



Foto: Jefferson Emmanuel/Sousa

O Sousa deu a volta por cima e agora é um dos favoritos à classificação no grupo três da Série D

é o lateral esquerdo Vinícius Paiva. Assim como Ricardo, ele não espera moleza em Ceará Mirim.

“Teoricamente, o jogo será fácil, mas cada jogo é uma batalha diferente. O Globo está mal mas não é uma equipe boba. Nós temos que entrar sempre com o pensamento em fazer o melhor e tentar a vitória, independentemente do adversário. Chegamos no G4 e nosso objetivo agora é se manter e conseguir o acesso à Série C”, afirmou o atleta.

O técnico Tardelli Abrantes não tem nenhum problema de suspensão ou de lesão e poderá escalar a força máxima. O time que deverá começar a partida é o mesmo que foi titular contra o Afogados.

Dino

não perde há quatro jogos, com três vitórias e um empate, depois de um começo de competição bem abaixo das expectativas

Gatos reinam em Baía da Traição

Hilton Gouvêa
hiltongouvea@gmail.com

Baía da Traição é um município do litoral norte da Paraíba situado a 85 quilômetros de João Pessoa, onde em algumas ruas existe uma concentração de pessoas caridosas que se dão ao trabalho de recolher gatos e cachorros abandonados. Mesmo com problemas físicos considerados sérios para um animal, todos são tratados com carinho e atenção especiais, até mesmo os que ainda sofrem com sequelas de doenças ou são alimentados de maneira muito criativa, a fim de escaparem da morte.

As adolescentes Águida Estelina Marques de Gouvêa Segunda e sua cunhada Ruama Vitória da Silva Oliveira retornavam da escola, por volta das 11h, quando se sentiram atraídas por miados. Descobriram cinco gatos recém-nascidos, com os olhos ainda fechados. Haviam sido abandonados ao sol. Um deles foi batizado com o curioso nome de Atxula-txula, uma corruptela de Tchula, lugarejo mexicano de etno asteca, próximo a Vera Cruz.

Recolhidos e levados para casa, quatro gatinhos não resistiram e morreram. Atxula-txula - depois batizado Lêlo e talvez o primeiro da ninhada a nascer - foi o único a se salvar, porque Maria Elizabeth da Silva Gouvêa de Araújo, respectivamente mãe e sogra das garotas, improvisou um vidro de adoçante como mamadeira e passou a alimentá-lo e medicá-lo como a um bebê de quatro patas.

Ressuscitou do desmaio

O nome Lêlo foi colocado por Maydahilta Glória da Silva Gouvêa de Araújo, porque sua mãe, Elizabeth, "ressuscitou" o felino, que após o resgate, curtiu um desmaio por quase uma hora. Depois, o agora Lêlo cresceu forte e sadio. Aos quatro meses acabou sendo raptado da porta da casa de Maria Elizabeth. O gato sumiu misteriosamente durante 120 dias.

Após esses quatro meses, um dos filhos de Elizabeth saiu para lanchar num quiosque e sentiu um gato a se enroscar em suas pernas. O rapaz olhou para baixo, recolheu o bichano e levou-o para casa. O gato não estranhou ninguém: recebeu e distribuiu carinho, comeu um pouco de ração e deitou-se comodamente numa poltrona. Júnior deu o alarme: "Ó mainha, esse gato não parece com Atxula-txula? Parecia... E era. O sinal característico no rosto, que imita uma espécie de raio, foi a prova cabal.

O gato recém-achado e batizado por Lêlo era o mesmo sumido Atxula-tchula, identificado, também, pelos pés um pouco tortos e pela cor. O bicho não sumiu mais de casa. Hoje, entre os nove animais felinos companheiros na mesma casa, ele é o mais velho. No próximo dia 21 de novembro irá completar cinco anos. Lêlo não maltrata animais de outra raça, pois cuida de cães e gatos novos, a quem "banha" com a língua. É brigão com os gatos invasores, que ameaçam agredir os de casa. E não aceita que outros gatos cheguem perto de seu dono predileto, o marido de Maria Elizabeth.

Fotos: Hilton Gouvêa



Maria Elizabeth alimenta e cuida da criação de gatos



Animais abandonados são recolhidos por famílias de Baía da Traição

Localizado no Litoral Norte paraibano, município registra um número considerável de moradores que se dedicam a cuidar de animais abandonados

Salvo de dentro de uma poça d'água

Palu, Amarelinho ou Galego é um gato angorá, que atende por um desses nomes, achado numa noite de chuva por Elizabeth. Ele estava dentro de uma poça d'água, ao que parece jogado de propósito para afogar-se. Tremia de frio. Recolhido e alimentado, até hoje está na casa que o adotou. Apesar de bem alimentado, costuma "mamar" em qualquer coisa redonda que encontre. E seu brinquedo corriqueiro é arranhar o fundo da rede armada no terraço com as unhas, para irritação de quem está dentro, a se balançar.

Lêlo, que é pai da gata Pandinha - a única de uma ninhada de três que sobreviveu - também é companheiro e defensor das gatas Marisca e Marusquinha, duas mestiças siamesas, filhas de Olhos Brilhantes, a felina que amamenta quatro filhotes: Jawa, Belinha, Milu e Melina. Todos gostam de dormir dentro de sapatos. Palu costuma subir no teclado do computador, para ver seu dono trabalhando. Certa vez, Mayda, a "fada dos gatos abandonados", recolheu uma gata quase morta de fome e frio diante de seu colégio. Deu-lhe o nome de Agilette, por causa de sua magreza. Apesar de cega de um olho, Agilette é ágil e não gosta da rua.

O pelo de Agilette lembra Micherinos, um dos gatos de Águida, que morreu. Ele tinha o couro riscado de um cinza negro, com manchas amarelas. Supõe-se que era mestiço de gata doméstica com maracajá. Motivo: quando o Bairro do Cangulo, em Baía da Traição, não era calçado, um gato selvagem foi visto várias vezes nos quintais vizinhos. Micherinos foi achado dentro do mato. Era arredio: a

“

Não vou expulsar, nem parar de criar. Estou curtindo um desgosto pelos que sumiram. Deus vai me ajudar

Dona Asidália

única pessoa que o acariciava era sua dona, Águida.

Asilo de felinos

O "chefe do clã animalesco" nessa casa é um cão mestiço de vira-lata (sem raça definida) com rottweiler, chamado Blow. Chegou à casa de Maria Elizabeth há três anos, depois de abandonado pelos donos numa terça-feira de Carnaval. No novo lar, recebeu o primeiro prato de comida e água. Não foi mais embora. Seu arqui-inimigo é um cão yorkshire que atende por Vovô. Os dois sempre se engalfinham quando o objetivo de ambos é defender, cada qual, o seu pedaço. Blow sofre das sequelas de uma doença que o faz "dançar" a toda hora (o que parece dança são espasmos derivados de uma doença bastante comum em cães: a cinomose). Após rece-

ber tratamento veterinário, melhorou consideravelmente.

Ela tem 77 anos e se chama Asidália Bento. Botaram-lhe o prenome de uma flor dos Andes. Chegou a possuir mais de 30 gatos. Hoje cria apenas oito e chora quando lembra que cerca de 20 felinos sumiram misteriosamente. "Os bichinhos chegam aqui do nada, se alimentam e depois que estão gordos e sadios aparece uma mão maldosa e os carrega", queixa-se ela, entre lágrimas e soluços.

Iniciou a criação de gatos abandonados há 30 anos. Ao sair do Rio de Janeiro para Baía da Traição, via Macaíba, no Rio Grande do Norte, trouxe eles na bagagem. Passou uns tempos no Alto da Boa Vista, em Bayeux, na Região Metropolitana de João Pessoa, quando surgiu em sua casa uma gata mourisca que deu cria. Sobrou apenas um gato dessa barrigada. Atingiu a 36 o número de felinos em sua casa. Como se não bastasse, conheceu Glória, uma amiga, que tinha em casa 130 bichinhos. A troca de ideias entre ela e Glória e, conseqüentemente, a atenção aos gatos, abalou seu relacionamento familiar.

Seu marido, o servidor federal aposentado Mário Alves de Souza, hoje com 87 anos, reclamou. Porém, os gatos não paravam de chegar. Acostumou-se. Atualmente, permite que os bichanos durmam dentro de seu carro. Asidália gasta em torno de R\$ 300,00 por mês com ração. Antes, essa conta ia para mais de mil reais. "Não vou expulsá-los, nem parar de criar. Estou curtindo um desgosto pelos que sumiram. Deus vai me ajudar a esquecer tudo," lamenta-se.



Mayda é considerada a "fada dos gatos abandonados"



Dona Asidália chegou a possuir mais de 30 gatos

Coriolano de Medeiros

Sertanejo tangido pela seca que virou jornalista, músico, escritor e poeta

Hilton Gouvêa
hiltongouvea@uol.com.br

O jornalista, escritor, professor, músico e poeta João Rodrigues Coriolano de Medeiros era um homem que falava com moderação, devorador de livros e amante da boa música, além de musicista tão hábil que dominava a arte de tocar diversos instrumentos. Diplomáticamente sarcástico, aos 16 anos criou um jornalzinho somente para criticar os colegas que não lhe eram muito simpáticos.

Sua participação nos jornais foi grande e estratégica, principalmente em A Imprensa, onde publicou seus primeiros trabalhos literários. Também trabalhou em O Comércio, de Arthur Aquiles, que acabou empastelado; e colaborou em A União Tipográfica, no ano de 1894, jornal que surgiu para ser porta-voz do governo estadual, fundado por Álvaro Machado, em 1892.

De origem humilde, trabalhou duro para obter uma vida condigna. Foi caixeiro viajante da Tabacaria Peixoto, na época um point de jornalistas e intelectuais da capital paraibana. Gostava de ouvir as histórias que sua mãe contava sobre o Sertão, daí porque, aos 18 anos, foi visitar sua terra natal, Patos, com o objetivo de colher as primeiras impressões do

habitual interiorano, mais tarde reveladas em seus livros.

Perdeu a visão aos 73 anos, um quarto de século antes de morrer, na sua casa da Rua do Sertão, 232, no Bairro do Cordão Encarnado, em João Pessoa. Assistiram à morte desse ilustre paraibano apenas a sua governanta e os filhos dela, segundo consta nos anais da Fundação Antônio Antas Diniz, da Academia Paraibana de Letras (APL) e do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP), sendo sócio fundador das duas últimas entidades. Eulina, sua mulher, havia morrido após viver 47 anos de feliz união com Coriolano.

Ele nasceu no Sítio Várzea das Ovelhas, em Patos, no Alto Sertão paraibano, a 294 quilômetros de João Pessoa, no dia 30 de novembro de 1875. E morreu em João Pessoa, sem deixar filhos, em 25 de abril de 1974. Seu nome é originário da cidade de Coriolo, região etrusca da Itália. Significa bondoso, artístico, benquista, criativo e afortunado.

Pelo lado paterno, Coriolano era neto do professor Herculano de Medeiros, primeiro tabelião público e pioneiro mestre-escola da Vila de Patos. O lado materno dele tem o sangue cearense de Cosme Vieira da Silva, patriarca do clã dos Vieira, no Sertão das Espinharas, que abrange Patos e outros municípios adjacentes.

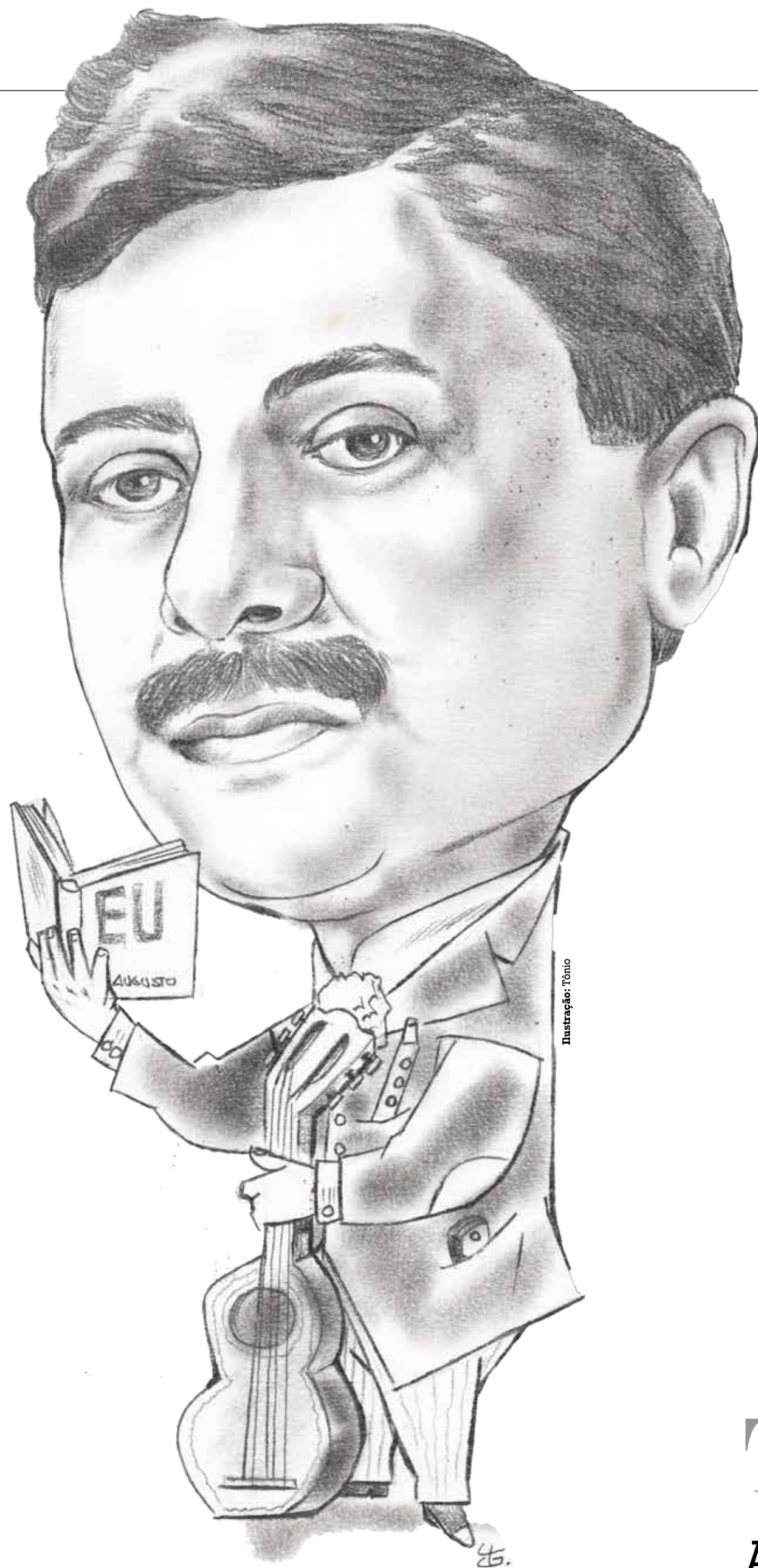


Ilustração: Tônio



Foto: Ortilo Antônio

A hoje esquecida sede do clube social em João Pessoa, onde, a partir de 1901, Coriolano de Medeiros fez parte da Banda do Clube Astréa, iniciando sua carreira musical

Estiagens prolongadas forçaram a família a mudar-se para a capital

Ele era filho de Aquilino Coriolano de Medeiros e Joana Maria da Conceição. Coriolano tinha só dois anos de idade quando sua família, tangida pelo flagelo da seca iniciada em 1877, mudou-se para a capital do estado, onde, pouco tempo depois, morreu seu pai. A mãe de Coriolano casou-se novamente com Vitorino da Silva Coelho Maia, por quem Coriolano nutria grande gratidão.

Seu maior sonho era ser oficial da Marinha, mas optou pelo comércio para sobreviver e pelo jornalismo, por gostar de escrever. Em A União Tipográfica, escreveu seu primeiro artigo, 'Coessão de classe', pregando a coesão profissional entre os tipógrafos. Nunca deixou pergunta sem resposta. Quando não respondia na hora, pedia tempo para pesquisar.

Então inicia seus estudos na capital, concluindo os preparatórios no Lyceu Paraibano, em 1891, época em que se matriculou na Faculdade de Direito, em Recife.

A necessidade de ajudar a mãe com o sustento da casa o fez abandonar o curso no terceiro ano, para se tornar inicialmente comerciante e posteriormente, em 1889, ingressar no serviço público, como funcionário dos Correios, onde permaneceu até 1900.

A partir de 1901, Coriolano começa a fazer parte da Banda do Clube Astréa, dando início à sua carreira musical. Como músico, participou da fundação do Clube Sinfônico - futuramente, a primeira orquestra sinfônica da Paraíba -, que realizava serenatas e animava os veraneios em sua casa, na Praia do Poço. Nessa época, Coriolano atuava profissionalmente como professor particular, atividade que exerceu até 1905, quando voltou a ser comerciante.

Também em 1905, casou-se com a pianista Eulina Medeiros, viúva do juiz Joaquim Gonçalves Rolim. Em 1910, aos 35 anos, foi nomeado, pelo então presidente da Província da Parahyba do Norte, Mon-

senhor Walfredo Leal, escriturário da Escola de Aprendizes Artífices, instituição da qual se tornou diretor em 1922, cargo em que veio a se aposentar posteriormente.

Em 1894 Coriolano tornou-se sócio-fundador do Centro Literário Paraibano e do Instituto Histórico Geográfico Paraibano, integrando a sua primeira diretoria; também fez parte da associação dos Homens de Letras, associação de feição acadêmica, com 30 membros efetivos, criada por sugestão de Camilo de Holanda, então presidente do estado.

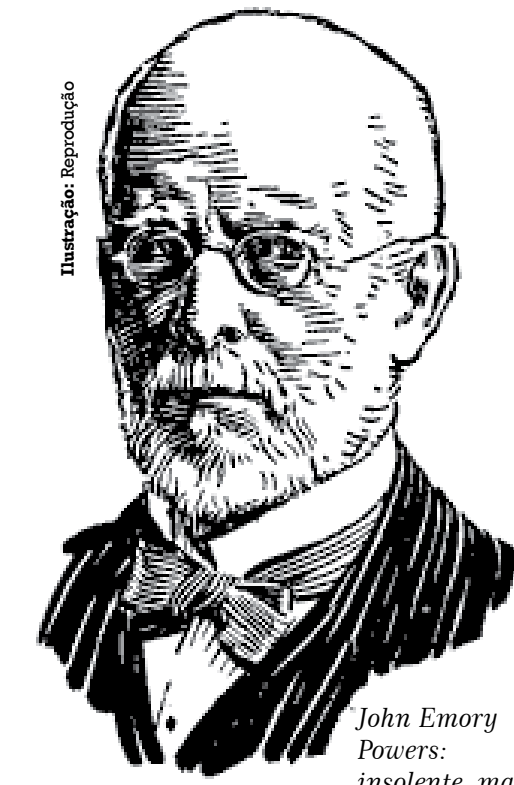
Simultaneamente, participou do gabinete de estudos de geografia e história da Paraíba e, ainda, por sua iniciativa, fundou a Academia Paraibana de Letras, um dos atos mais importantes de suas atividades como intelectual, onde ocupou a cadeira 7, cujo patrono era Arthur Achilles. Como modelo intelectual paraibano, sucedeu a Carlos Dias Fernandes.

Seus livros de memórias 'O Tambiá da

minha infância' e 'Sampaio', relatando histórias de um famoso bêbado da capital, formaram um sucesso de público poucas vezes visto na Paraíba. Era sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, como também do de São Paulo. Em sua carreira literária, Coriolano fez uso de pseudônimos, sendo os mais famosos C.M., Heráclito, José Tambiá, Libório de Assumpção, Roco, Zé Foguete, Marimbão&Cia e Estrela Dalva.

Escreveu e publicou os livros 'Dicionário Corográfico do Estado da Paraíba', 1914; 'Do litoral ao Sertão', 1917; 'O tesouro da cega', 1922; 'O Tambiá da minha infância', 1994; 'Mestres que se foram', 1925; 'O barracão', 1930; 'Manairá', 1936; 'A evolução social e histórica de Patos', 1941; e 'Sampaio', 1955. Criou um curso de matemática para formar técnicos da Associação do Comércio da Paraíba. Esse órgão serviu de embrião para a atual Academia de Comércio Epitácio Pessoa.

Angélica Lúcio



John Emory Powers: insolente, mas verdadeiro

Um publicitário que só falava a verdade

em 1919, sendo reconhecido até hoje por sua influência na indústria de marketing e da publicidade.

Descobri Powers no livro 'Copywriting: o método centenário de escrita mais cobiçado do mercado americano', de Paulo Macedo, cuja amostra grátis eu baixei no Kindle, para decidir se quero ou não comprar (sim #soudessas). Conheci Powers via Paulo Macedo e me apaixonei de cara por esse publicitário tão criativo, direto, engraçado e verdadeiro, que viveu no século 19.

Após experimentar várias técnicas diferentes como redator, Powers adotou um estilo que mesclava frases curtas e simples. Sem muita enrolação mesmo, afinal o importante era transmitir uma mensagem e convencer o público da compra. E isso ele provou que sabia fazer bem. Conforme relatado por Paulo Macedo, no tempo em que John Emory Powers trabalhou para a loja de departamentos John Wanamaker, as receitas da empresa dobraram, passando de US\$ 4 milhões para US\$ 8 milhões. Depois ele trabalhou para outras companhias e chegou ao fim da década de 1890 ganhando mais de cem dólares por dia, o que equivale a cerca de 700 mil dólares/ano em moeda atual.

Até hoje, seu estilo de escrita atrai discípulos, ficando conhecido como o "Estilo Powers" de redação. De forma geral, tal forma de escrever preza pelo uso da linguagem simples, sem exageros, sem uso de desenhos nos anúncios e limitando as manchetes a poucas palavras. De acordo com Paulo Macedo, o estilo de copywriting de Powers também era conhecido por estilo "Razão-Porquê". Lembra-se, rebuscamento e hipérboles eram a cara daquela época. "Powers ficou famoso por dar foco aos fatos, por falar somente a verdade", conta Paulo Macedo.

Veja alguns exemplos. Enquanto trabalhava para a Wanamaker, repassaram para ele que um determinado departamento precisava "se livrar" de tecidos podres. Isso mesmo: tecidos podres. E o anúncio escrito por Powers apelou justamente para essa característica do produto. "Temos tecidos podres e coisas dos quais queremos nos livrar". Bingo! Sucesso de vendas. Os clientes compraram tudo o que havia de tecido podre antes mesmo da hora do almoço!

Outra vez, ele redigiu um anúncio para vender gravatas. Com toda a sinceridade que lhe era peculiar, o anúncio ficou assim: "Elas não são tão boas quanto parecem, mas são boas o suficiente - e custam

apenas 25 centavos". Outro anúncio dizia o seguinte: "O preço é monstruoso, mas isso não é da sua conta". Admito: toda vez que leio essa "oferta", morro de rir. Que cara! Que brilhantismo!

Há outro anúncio também muito engraçado e verdadeiro: "Estamos falidos. Este anúncio trará nossos credores aos nossos pés. Mas se você vier e comprar amanhã, teremos dinheiro para atendê-los. Se não, iremos para a parede". Com esse anúncio, a empresa de roupas Pittsburgh, que de fato estava quase à beira da falência, não era invenção de Powers, conseguiu registrar um aumento imediato nas vendas e não quebrou.

Como redator publicitário, Powers defendia que "o lugar comum é nível próprio para a escrita de negócios, onde a primeira virtude é a simplicidade. A escrita fina não é apenas intelectual, é ofensiva". Ele era extremamente criativo, mas também tinha uma personalidade complexa. Para alguns, era conhecido como "o homem mais insolente". Eu gostaria de ter conhecido John Emory Powers e passado uma tarde inteira batendo papo com ele. Como isso não é possível, vou reservar um espaço na mente para três regras dele: conte uma história; use linguagem simples; faça manchetes curtas.

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

A Bossa-Nova – Parte 5

Prosseguindo em ritmo de Bossa-Nova, vamos "tocando em frente", com o objetivo de traçar breves perfis bioartísticos dos que fazem parte desse universo musical chamado bossa-nova.

João Gilberto do Prado Pereira de Oliveira (Juazeiro-BA, 1931 - Rio de Janeiro, 2019) - É evidente que, sem medo de errar, pode afirmar-se não ser em vão que o baiano é tido e havido hoje como o inventor do estilo/movimento, tendo ele, inclusive, influenciado alguns compositores e intérpretes que aderiram ao seu modo de compor e cantar samba.

Antes de se firmar no Rio, o que somente aconteceu por volta de 1957, andou participando do mundo da música em sua terra natal, em Porto Alegre-RS e em Diamantina-MG.

Anteriormente, na segunda metade da década de 1940, após iniciar os seus estudos musicais no interior da Bahia, já em Salvador, chegara a fazer parte do conjunto vocálico Enamorados do Ritmo. A partir daí, em 1949, foi integrado ao cast da Rádio Sociedade de Bahia. No ano seguinte, rumou para o Rio, quando e onde, como crooner, participou da formação de outros conjuntos vocálicos, como os Garotinhos da Lua e os Anjos do Inferno, atuando como músico da noite, em bailes e boates, o que, hoje, fica difícil de entender, devido ao extremo perfeccionismo que já procurava imprimir na sua forma de cantar e executar o violão.

Em 1957, vamos então encontrá-lo como músico permanente da Boate Plaza, no Rio, ponto de encontro de músicos, onde ele



Foto: Reprodução

Primeiro LP de João Gilberto, cantor e compositor

começa a desenvolver uma nova concepção musical que redundaria na criação da Bossa-Nova.

Foi em 1958 que o Brasil começou a conhecer o violonista de temperamento retraído que, a partir do svingue influenciador do samba moderno, antecipa a revolução harmônica que se instalaria na nossa MPB.

Quanto às suas primeiras incursões no mundo das gravadoras, acompanhou Elizabeth Cardoso na gravação do LP 'Canções do Amor Demais', em que se sobressai o toque do violão dele, nas faixas 'Chega de Saudade' (Tom e Vinícius) e 'Outra Vez' (Tom Jobim). Embora Elizabeth estranhasse a sua maneira de executar o instrumento, o seu jeito ímpar de executá-lo levou Tom Jobim, Caymmi e o produtor Aloysio de Oliveira a apresentarem João Gilberto à poderosa Odeon.

O fato é que, já em agosto 1958, a gravadora lançou o primeiro 78 rpm de João Gilberto, como cantor, acompanhando-se ele próprio ao violão: no lado A, 'Chega de Saudade' e, no lado B, 'Bim bom', de sua própria autoria. Falam os estudiosos, como Rodrigo Faour, em sua 'História da Música Popular Brasileira', que, nessa primeira gravação, já temos "uma aula de como usar uma voz tão pequena ao microfone, numa emissão próxima da perfeição para os sons e as palavras".

Um fato curioso e pioneiro para a época: o intérprete exigiu, quando da gravação, um segundo microfone para captação exclusiva do som do seu violão, uma excentricidade que se tornou uma característica que o acompanhou pelo resto de sua vida artística. É dele também a exigência da realização de várias takes da mesma gravação, algo inédito até então nos estúdios. Com essas suas exigências, o universo musical passou a conhecer a tal "batida diferente" introduzida por ele. Nessa sua primeira gravação, juntou-se à sua performance interpretativa tanto a poesia simples e coloquial de Vinícius quanto as experiências dissonantes provocadas pelo maestro Tom Jobim. Em resumo, era o advento de uma forma "suave" que passou a fazer parte do nosso samba, cantado de forma suave e intimista que, mesmo sem enfatizar, por exemplo, uma grande extensão vocal, claro, fazia realçar uma nova forma de articular as palavras, fazendo sobressair o já diferenciado som do seu violão cujo toque beirava o perfeccionismo.

Chega o momento adequado ao lançamento dos seus três primeiros LPs, que deram

configuração ao estilo bossa-novista.

No primeiro (março de 1959), produzido por Aloysio de Oliveira e com arranjos de Tom Jobim, destaque para 'Chega de Saudade' e 'Bim Bom', ambas lançadas antes em 78 rpm e com destaque ainda para novas releituras de 'Morena Boca de Ouro' (Ary Barroso e Luis Peixoto), 'Rosa Morena' (Dorival Caymmi) e 'Aos Pés da Cruz' (Marino Pinto e Zé da Zilda), além de apresentar os novos compositores Carlos Lyra e Ronaldo Boscoli, com outra joia no estilo BN, 'Lobo Bobo'.

O segundo álbum (abril de 1960), 'O Amor, O Sorriso e a Flor', traz 'Samba de Uma Nota Só' (Tom Jobim e Newton Mendonça) e 'Outra Vez', esta antes já gravada por Dick Farney (Continental, 1954) e Elizeth Cardoso (Festa, 1958). Este álbum foi o primeiro dele a ser lançado nos Estados Unidos, sob o pomposo título de 'Brazil's Brilliant João Gilberto'.

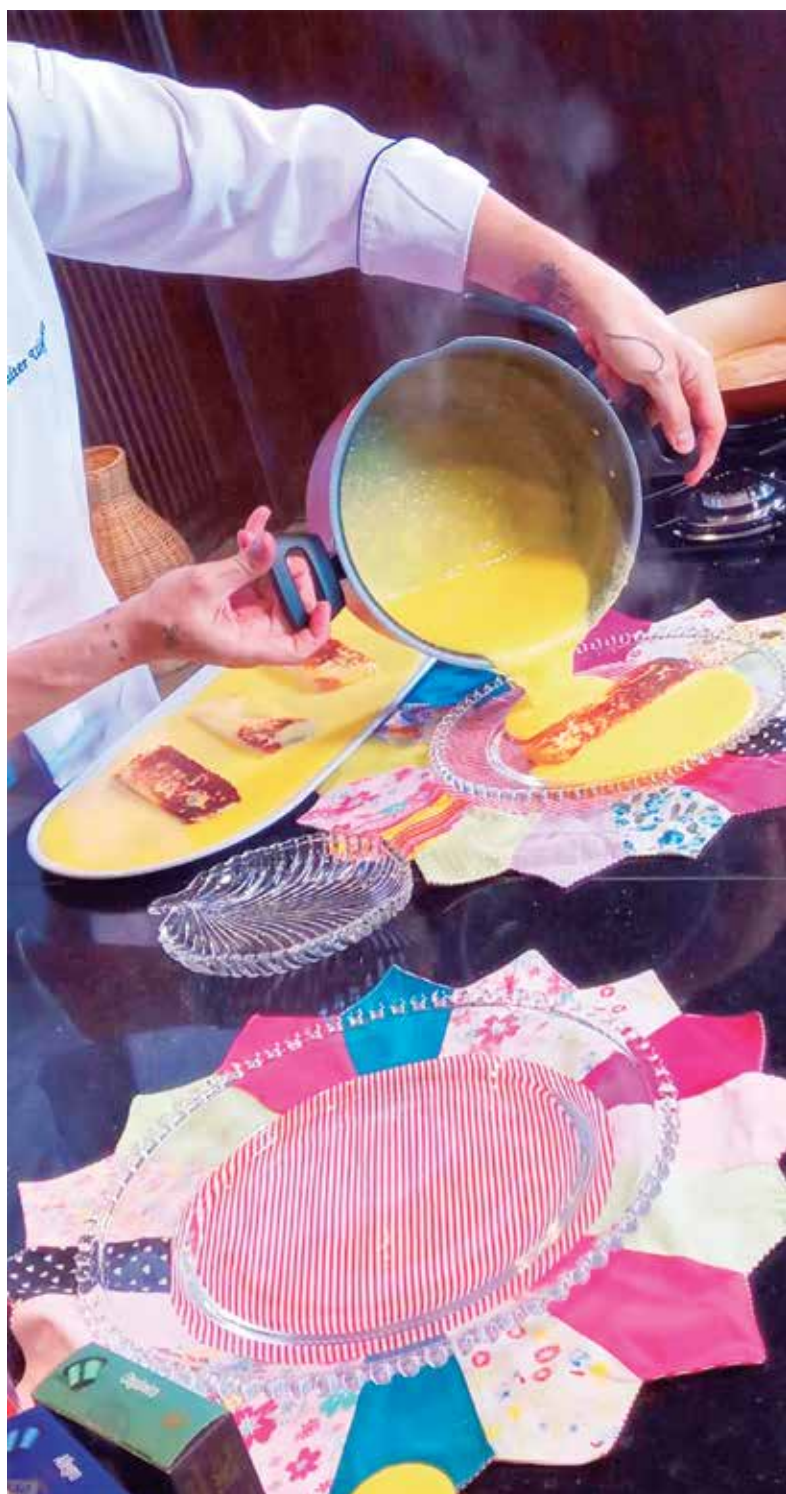
João Gilberto foi simplesmente o nome do álbum que completa a trilogia inicial da Bossa-Nova. Com acompanhamento do tecladista Walter Wanderley, ele retoma a releitura de sucessos, como 'Samba de Minha Terra' e 'Saudade de Bahia' (ambas de Caymmi), além de lançar a dupla de compositores Roberto Menescal e Ronaldo Boscoli, com 'Barquinho', também gravado (1961) por Maysa, no seu antológico álbum homônimo.

Daí em diante, após o First Bossa Nova at Carnegie Hall, em 1962, João Gilberto fixou residência nos Estados Unidos, onde se tornou um mito da MPB, sobretudo após a aproximação dele com o saxofonista Stan Getz.

Mas, aí já será outra história.



Fotos: Divulgação



Walter Ulysses

Chef de cozinha
| Colaborador

Olha pro céu, meu amor!

Quem diria que o nordestino iria voltar ao normal, e sem máscaras, e ao São João, que está batendo à porta!

A maior festa que o nordestino de sangue raiz ama de verdade, com sua gastronomia diferenciada de estado para estado, nomes que já dão água na boca. Já estou ouvindo o chiado do chinelo do nordestino já agregando os empregos direto e indireto, ou seja seu ganha pão. Festa que o nordestino sonha em ter uma roupa bem feita, um sapato à altura do terno a vestir. Esperar a dama para dançar a quadrilha ou ao menos um forró apertado de se suar todo. Pois quem gosta, gosta com vontade.

Difícil encontrar quem troque uma noite de São João por qualquer outra coisa. Até porque o zoadado da sanfona, do zabumba e do triângulo é diferenciado e encanta até quem não sabe o que está falando, nem muito menos tem conhecimento do linguajar nordestinês.

Este é o ano de matar a saudade, de ter o cheiro da fogueira queimando, do milho assado, da comida encontrada nas maiores festas juninas de nossa região.

Campina Grande, com o Maior São João do Mundo. Bananeiras, com seu frio gostoso, que faz com que o forró seja mais apertado e familiar. Santa Luzia, a cidade que ensinou o mundo a dançar forró...

Cidade onde tem a Fazenda Barra, que sempre uma semana antes do São João realiza o famoso São João da Barra. Esse ano comemoraria 24 anos de tradição, organizado pelo meu sogro Beranger Araújo. O homem faz questão de chamar a quadrilha para o salão. Patos, com seu calor gostoso que anima o terreiro do forró, ou mesmo o famoso coreto de Patos. Sousa, a terra dos dinossauros com seu São João tradicional. Cajazeiras, com seu famoso Chamegão, que em tempo em tempo muda de local... Eita que como canta em poesia o grande Flávio José, "tum-tum-tum, bate coração..."; é a saudade que fica esperando dias melhores no fim do túnel. E os artistas locais... Esses temos que valorizar, pois passaram muitas dificuldades; até fome de verdade. A música é o que melhor que sabem fazer.

Quem nunca esperou a raspa do tacho de uma canjica, comeu aquele bolo de milho quentinho com café na hora que sai? Mungunzá doce e salgado da minha sogra Fátima Arruda, delícia de lambe os beijos, pamonha de várias formas, salgadas, doces, e muitas outras comidas juninas em aglomerações, seja na casa, no sítio ou na cidade, que antes você passava o São João.

E agora podemos acender a fogueira e comemorar com a família e amigos, seja lá onde for.

Mas, como tudo na vida, nós nordestinos temos nossa forma de ser diferente: faça seu São João, seja onde for com sua família, sem aglomeração, aproveite para fazer as encomendas nos locais que estão fazendo comidas típicas, esse também é um momento especial. Viver com quem você ama é especial também. Veja as opções de pedidos nas redes sociais e faça valer seu São João.

E não esqueça: se você conhecer alguém da classe artística de nossa região e se você puder ajudar, contrate um raiz da nossa terra para tocar na sua festa.

Este ano, mais uma vez, a música do saudoso Luiz Gonzaga será com toda certeza diferente, mas não vamos esquecer.

"A fogueira tá queimando/ Em homenagem a São João/ O forró já começou/ Vamos gente, rapapé nesse salão".

Saudades do São João! Mas este ano é diferente...

Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lymaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de tv e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

PRATO DO DIA

Canjica rápida de liquidificador

Ingredientes

- 10 latas de milho verde
- 1 litro de leite de coco
- 1 xícara e meia rasa de açúcar
- 1 colher de sobremesa de sal
- 2 colheres de sopa de manteiga
- Canela em pó a gosto
- Queijo de coalho para assar (acompanhamento)

Modo de preparo

■ Abra as latas de milho verde sem a água. Liquidifique os grãos com a metade do leite de coco. Passe em uma peneira para deixar só o caldo. Leve ao fogo com o sal. Mexa até engrossar, colocando o restante do leite de coco até sentir que está grosso. Ao levantar a colher e a massa cair devagar, coloque o açúcar e continue mexendo, tem que ter força para mexer. Por último, a manteiga. Deixe cozinhar por 20 minutos. Caso necessite de mais açúcar e sal, tempere novamente (a gosto). Retire do fogo e com ajuda de uma concha coloque nas travessas ou taças. Sirva com canela e o queijo de coalho assado.

QUENTINHAS

Para quem vai estar em casa no São João, vou dar uma dica. Uma cesta deliciosa da Sublime Dolci junina na sua casa, com bolo de pé de moleque 300g, bolo de pamonha de forno 300g, bolo de macaxeira 300g, bolo de rolo de paçoca 300g, bolo de rolo de milho 300g, torradinha de bolo de rolo 100g, canjica 400g, quatro palhas italianas de amendoim crocante, quatro bem-casados personalizados de bolo de rolo de goiabada. Com entrega inclusa para toda João Pessoa, por apenas R\$ 150,00. Tá esperando o que? Chama no direct do meu Instagram @sublimedolci ou no telefone 99801-6096.

Meat Up Açougue e Restaurante, uma proposta fora do normal. A experiência que estive lá foi das melhores possíveis. Local que foge do churrasco tradicional e entra no churrasco americano, com um sabor e toque especial e original, com sua personalidade própria e isso é que vai em encontro ao que é fundamental na gastronomia. Um cardápio variado e vale a pena comer um pouco de tudo. Parabéns! Vão conhecer que garanto que não irão se arrepender. Seu Instagram: @meatupbr. Contato: 3035-7818.

PITADAS A GOSTO

Os historiadores apontam que as origens da festa junina estão diretamente relacionadas a festividades pagãs realizadas na Europa na passagem da primavera para o verão, momento chamado de solstício de verão. Essas festas eram realizadas como forma de afastar os maus espíritos e qualquer praga que pudesse atingir a colheita. Para melhor entendermos isso, é preciso considerar que o solstício de verão no hemisfério norte acontece exatamente no mês de junho.

As comemorações realizadas por diferentes povos pagãos europeus começaram a ser cristianizadas a partir do momento em que o Cristianismo se consolidou como a principal religião do continente europeu. Assim, a festa originalmente pagã foi incorporada ao calendário festivo do catolicismo.

Essa foi uma prática comum da Igreja Católica. Para facilitar a conversão dos diferentes povos pagãos, fazia-se uma aculturação das festividades, adicionando-as ao calendário católico e acrescentando nelas elementos cristãos. Outra festa na qual essa prática se repetiu, por exemplo, foi a comemoração do Natal, que acontece todo mês de dezembro.

A cristianização da festa está diretamente relacionada ao estabelecimento de comemorações de importantes figuras do catolicismo, exatamente na época da passagem para o verão, entre as quais se destacam Santo Antônio (homenageado dia 13 de junho), São João (dia 24) e São Pedro (dia 29). Por fim, muitos elementos típicos das comemorações pagãs ganharam novo significado.